REVISTA DA SEMANA

Nº 23 ★ 10-6-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil







NO TEXTO:
ROMARIA A FATIMA


PRH-9
10h.
3h.
16h.
23
21h.
5h.
pela primeira vez no Brasil
7h.
PRH 9
A Bandeirantes não sai mais do ar!
11h.
24 horas divertindo e informando!
1h.
Primeira e única no Brasil, a RÁDIO BANDEIRANTES está no ar, dia e noite, ininterruptamente, proporcionando aos seus ouvintes: programas educativos, entretenimentos, reportagens, "furos" políticos e esportivos, notícias internacionais, etc.. A qualquer hora sintonize seu rádio para a mais popular emissora paulista — a sua BANDEIRANTES!
24h.
6h.
2h.
4h.
RÁDIO BANDEIRANTES
SENTINELA AVANÇADA DO ESPAÇO!
14h.
Ag. Pettinati

A desconhecida do Sena

...“cette Inconnue de la Seine que l'on trouve, precisement, chez Pes nombreux marchands d'articles d'art du quartier, et qui est le moulage d'une noyée de vingt ans.”
ANDRÉ SALMON — “SAINT-GERMAIN-DES PRES”.

ELA é apenas a Desconhecida do Sena, pois ninguém sabe quem teria sido essa pálida menina que, afogando-se aos vinte anos, por motivos ignorados e, com certeza, tristes motivos — a miséria ou o amor, o frio ou o abandono — viria depois, como um gentil fantasma, povoar as noites ruidosas e efêmeras de Saint-Germain-des-Prés, entre “swings” doidos e canções contudo sentimentais, entre pinturas abstratas e poemas lancinantes, poemas doridos como os de Madeleine Auerbach, “serpent-feu” que passeia entre o Café de Flore e os Deux Magots seus ardentes vinte anos e sua silhueta ondulante...

Ninguém sabe. Melhor. Se alguém soubesse, ela não teria êsse batismo lírico que a envolve de mistério, como, antes, a envolveram as águas do Sena onde ela mergulhou seu corpo adolescente, afogando sua alma e sua dor, por uma tarde triste — triste como só sabem ser as tardes de Paris, as longas, lângues, lentas tardes de Paris que têm pena de acabar, pena de ir embora...

Diante de sua máscara de afogada, exposta nas lojas de objetos de arte, em Saint-Germain-des-Prés, diante daquele rostinho magro e tranquilo, daqueles cabelos escorridos, caindo-lhe pelos ombros adolescentes, aquêles cabelos que parecem ainda molhados das águas do Sena, — não é possível a gente não se comover, não se entristecer, não conjecturar... Pensamos em Mimi Pinson, a pobrezinha, loura e gentil como a Desconhecida do Sena:

"Elle n'a qu'une robe au monde
Et qu'un bonnet."

E pensamos também, naquela menina da praça da Concórdia, cujo retrato nos deu Jacques Prévert, nos seus versos que parecem uma água-tinta de Touchagues:

"À jeun perdue glacée
Toute seule sans un sou
Une fille de seize ans
Immobile debout
Place de la Concorde
A midi le Quinze Aout."

Será ela? Seria ela, por certo, com fome, perdida, gelada de frio, no abandono e na miséria — seria a Desconhecida do Sena que Prévert encontrou, na praça da Concórdia, naquela tarde de agôsto...

A Desconhecida do Sena não tem uma história. Assim, nós a procuramos nos poetas — que contam a história das criaturas sem história. Ela não teve história, teve uma tragédia, a tragédia que as águas do Sena, as velhas águas do Sena — essas águas que correm, que correm, como na canção — arrastaram entre sombras, para o mar distante... História não teve. Era um pardalzinho anônimo e franzino das ruas, dos jardins de Paris... Seus passos, leves, levavam-na levemente, por aquelas alamedas, por aquêles plátanos, por aquelas acácias e ciprestes, entre lilases, através das avenidas e das praças... Seus braços finos pareciam azas implumes, tentando voar... Não teve uma história, o pardalzinho triste que se afogou no Sena... Não teve mais que a sua dor escondida, apertada ao peito magro, pelas mãozinhas frias e vazias... Não teve mais que a sua tragédia, obscura, calada, apenas sacudida, às vêzes, nos seus soluços...

Ficamos conjecturando, assim, diante de seu rostinho melancólico que a morte eternizou, a morte, a boa morte, a morte maternal, mais doce com ela do que a vida, embalando nas águas do rio o seu último sono... A morte mais generosa com ela do que a vida que não lhe deu nada — nada mais que a sua mágoa e uma tarde triste e as águas do velho rio que corre, que corre cheio de legendas e tragédias, para ela afogar a sua mágoa, para envolver-lhe o frágil corpo de criança e sufocar o seu último soluço... A morte, a suave morte que lhe deu a serenidade e o encanto da linda e louca Ofélia, coroada de flores, boiando entre os nenúfares... A suave morte que a trouxe para a vida, que a tirou do fundo escuro do rio — do fundo escuro do destino — para nos dar essa figura tão quieta e tão doce, tão comovente de beleza, de juventude e de mistério, como uma flor que morreu... A morte que lhe pôs, enfim, êsse nome de poesia e de sonho — "L'Inconnue de la Seine"...

E então nos parece que já a vimos, antes, tão familiar, tão próximo, tão íntimo nosso é êsse rostinho magro e triste, sob os longos, louros cabelos molhados e escorridos... Onde, onde seria, que nós a encontramos da outra vez?... Com certeza foi mesmo um poeta que, um dia uma noite, nos mostrou alguém assim, com a sua tristeza e a sua mocidade, numa outra noite de Paris, numa velha noite de Paris... Naquela velha noite, as ruas estavam mergulhadas nas trevas, batidas pelo vento, molhadas do aguaceiro... E na lôbrega taberna, entre bêbedos e dados, envôlto em sua capa negra, desesperado e só, o magro Jacques Rolla...

— "C'est tu maigre Rolla?"...

Foi com êle que encontramos Maria, Marion... "Uma criança de quinze anos — já quase uma mulher"...

"Elle dort, regardez: — quel front noble et candide!
Partout, comme un lait pur sur une onde limpide
Le ciel sur la beauté répandit la pudeur..."

Foi Maria, a loura Marion de quinze anos, que conhecemos naquela velha noite, sinistra e aziaga, em que se matou o infame Rolla... Maria! Ela também, era assim triste, assim jovem, magrinha e loura assim... Também sofria e também estava com os cabelos molhados, porque atravessara a noite tempestuosa e fria:

— "Tes cheveux sont mouillés"...

E' com ela que tu te pareces, Desconhecida do Sena, de cabelos molhados... Com ela que tu te pareces como uma irmã... Tu que também, como a loura Maria de quinze anos e de olhos azuis — que Musset nos contou — atravessaste uma noite de tempestade, de frio, de chuva e de lama, essa noite que apagou o azul dos teus olhos, lindos e infelizes... E afogaste no Sena tua tragédia obscura, sufocando os teus últimos soluços, desfazendo tuas lágrimas nas águas que correm, que correm e que vão para o mar distante, essas águas do Sena, cheias de silêncio e de sombras...

EDMUNDO LYS



CARMEN AMAYA

RITMO, SEDUÇÃO E MISTÉRIO GITANO, DA ESPANHA PARA O BRASIL



LA REINA DEL TACONO FLAMENCO, possui o tipo característico do grupo étnico proveniente da mistura dos mouros com os ibéricos e com os ciganos. «Gitanos», os nômades da Espanha tem músicas e danças peculiares, empregando o sapateado. Usam a técnica do bailado clássico, que pode, como vemos abaixo, ser adaptado perfeitamente à música popular.

RITMOS GITANOS NO RIO



CARMEN AMAYA, A MORENA DE GRANADA, PELA TERCEIRA VEZ NO BRASIL --- DANÇA POR INSTINTO --- TODA UMA FAMILIA DE BAILARINOS --- TEMPORADA NO RIO MAL ORIENTADA.

Reportagem de SABINO CANALINI

JÁ ao entrar no teatro, êsse deslocado e ignorado Teatro República, ouvimos os estálidos característicos das castanholas e os "taconeos" trepidantes dos sapatos dos artistas no assoalho do palco. A música, ora triste e apaixonada, ora excitante, apesar de cheia de lamentos, transportou-nos às terras ensolaradas espanholas. Procuramos a primeira figura do



CARMEN não teve mestres, senão o destino que a impelia a dançar ao som das músicas populares da península ibériba. Hoje, porém, é professora das moças que integram o conjunto que com ela se exibe no Rio, e que pode ser visto na foto acima, em parte, voluteando à manera clássica para servir de coreografia a um número da artista central, Carmen Amaya

elenco, Carmen Amaya, cujo nome é conhecido quase no mundo todo. Estava descansando em seu apertado camarim e conversava com algumas pessoas da Delegação da Espanha em nosso país. Fomos atendidos pela mãe da artista, demos nossas credenciais e ela apressou-se em chamar a filha:

— Carmen, la prensa, apurate!

E foi assim que viemos a conhecer a irrequieta filha de Granada, o último rincão espanhol a ser libertado por Fernando e Isabel, os reis católicos, do domínio mouro. E foi nisso justamente que pensamos quando a vimos. Baixinha, morena de olhos e cabelos pretos, magra, nervosa, feições delicadas, não esconde sua remota origem da mistura do sangue mouro com os "jitanos" ibéricos. Em volta, as paredes estavam cheias de saias, corpetes, blusas, boleros multicores; chales, lenços de sêda, grandes e reluzentes brincos em forma de aro, colares de medalhas e moedas; uma pequena tolette cheia de vidros de perfume, pó de arroz, cremes, o espelho, a imagem de uma santa e o têrço. Nesse ambiente heterogêneo e exótico, Carmen responde às nossas primeiras perguntas. Seus olhos pararam, com certeza estava vendo sua

(Cont. na pág. 48)



UMA DAS BAILARINAS caracterizada de gitana, castanholas nas mãos, braços levantados em plena evolução.



CARMEN AMAYA, a da direita, e sua irmã Antonia. As duas e mais outra irmã de nome Leonor, são o forte do elenco, juntamente com os rapazes, vários dos quais, também parentes da «capitana», chefe e responsável pelo grupo de ballet.









AS MÃOS DE CARMEN

OS RITMOS ESPANHÓIS NÃO SE CIRCUNSCREVEM APENAS AOS MOVIMENTOS DO CORPO E AOS TACONEOS. AS MÃOS GIRAM TAMBÉM

REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ N.º 23 ★ 10-6-950

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

PARAÍBANOS PARA O RIO



O fenômeno de demografia dinâmica em franco desenvolvimento em todo o nordeste do Brasil, merece as atenções dos nossos governos. O fato não é novo, mas é cada vez mais grave. Lemos num vespertino desta capital um telegrama da Asap, datado de 24, no qual se diz que um vapor do Loide Brasileiro zarpara de Cabedelo, pôrto que serve a João Pessoa, capital da Paraíba, repleto de passageiros de terceira classe com destino ao Rio e não levara mais porque já estava com sua capacidade de lotação completamente esgotada e mesmo excedida. Eram cem nordestinos, cem paraibanos que abandonavam o solo natal e vinham buscar novos horizontes de vida na capital federal onde tudo lhes parece favorável. Não sabemos do destino que os aguardou aqui, ao chegarem. Sabemos, porém, que a vida no Rio não é assim tão risonha ao trabalhador. Talvez sejam mais altos os salários em confronto com os que são pagos na Paraíba, no Ceará, no Rio Grande do Norte; mas, já pensaram êsses emigrantes na desproporção evidente do custo da vida entre o Rio e as cidades do Nordeste? Esta capital é um fascínio para o brasileiro, especialmente o filho do nordeste. Nascer, aprender a ler, escrever e contar e despejar-se para a Guanabara. Quando os nossos filmes naturais ou de longa metragem apresentam aos nordestinos aspectos do Rio, todo mundo fica em coceiras para embarcar no dia seguinte... Sim, o Rio como centro de turismo, com seus passeios e encantos sem rival no mundo inteiro; o Rio dos bons restaurantes e de hotéis de praia; o Rio da Cascatinha, da Volta da Tijuca, do Corcovado, Pão de Açúcar, Silvestre e outros deslumbramentos, é um Rio que o emigrante nordestino jamais conhecerá. Para êle será o Rio da favela, do purgatório dos transportes, da desilusão.

O DESTINO DO ESTADO DO RIO



O Estado do Rio, pela sua situação geográfica em relação à capital federal; com sua principal cidade figurando como irmã siamesa do Rio; com uma das residências do Presidente da República instalada numa de suas cidades mais famosas, o Estado do Rio chega a confundir-se com o Rio de Janeiro em face dos destinos de ambas, tão ligados e entrosados vivem êles. O Município Neutro ou o Distrito Federal sempre foram pedaços da terra fluminense, e, quem mora em Niterói sempre acha que reside num bairro da Cidade Maravilhosa, e bairro chique, de praias incomparáveis, de areias brancas e «vilas» encantadas. O Estado do Rio é o maior amigo do Rio de Janeiro. De lá nos vêm hortaliças, bananas, frutas em geral, leite, queijo, artigos manufaturados, vidros, goiabadas e... energia elétrica! Quem visita o Rio e não vai a Petrópolis é o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa. Não há quem enriqueça sem provar a certidão de sua abastança: uma residência de verão em Petrópolis. Morar em Petrópolis ou passar o verão lá é assim como quem diz: privo da amizade dos Deuses do Olimpo... Uma coisa meio divina. Mas o Estado do Rio também se recomenda ao Brasil inteiro pelo contingente de seus homens de escol, nas letras, nas artes, na política, na administração pública. Entretanto, não há divulgação dêsses méritos e, quando se fala no Estado do Rio é para fazer-se confrontos heterogêneos entre sua capital e a Cidade Maravilhosa. Ou então para referir-se aos mosquitos da Baixada Fluminense. Pois, senhores, está-se construindo uma obra no Estado do Rio, da qual vai depender a vida, o progresso, a civilização do Rio de Janeiro: a do aproveitamento hidráulico do Vale do Paraíba, para fornecimento de quase um bilhão de kilowatts! E' ainda o Estado do Rio vindo em auxílio do Distrito Federal...

PROTEÇÃO AO CINEMA NACIONAL



..Conforme as novas resoluções da autoridade competente, foi aumentado, de 1 para 6, o número de filmes brasileiros de longa metragem que os cinemas de todo o país têm de exibir, anualmente. Essa resolução já vem muito tarde. Desde que os estúdios nacionais começaram a movimentar-se e a produzir melhor, dando-nos algumas produções aceitáveis, obtendo sucesso sensacional êxito de bilheteria, faltava apenas que os exibidores não mais resistissem ao dever de programar os filmes brasileiros. O produtor nacional de filme de enrêdo ainda não progrediu suficientemente por falta de casas de exibição para seus celulóides. Cumprida pelos cinemas a anterior cota de obrigatoriedade, quatro filmes por ano, não mais se pensava em filme nacional. Ora, isso criava uma espécie de círculo vicioso: os produtores brasileiros não produziam bons filmes porque não encontravam mercado, e os exibidores não exibiam os nossos filmes porque êstes não prestavam... Ambos estavam com a razão. O mercado brasileiro se habituou com o filme norte-americano, indústria que já atingiu o seu apogeu. E' hoje, aliás, êste país, o melhor mercado para as produções de Hollywood. Segundo dizem, mandamos para lá, anualmente, cêrca de um milhão de contos de réis em troca de abacaxis e pieguices de todo gênero. Salvam-se alguns filmes de caráter histórico e os desenhos animados e coloridos de Disney e da MGM. Agora, porém, já temos maior chance para fazer filmes. O de que se precisa, porém, é de ajuda oficial ou particular aos produtores de capacidade e valor comprovados. Desde que haja recursos financeiros, bons técnicos, surgirão, excelentes artistas serão descobertos e os próprios cinemas disputarão o filme, sem precisar da imposição da Lei.

OS CÃES NA PRAIA



Apareceram entre pessoas que costumam tomar seus banhos de mar em Copacabana, demorando-se horas a fio sob os raios do sol, uma moléstia incômoda a que já deram o provisório nome de «dermatose aborrecida». Em verdade, tôda ela é aborrecida. Qual a dermatose que não aborrece o seu portador? Mas essa das praias da zona sul é a aborrecida número um. Comparecendo um dêsses atacados ao consultório de médico especialista, depois de acurado exame foi o facultativo levado a crer que se trata de uma infecção proveniente de cachorros. Dermatose é têrmo algo precioso, um eufemismo para disfarçar o «rabuge» dos cães. Mas, francamente, será mesmo que os cães de Copacabana, Leme, Ipanema e Leblon estão assim tão identificados com os donos e semelhantes a ponto de lhes transmitir uma doença que sempre foi a marca registrada dos senhores caninos? Eis aí um problema e bastante sério. O cão é hoje parte da família aristocrática ou grã-fina lá pela zona sul. Uma residência pode não ter uma biblioteca, um par de filhos, um santuário, quadros de artistas nacionais ou estrangeiros: mas um cachorro, pelo menos, lá isso tem! A evolução da era do cachorro é um fato visível. Quantas vêzes ouvimos exclamações como estas lá em Copacabana, Leblon, ou Leme: «Fulana! (a criada) Já deu comida aos meus filhos?» A gente pensa que se trata mesmo de filhos, de gente, de algum cristão, mas, em verdade, se trata de cachorros! Pois são êstes «filhos» da grã-finagem da zona sul que estão inçando de rabuge» as areias daquelas praias encantadoras. E tempo chegará em que exibir dermatose canina será uma honra!

A PERSONAGEM DA SEMANA

OS Estados Unidos são o país das estatísticas. Sua meticulosidade em todos os setores das observações humanas, é mundialmente conhecida e admirada. E' esta uma das mais interessantes e úteis áreas da técnica: a estatística. Recentemente foi realizada naquele país uma inquirição popular sob a responsabilidade de uma organização especializada no assunto, a respeito do que pensava o povo norte-americano em face de uma nova guerra, a temida «terceira guerra mundial». Depois de vários meses de inquérito por todos os ângulos da imensa extensão territorial daquele grande país, foi apurado o resultado total, obtendo-se a seguinte colheita: o povo norte-americano teme que haja guerra dentro de cinco anos. O espírito de estatística dos Estados Unidos divulgou, pois, uma faceta de seu espírito de organização, mostrando aos dirigentes do país que o povo está temeroso de uma nova guerra. O Presidente Truman, em palestra com os jornalistas em Washington declarou, porém, que tem a impressão de que hoje está o mundo mais próximo da paz do que em qualquer outro momento dos últimos cinco anos. Acrescentou ainda que está fazendo tudo o que pode para impedir a guerra de qualquer sorte que seja e que está trabalhando para ajudar a ONU (Organização das Nações Unidas) a lograr o mesmo objetivo. Tôdas estas palavras do Presidente dos Estados Unidos foram pronunciadas em face daquêle inquérito a que aludimos acima, em resposta à pergunta que, sôbre tal fato, lhe dirigiu um dos jornalistas na audiência que costuma dar aos profissionais da imprensa norte-americana. Antes dêsse inquérito, e antes, portanto, das expressões tranquilizadoras do sr. Harry Truman, o sr. Trygvie Lie, Secretário Geral das Nações Unidas, um tanto alarmado com as notícias de intensificação da chamada «guerra fria» entre o Ocidente e o Oriente, decidiu avistar-se com o chefe do Kremlin e com os demais estadistas da França e da Inglaterra, com o propósito de encontrar meios para conjurar os perigos de uma guerra de tiros. Trygve Lie, depois de conversar com os governos da França e da Inglaterra, seguiu para Moscou, disposto a tudo fazer para apaziguar o mundo. No mesmo dia de sua chegada à capital da URSS, foi êle apresentado ao Kremlin, tendo demorada conferência com os altos membros do govêrno soviético. Dessa entrevista nada transpirou, tendo prometido Lie, aos correspondentes de jornais em Moscou, que só diria alguma coisa, depois de re-avistar-se com as potências ocidentais. Trygve Lie, que se tem devotado na ONU à causa da paz entre tôdas as nações, recebeu o apoio moral do mundo em intranquilidade, manifestando-se a imprensa, associações culturais, legisladores, etc., em apoio à idéia de mútuos entendimentos, para que se evite uma terceira conflagração mundial. Regressando aos Estados Unidos, o Secretário Geral da ONU vê coroada de êxito sua missão, diante das expressões do Presidente Truman. A personalidade do sr. Lie assume nesta hora um relêvo especial, até porque o seu desejo de paz não oculta outra intenção. Parece sincero.



O Sr. Trygve Lie



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUEM REPRESENTOU O BRASIL NA CONFERÊNCIA DA PAZ EM 1919, DEPOIS DA GRANDE GUERRA:

— Rui Barbosa?
— Epitácio Pessoa?
— Raul Fernandes?

2 QUEM DIVULGOU O USO DO FUMO NA FRANÇA:

— Luís XV
— Napoleão?
— Jean Nicot?

3 DE QUE ESTADISTA BRASILEIRO É A LEI DE PROIBIÇÃO DO TRÁFICO DE ESCRAVOS:

— Eusébio de Queiroz?
— Visconde do Rio Branco?
— Afonso Celso?

4 DE ONDE VEIO A CASA DA MOEDA DO RIO:

— De Ouro Preto
— Da Bahia?
— De Olinda?

5 QUEM FOI NÍSIA FLORESTA:

— Grande poetisa e educadora?
— Revolucionária de 1817?
— Uma heroína do Paraguai?

6 QUAL A MULHER QUE FOI COGNOMINADA «MÃE DOS BRASILEIROS»:

— A Princesa Isabel?
— D. Teresa Cristina?
— Ana Néri?

7 EM QUE DATA SE COMEMORA O «DIA DAS MÃES»:

— A 13 de abril?
— A 24 de dezembro?
— No segundo domingo de maio?

8 DESDE QUANDO SE CELEBRA NO BRASIL O «DIA DAS MÃES»:

— 1932?
— 1935?
— 1922?

9 EM QUE ÉPOCA FOI APRESENTADA, NO RIO, PELA PRIMEIRA VEZ, A ÓPERA «O ESCRAVO», DE CARLOS GOMES:

— 26-9-1889?
— 15-11-1900?
— 30-5-1888?

10 EM QUANTO TEMPO CARLOS GOMES ESCREVEU O «CONDOR», ÓPERA A PEDIDO DO SCALA DE MILÃO:

— Cinco meses?
— Meio ano?
— Menos de um mês?

11 POR QUE MOTIVO O REI D. CARLOS, DE PORTUGAL, AGRACIOU CARLOS GOMES COM A COMENDA DE S. TIAGO:

— Depois de ter assistido à ópera «O Guarani»?
— Pela ópera «O Escravo»?
— Em homenagem ao Brasil?

12 QUAL O ARTISTA DE HOLLYWOOD QUE OBTEVE O PRIMEIRO PRÊMIO COMO O MELHOR DE 1947:

— Clark Gable?
— Ray Miland?
— Spencer Tracy?

13 QUE FÊZ O CONQUISTADOR DO MÉXICO, FERNANDO CÔRTES, PARA EVITAR QUE OS SEUS COMANDADOS RECUASSEM DA AVENTURA VOLTANDO À ESPANHA:

— Fuzilou os chefes do motim?
— Desistiu também da empreitada?
— Incendiou os seus navios?

14 QUAL O MAIOR RIO DA ÁSIA:

— Hi-Ho?
— Iangtsé?
— Kiang-Po?

15 QUAL A MAIOR FIGURA DO CLERO CATÓLICO NAS LUTAS DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL:

— O bispo D. Vital?
— Frei Henrique de Coimbra?
— O cônego Januário da Cunha Barbosa?

16 QUANTOS DENTES TEM A TARTARUGA:

— Dez?
— Nenhum?
— Vinte e dois?

17 QUAL DESTAS ARTISTAS OBTEVE O LAUREL DE «A MELHOR» DO CINEMA NORTE-AMERICANO EM 1947:

— Betty Davis?
— Greer Garson?
— Joan Crawford?

18 QUANTAS VÊSES OCUPOU A PRINCESA ISABEL O TRONO DO BRASIL, COMO REGENTE DO IMPÉRIO NA AUSÊNCIA DE D. PEDRO II:

— Uma só?
— Duas vêzes?
— Ou três?

19 QUAL O MAIOR E MAIS VOLUMOSO ANIMAL DE QUANTOS VIVEM NO MUNDO:

— A baleia?
— O hipopótamo?
— O elefante?

20 QUAL O PLANETA DE NOSSO SISTEMA QUE USA ANEIS:

— Netuno?
— Saturno?
— Júpiter?

(Respostas na pág. 58)

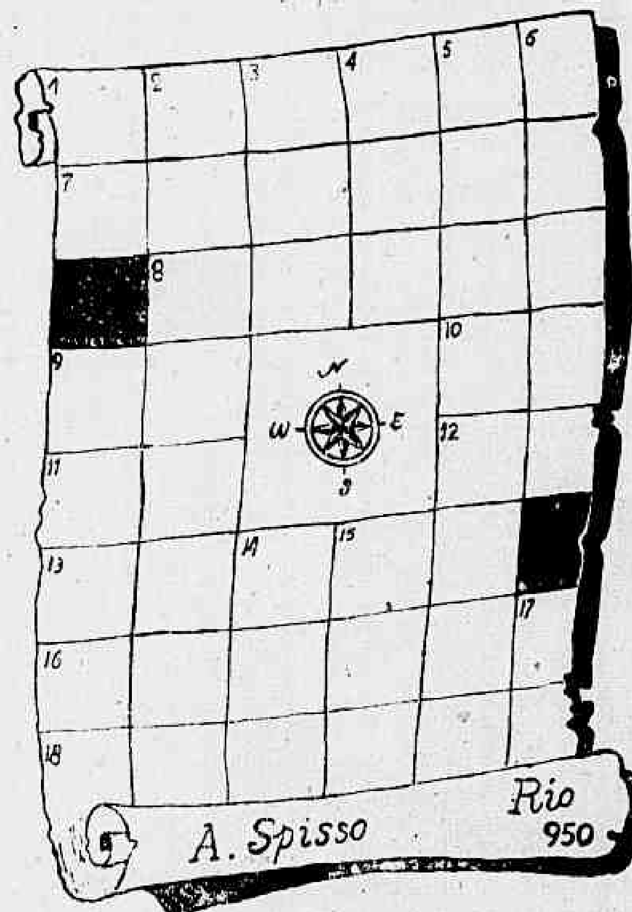
PALAVRAS CRUZADAS

PARA VETERANOS

PROBLEMA N. 5

HORIZONTAIS: 1. Embate de onda — 7. Filete que orla (pl.) — 8. Espécie de antílope — 9. 4.ª nota musical — 10. Alcançar — 11. Prefixo que exprime tendência, aproximação — 12. Simples — 13. Lobinho — 16. Perdera o tino — 18. Raciocinar.

VERTICAIS: 1. Grande número — 2. Arqueadura — 3. Embocadura do rio — 4. Antiga montanha da Grécia — 5. Depurara — 6. Planta também chamada «orelha humana» — 9. Advogar — 14. Pixe — 15. Um dos primeiros imperadores da China — 17. Garbo.



PARA NOVATOS

PROBLEMA N. 5

HORIZONTAIS: 1. Cachorro — 4. Estudar — 5. Não é barata — 6. Unidade de medidas agrárias — 7. O irmão do pai — 8. Rio da Sibéria.

VERTICAIS: 1. Espécie de corneta de som estridente — 2. Que vive no ar — 3. Reza — 5. Procuro.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

PARA NOVATOS — **Horizontais:** Ama — Al — Tacada — Cama — Cacete — Abades. **Verticais:** Macaca — Alameda — Acaba — Date — Cá — És.

PARA VETERANOS — **Horizontais:** Côr — Ar — Rã — Pé — Or — Idólatra — Ri — Ota — Rosela. **Verticais:** Oplos — Reate — Ror — Rir — Adir — Ram — Tal.

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



TERMINADA a representação de «As Mãos de Eurídice», o público subiu ao palco para aclamar o intérprete Rodolfo Mayer, que aqui aparece junto com o autor da peça, Pedro Bloch.

JÁ SE FAZ TEATRO SÉRIO NO BRASIL

"AS MÃOS DE EURÍDICE" EMPOLGOU !

EXTRAORDINÁRIO TRIUNFO DE RODOLFO MAYER NA INTERPRETAÇÃO DA PEÇA PARA UM SÓ ATOR, ESCRITA POR PEDRO BLOCH ★ A HISTÓRIA DE "AS MÃOS DE EURÍDICE" ★ RODOLFO MAYER EXCURSIONARÁ POR TODO O BRASIL!

Texto de ARMANDO PACHECO

NO P.E.N. Clube do Brasil teve lugar a apresentação, num ambiente de cultura em que se notava a presença de escritores, elementos destacados do corpo diplomático, intelectuais e artistas e uma platéia das mais cultas, de "As mãos de Euridice", uma peça escrita por Pedro Bloch, um espetáculo completo, interpretado por um único artista, o consagrado ator brasileiro Rodolfo Mayer.

O sucesso desta representação pode ser classificado de verdadeiramente espetacular, pois, no final, quase tôda a platéia, quis invadir o palco e muitos o fizeram, para felicitar o autor e o intérprete da peça mais original já apresentada entre nós.

Nas fotografias que se seguem tentaremos dar uma idéia de como nasceu "As mãos de Euridice" e de como foi recebida a sua primeira apresentação entre nós.

Pedro Bloch, que numa das gravuras



A ESPECTADORA, consultada, opina sôbre o que o ator lhe está mostrando do palco.



CONTRARIANDO as técnicas usuais, Rodolfo Mayer faz a platéia participar da peça

vemos ditando para a sua espôsa, teve a idéia de fazer uma peça completa para um só personagem, sem usar dos truques comuns como o telefone, personagens invisíveis, discos ou recursos artificiais de qualquer natureza. Partiu do princípio de que o personagem não devia falar consigo mesmo, mas fazer com que a platéia participasse do espetáculo de maneira direta. Quis fazer uma peça de um só personagem em que não pudesse caber um outro personagem, mesmo que o autor assim o quisesse. Depois de ter feito a leitura para um grupo de intelectuais e artistas, Rodolfo Mayer se entusiasmou pelo trabalho de Pedro Bloch e começou a ensaiá-lo. Trabalho dificílimo, a êle dedicou o consagrado ator brasileiro todos os momentos de folga, todos os momentos que a sua incessante atividade no rádio, no cinema, no teatro e nas gravações, lhe deixavam livres. Conseguiu, finalmente, integrar-se no personagem e decorar um texto dificílimo, dando-lhe tôdas as nuanças e tôda a vibração, tôda a vida e todo o contraste requeridos. O dr. Cláudio de Sousa, presidente do P.E.N. Clube e membro da Academia Brasileira de Letras, soube da peça e convidou Pedro Bloch para que dela fizesse uma leitura. Logo que a ouviu marcou, imediatamente a data, confiando, inteiramente, na fôrça e na beleza do original que acabara de ouvir. Uma platéia das mais seletas lotou e superlotou o teatro do P.E.N. Clube. Centenas de pessoas tiveram de se retirar por falta de espaço. Abre-se o pano e a peça tem início. Logo nos primeiros momentos o notável escritor que é Joaquim Ribeiro, autor de tantos trabalhos de valor, exclamou sem se poder conter: — "Mas isto está *infernal!*". Rodolfo Mayer começava a definir o tipo que interpretava, começava a interessar a platéia, começava a burilar a interpretação de seu trabalho, depois de um demorado e cuidadoso estudo. No início da peça, pelas primeiras palavras do famoso astro, a assistência começava a sentir que está diante de algo fora do comum. A interpretação vai ganhando colorido e vulto. O personagem vai se definindo cada vez mais. Cada vez mais o interêsse da platéia cresce. De fato "As mãos de Eurídice" começou surpreendendo pelo inesperado, pela fôrça, pela originalidade, pelo tema e pela belíssima tese que defendia. Aos primeiros instantes muitos eram os que achavam quase impossível que um único ator pudesse manter em suspenso um auditório habituado a todos os truques de teatro. Aos primeiros instantes muitos imaginavam que a peça fôsse cair por falta de outros artistas. Mas Rodolfo Mayer, inesperadamente, começa a fazer com que a platéia participe da peça. Subitamente, a técnica faz com que tôda a platéia tome parte ativa no espetáculo. Pouco a pouco o interêsse vai crescendo e o intérprete, obedecendo a um original verdadeiramente fora do comum, começa a invadir a assistência, começa a fazer com que a peça deixe de ser uma peça de um personagem e se torne uma peça de centenas de personagens, em que tôda uma platéia vibra, sente, opina, julga, recebe esclarecimentos diretos e intervém. A esta altura já muitos não conseguem ficar em seus lugares. A curiosidade e o interêsse



DECORADO o papel, o artista ensaiou longa e demoradamente, durante os seus momentos de folga, o texto dificílimo.





VEMOS o autor Pedro Bloch quando apresentava ao público a peça «As Mãos de Eurídice»

faz com que muitos se levantem para participar mais diretamente do espetáculo. Nuns a reação é a de admiração. Outros se assustam. Êste tem receio que o ator lhe venha solicitar a opinião. Aquêle olha uma radiografia e considera o caso apresentado. Rodolfo, entretanto, vai se impondo cada vez mais. Neste momento êle já está senhor da situação. A platéia já sabe que tem um papel ativo a desempenhar na peça. Um murmúrio surprêso corre tôda a assistência. Até que ponto um ator só poderá emocioná-la, até que ponto um intérprete poderá conquistá-la? Não. Decididamente não se tratava de um monólogo. Tratava-se de uma peça fora da bitola comum que interessava e entusiasmava a platéia, cada vez mais. Em dado momento o ator desce até a platéia. O palco já perdeu sua função. Êle se integrou, inteiramente, no papel e conseguiu que a platéia tôda participasse de seu drama. Aos poucos vai-se desvendando o mistério que o envolve. Aos poucos se tem conhecimento da tese da peça e de tudo o que aconteceu. Quase tôda a assistência chora. Poucos conseguem disfarçar sua emoção. Velhos e moços, homens e mulheres sentem tôda a fôrça daquele drama e não podem ocultar sua emoção. Depois vem o desfêcho imprevisto e inapelável. Aconteceu então algo de notável. Tôda a platéia invadiu o palco para abraçar o autor e o intérprete maravilhoso. A expressão do rosto de Rodolfo Mayer, que aqui aparece junto a Pedro Bloch, o admirável autor de "As mãos de Euridice", diz mais do que a palavra. Foi uma verdadeira consagração. Uma verdadeira apoteose que obrigou o P.E.N. Clube a abrir uma exceção sem precedentes: — "As mãos de Euridice" será apresentada novamente e, coisa incrivel, a maioria dos espectadores já quer ver, novamente, esta peça verdadeiramente excepcional!

EM CIMA, o autor ditando para a espôsa o original da peça para um só ator, único personagem. Em baixo, flagrante que dá uma idéia do interêsse despertado no público pela peça.



BOM HUMOR

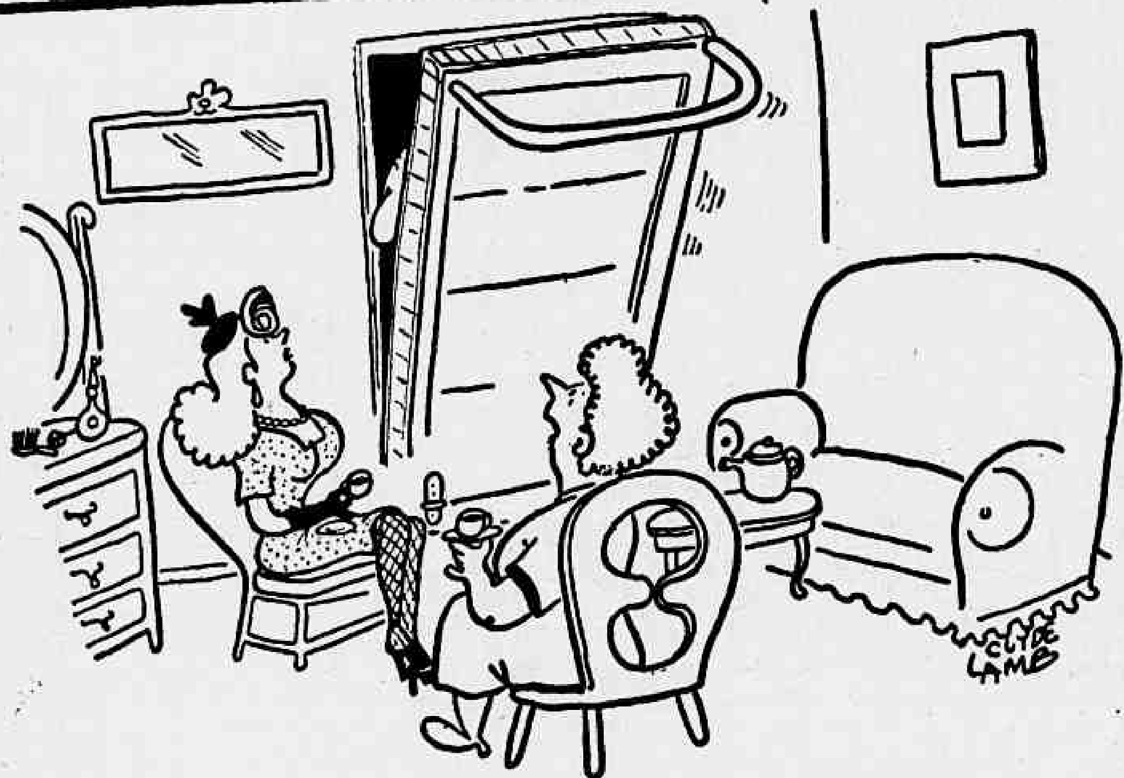


— E depois de tudo isto o sr. ainda quer que dê maçãs?!...









— Ah! agora você acordou!...



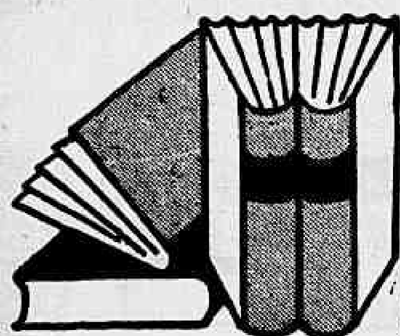
— Estava em MEU NOME, querida; por isso tomei a liberdade de abri-la...



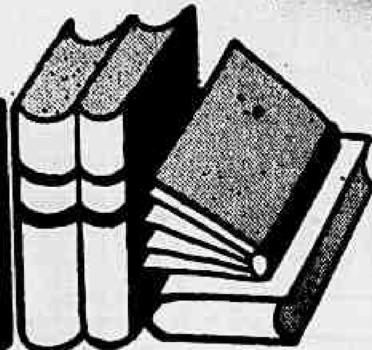
— Não, não, querida, não estou criticando, estou apenas comentando...



— Se você fôsse solteiro, o que?!...



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

UM POETA ESQUECIDO

JÁ ouviram falar no Marquês de Sapucaí. Pelo menos há aí uma feia rua com o seu nome e, ao menos por isso, o seu título não é tão estranho ao carioca contemporâneo. Hoje, porque sucedesse passar por aquela rua feia, lembrou-nos o poeta tão esquecido.

Poeta, sim. O Marquês de Sapucaí, além de político evidente, foi poeta de prestígio no seu tempo, na época da Independência e da Regência. José de Araújo Viana, que era o seu nome — tornou-se até famoso pelo seu poema, depois pôsto em música, que algumas antologias conservaram — "As violetas". São os seguintes os singelos versos, em redondilhas de gôsto popular, que o sêco Sílvio Romero achava superiores a todo o volume de Magalhães, "Mistérios e cânticos fúnebres":

"Da planta que mais prezavas,
que era, filha, os teus amôres,
venho de pranto orvalhadas
trazer-te as primeiras flores...

Em vez de afagar-te o seio,
de enfeitar-te as lindas tranças,
perfumarão esta lousa
do jazigo em que descansas...

Já lhes falta aquêle viço
que o teu desvêlo lhas dava.
Gelou-se a mão protetora,
que tão fagueira as regava...

Desgraçadas violetas
a fim prematuro correm...
Pobres flores! Também sentem,
também de saudades morrem...

Mas não foi êsse lirismo elegíaco que caracterizou, principalmente, a musa de Sapucaí. Êle foi um humorista de "verve", um satírico que não temos lembrado de colocar na árvore poética de que Emílio de Menezes foi um rebento glorioso. Ainda na velhice, o poeta versejava e tinha facilidade no chiste e no improviso. Como certa feita, quando linda moçoila — naquela época elas eram moçoilas mesmo — lhe apresentou o fatal álbum de lembranças que as meninas de hoje em dia preferem dar a autografar aos "astros" de Hollywood, que baixam do céu cinematográfico no aeroporto carioca. E o Marquês de Sapucaí escreveu:

"Menina, leva o teu álbum,
não bulas comigo, não:
se as pernas andar não podem,
inda pula o coração..."

GALERIA DAS CELEBRIDADES



MÁRIO DE ANDRADE é certamente a maior figura literária aparecida no Brasil neste meio século. Poeta e prosador, crítico, musicólogo, ensaísta, de uma extraordinária capacidade de trabalho, foi um dos grandes mestres da literatura contemporânea. Marca uma idade em nossa evolução e foi o líder do movimento de renovação em nossas letras. Sua obra recente ainda não ganhou a projeção que terá em poucos anos. Mas as influências que exerceu Mário de Andrade aí estão, sensíveis em quase tôda a nossa atividade literária, depois do movimento modernista, estendendo-se pelas artes plásticas, pela música, pela crítica. Aqui está Mário de Andrade num desenho de Zina Aita, datado de 1923



EM CASA DE JAIME DE BARROS — Os escritores e jornalistas brasileiros que visitaram há pouco a França, a convite do govêrno daquele país, demoraram-se em Paris, onde foram muito festejados, não só pelas autoridades francesas como, também, pela colônia brasileira ali domiciliada. O escritor Jaime de Barros, nosso cônsul em Paris, ofereceu-lhes uma recepção, em sua residência, possibilitando-lhes contato com a sociedade parisiense, com escritores, artistas e jornalistas franceses. A foto acima fixa um aspecto da encantadora reunião em casa do distinto casal de escritores Marina-Jaime de Barros, vendo-se, da esquerda para a direita: o escritor Enéas Ferraz, cônsul geral; Aníbal Fernandes, diretor do "Diário de Pernambuco"; Paul Coopman, da Embaixada da França, no Rio; Edmundo Lys e o poeta Sérvulo de Melo, que representou a Agência Nacional

POESIA E PUBLICIDADE

ESTAMOS relendo, neste momento, com renovado encanto, a segunda edição das «Memórias», de João Daudt Filho, e nos ocorre que foi êle o grande iniciador da moderna publicidade farmacêutica no Brasil. Foi com êsse glorioso pioneiro de nossa indústria farmacêutica que se iniciou a nova técnica dos anúncios de produtos de farmácia. Os Laboratórios do «Bromil», da «Saúde da Mulher», do «Odol», dêsses produtos que se firmaram no conceito público graças à sua excelência, lançaram entre nós os cartazes modernos, executados por artistas notáveis, os «slogans» convincentes, as «chapas» com ilustrações fotográficas posadas, à maneira da publicidade americana. Ao mesmo tempo, graças ao prestígio literário dêsse belo e fino poeta que era Felipe d'Oliveira, a emprêsa possuía, a seu serviço, um grupo de escritores e poetas, a fina flor da geração néo-simbolista, à frente dos quais figurava o nome de Alvaro Moreyra, durante muito tempo diretor do «Almanaque da Saúde da Mulher».

Foi êsse exemplo da publicidade inteligente que orientou os grandes laboratórios nacionais na remodelação dos arcaicos processos de anúncio. E tôdas as nossas indústrias lucraram com a lição, equipando-se com verdadeiros escritores para dar classe à sua publicidade.

E' certo que Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Belmiro Braga, Coelho Neto e outros grandes poetas e prosadores nossos, fizeram anúncios comerciais. Eram, porém, versos de circunstância, obra esporádica e, no geral, improvisada por urgência de numerário ou em pagamento de contas. Depois de João Daudt Filho é que a publicidade arregimentou escritores e poetas como colaboradores efetivos, isso muito antes de as grandes agências americanas assalariar o talento criador de Guilherme Figueiredo, Origenes Lessa e outros valores literários do momento.

Castro Meneses, o belo e fino poeta e prosador que nos deu «Jardim de Heloisa», dirigiu a «Revista Sousa Cruz» que, em certo momento, foi o melhor mensário de letras do Brasil. Depois do prematuro desaparecimento do nosso Castrucio, Murilo Araújo, um dos nomes mais altos da nossa poesia, assumiu aquêle pôsto, pondo a sua lira a serviço da indústria de cigarros. Bastos Tigre presta o concurso de sua musa alegre, consagrada pela popularidade de D. Xiquote, à indústria farmacêutica. Henrique Pongetti, mestre da ironia e do sarcasmo, revelou ao Brasil, nas páginas efêmeras de um magazine também de propaganda de cigarros, não apenas algumas de suas melhores páginas, mas as de Guido de Verona, de Pitigrilli e de outros modernos escritores italianos até então ignorados no Brasil.

Outros, naturalmente muitos outros escritores, antes como hoje — todos depois do grupo reunido por João Daudt Filho — se dividem entre a literatura e a publicidade, aliás, um gênero literário fascinante, pela habilidade que requer e pelos proventos que dele resultam, com grande vantagem para os literatos e para a própria indústria.

O ESPIRITO DE BELMIRO BRAGA

Belmiro Braga, o delicioso poeta mineiro, nunca perdia a oportunidade de fazer espírito. A Câmara Municipal de Juiz de Fora, onde o autor de «Montezinas» residia, mantinha um departamento de meteorologia. Para que a população pudesse ter conhecimento das previsões do tempo, o diretor daquele instituto usava três bandeiras de côres diferentes: uma para anunciar bom tempo, outra para o tempo variável e outra para o mau tempo. O que levou o poeta com a sua doce malícia a dizer:

— «A bandeira que o Creusol arvora para anunciar o bom tempo já está estragada pelo mau tempo...»

O TORMENTO DOS ESCRITORES

Flaubert perdia o sono cada vez que mandava uma página para o prelo; levantava à meia noite, como assaltado por um pesadelo, para fazer uma correção ou modificar uma frase que lhe estava perturbando a mente, impedindo-o de dormir. Rubem Dario chorava se encontrava um êrro de impressão no que escrevia. Valle-Inclan chegou a enviar dois padrinhos ao diretor de uma revista onde foram estropiados alguns de seus versos. Guerra Junqueiro também era assim: sofria os maiores terrores por causa dos tipógrafos.

FONTE INVISIVEL

Sôbre o último livro de Augusto Frederico Schmidt, publicou Antônio Olinto, em sua seção literária de «O Globo»:

«A poesia pode morrer, a qualquer instante. Os elementos que a formam, são frágeis, precisam de solidão para que sua autenticidade não seja corroida, para que as palavras não suplantem a emoção. Coisa misteriosa, a palavra. O sentido vem do fundo, a entidade poética descoberta, sai do nada em busca da expressão e encontra uma estrutura de sons, gasta por todos os usos, prostituida pelo cotidiano, consumida pelo vazio. Não só a palavra morre, como também tudo o que a ela não se une, em adequação exata, no necessário equilíbrio de emoção e artesanato.

Augusto Frederico Schmidt escreveu alguns dos melhores poemas da língua portuguêsa. Trouxe, para a poesia moderna, um senso de proporção que só encontramos nos que hoje chamamos de clássicos. Agora, no entanto, na «Fonte invisível», sinto que está faltando alguma coisa a Schmidt, sinto que a facilidade poética tenta dominar suas fontes de emoção. Êste apêgo à técnica reveste o poema de uma camada superficial, dando-lhe um certo que de parnasianismo e provocando uma falta de ritmo, não pròpriamente na construção externa da poesia, mas lá no fundo, no que ela tem de essencial, de primário, de autêntico. Daí, o fato de a maioria dos poemas de «Fonte Invisível» ter um aspecto de descrição, sem o halo de mistério e descoberta pròpria da poesia. Isto acontece mesmo com aquêles, cujos temas propiciam o contacto direto com a parte interna da criação — como o «Sentimento da morte».

«Serei só eu a sentir a lenta morte do
[mundo
Ou todos os seres humanos, que vivem
[comigo,
Estão penetrados também, como eu, dês-
[te sentimento confuso e terrível?»

Schmidt deixou-se dominar pelo artesanato, pela técnica que o tempo foi aprimorando e, ao mesmo tempo, despindo de seu conteúdo. O maior perigo, que um poeta pode correr, é o da facilidade. E o domínio das palavras, que Schmidt conseguiu, afastou-o do cerne da poesia, deu-lhe a alegria próxima da fabricação, sem que a carne da criação fôsse ferida de verdade.

O mais belo poema do livro, «A fuga impossível», revela a angústia dêsse afastamento:

«Para onde fugir?
Os pássaros não mais estão
Cantando nas ramadas...

Para onde fugir?
Nesta idade,
Com êstes mortos
Dormindo na lembrança?
Para onde fugir?»

«Estrêla solitária» foi o livro em que Augusto Frederico Schmidt atingiu ao ápice de sua poesia. Ali, a fôrça vinha de dentro, de uma consciência acesa, diante do mundo das coisas, de uma percepção nítida dos caminhos da poesia. Na «Fonte invisível», existe uma nostalgia, que não chega a se constituir em motivo poético, ficando na tristeza estéril da coisa incriada.

A volta ao soneto, que se processa atualmente na poesia brasileira, é um sintoma de exaustão. Não pelo simples fato de ser soneto, mas pela facilidade com que a disciplina dos 14 versos é capaz de suster o vazio. O soneto em si é uma técnica como outra qualquer. Pode atingir o plano do genial. O que é falso é o retôrno insistente ao soneto, como se ali estivesse a única salvação da poesia, como se houvesse, em todos, uma grande saturação de formas poéticas.

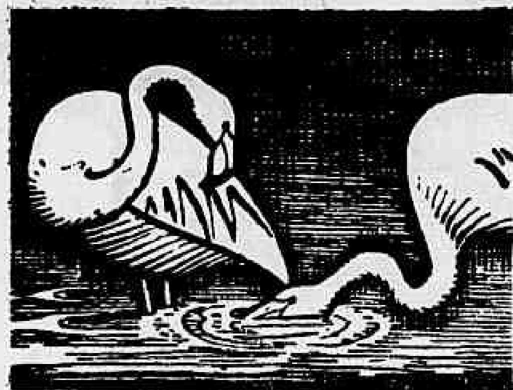
Augusto Frederico Schmidt precisa reencontrar o caminho da poesia, que já percorreu longamente em seus livros anteriores. A fôrça poética, que possui, não pode cair na facilidade. Deve ser preservada a todo custo, a golpes de solidão e de sofrimento, porque Schmidt é uma das vozes de mais realidade poética que o Brasil já teve».

FORA DO PRÊLO

CASIMIRO DE ABREU

O poeta Nilo Bruzzi, pondo de lado a lira com que cantou, com enternecidos acentos, o «Luar de Verona», um livro de versos coroado de merecido sucesso, entregou-se ao trabalho paciente do alfarrabista, objetivando uma biografia crítica de Casimiro de Abreu, quem, como a maioria de nossos vultos literários, não havia sido até agora, mais amplamente estudado. Publicando os capítulos de seu trabalho sôbre o «poeta do amor e da saudade», antes no «Jornal do Comércio», depois em livro, a obra de Nilo Bruzzi determinou um largo debate que alcançou, mesmo, a tribuna parlamentar do Estado do Rio, sendo alvo de severas críticas. O volume que temos em mão já traz, em apêndice, a réplica do autor aos que o atacaram, na Academia Fluminense de Letras e na Câmara dos Deputados do Estado do Rio. Parece-nos que a reação parlamentar foi determinada pela circunstância de ter o livro merecido um projeto de lei, no sentido de ser contemplado pela sua adoção nas escolas e por um prêmio destinado ao autor.

O obra de Nilo Bruzzi naturalmente viria levantar polêmicas. E' um livro de biografia não-romanceada, uma obra de crítica e de combate, destinada mesmo a espantar o nosso pacato mundo das letras. Entre nós ainda se respeita muito a moral burguesa e os críticos e biógrafos não têm



liberdade de movimento senão para endeusar as nossas figuras eminentes, dizendo delas que eram, além de sábias, verdadeiros anjos. Permanecemos — apesar de tôda a revisão modernista — nessa invencível zona do «ufanismo» a que fomos habituados de longa data, isto é, desde a carta de Pero Vaz Caminha. E os ousados, os irredutíveis como Antônio Tôrres um dia, Agripino Grieco outro dia, alguns mais, acabam vítimas dessa coligação ufanista para a qual a literatura brasileira é um jardinzinho de gênios e de bons moços.

O primeiro louvor que merece a obra que Nilo Bruzzi dedicou ao gênio poético de Casimiro está nessa coragem, nessa temeridade de investir contra a tradição e destruir a catita lenda que teceram ao poeta, como homem, de mistura com a sua coroa de louros. O segundo motivo do merecimento do livro está na sua documentação mediante o qual o bio-crítico pôde fazer suas intemeratas afirmações. Daqui dêste livro, Casimiro surge num retrato de corpo inteiro, com a sua fronte aureolada pelo gênio poético e os pés fincados na terra, na terra coberta de certa lama mesquinha e por onde é impossível deixar de passar. O gênio não evita aos homens — senão na santidade, às vêzes — essa passagem pelo lodaçal. Antes, no geral, os impele para lá. E' verdade que, mesmo aí, no caso de Casimiro, ainda podemos verificar que êle só foi mesquinho no ambiente de família. No trato com os amigos, na capacidade de grangear popularidade e causar simpatia, salvou-se o que nele existia de decência, de caráter. Se Nilo Bruzzi houvesse agido com simpatia — a indispensável simpatia pelo «caso», imprescindível a quantos assim estudam uma figura gloriosa — buscaria explicação para a conduta do homem, mostrando-lhe os fundamentos e a fatalidade, para não dissociá-lo de sua obra, não diminuí-lo nesta, até o ponto de criar um antagonismo inconciliável, entre o poeta e a sua poesia. E, talvez, ninguém mais do que Casimiro possa ser justificado pela sua conduta moral, por mais que tenha sido equivoco e pusilânime, nas suas relações com os parentes.

O autor, porém, se colocou numa atitude severa e parcial, quando exaltou o poeta e degradou o homem. Despresou elementos indispensáveis à crítica moderna, as lições com que a ciência psicológica de nossa época enriqueceu a crítica literária, com os quais poderia opulentar sua bem informada revisão biográfica de Casimiro — e êste é, a nosso ver, o defeito mais grave da obra.

Não vamos discutir aqui até onde o crítico, o bigrafo devam levar sua imparcialidade, nem discutir, ainda, o que seja essa imparcialidade. Qualquer que seja e vá ela a todos os extremos, o fato é que não deverá excluir nem aquela simpatia pelo assunto, nem a solidariedade com o indivíduo que estuda. Já antes dissemos todo nosso desprêso pelo ufanismo, pelo eudeusamento de nossos grandes homens — o que constitui também uma forma de parcialidade e de falseamento da verdade, não devendo ser, de forma alguma, não sendo realmente, uma atitude crítico-biográfica. Acontece porém, que Nilo Bruzi, fugindo ao convencionalismo, insistiu na isenção certo de que era o procedimento conveniente, no caso. Mas, quando denuncia sua simpatia pela obra de Casimiro, vai à exageração, agindo inversamente, exagerando também sua antipatia pela vida de Casimiro que nos apresenta com desprêzo — mais do que com ódio—incompatível portanto, pela atitude, com a imparcialidade, da justa medida e com a serenidade de que devera estar armado.

Falta, assim, certo equilíbrio ao livro. Trai-se o voto de isenção do autor. E, se não queríamos que êle faltasse à verdade e fugisse à documentação, também não desejávamos que se mostrasse assim apaixonado no sentido de suas idéias. E' o que nos parece ter acontecido no violento contraste que êle opõe entre Casimiro — poeta e Casimiro — homem. E' vêrdade que, a propsito da peça que o poeta escreveu em Lisboa, faz muitas restrições. Mas o derrame de louvores com que coroou as «Primaveras» é suficiente para provar o que estamos observando. De acôrdo com os mais recentes processos críticos, não é mais possivel sustentar-se sem justificativas, uma oposição tão fundamental. E não nos parece posível negar a Casimiro, com a documentação espiritual que nos legou nas «Primaveras» — traços humanos, doçura de sentimentos, bondade, generosidade. Essa análise do homem, através de sua obra, é que nos fica a dever o bigrafo de Casimiro de Abreu. Essa simpatia que não exclui a isenção faltou a Nilo Bruzzi. E, aqui, citamos o exemplo de Byron, de André Mourois. Byron é, nessa obra, um homem monstruoso, examinado com a verdade e imparcialidade. Mas, com simpatia, a simpatia do autor pelo seu assunto. O biógrafo não se manteve irreconciliável com o crítico e sentimos, em tôda a obra, que Mourois fêz aproximar as duas formas da personalidade de Byron, sua vida e sua obra, até o ponto em que elas intercorrem, resultando num todo indissociável, redimindo-se o homem pelo seu gênio, pelos sofrimentos, por sua tragédia. Para Nilo Bruzi, Casimiro é o poeta máximo do Brasil, mas a lenda do mocinho morto à flor dos anos, com o gênio sufocado pelo pai brutal, era de um postiço irritante. Irritou-se, destruiu abundantemente e a lenda, mas não reparou que, com isso, destruia sua outra tese — a da grandeza poética de Casimiro. O biógrafo lesou o crítico e, por mais que êle elogie a obra de Casimiro, já a dissociou tanto do poeta que não chegamos às suas conclusões, de acôrdo com os elementos que nos fornecem.

E aqui estamos em outro ponto fraco da obra. Falta-lhe, certo método, certa organização. Está merecendo uma revisão cuidadosa. Assim parece-nos mais rica na sua colheita, na sua pesquisa e na sua documentação, do que no próprio trabalho do escritor, exposição do seu assunto, na análise de seu caso.

De qualquer forma, «Casimiro de Abreu» (Editora Aurora, Rio), enriquece nossa paupérrima e tão falseada bicicleta e é um livro de combate, destinado a despertar interêsse pela obra casimiriana e pelo estudo de sua personalidade. Nunca se falou tanto, por exemplo, de Antônio Nobre, nem tanto se estudou sua obra, como depois do corrosivo panfleto que lhe dedicou, há alguns anos, na série **Os Bárbaros**, o cáustico Albino Forjaz Sampaio. Podemos não estar total ou parcialmente de acôrdo com obras como estas — mas, na realidade, são fecundas e criadoras, por mais que pareçam destrutivas, merecendo respeito pela honestidade de seus propósitos, pelo labor imenso que exige ao seu autor, principalmente num meio como o nosso, onde o trabalho de alfarrabista é árduo e ingrato, tal o descaso administrativo por quanto se refere aos fenômenos do espírito.

PASSEIO DENTRO DA VIDA

Dante de Melo vem de publicar êste «Passeio dentro da vida» (Pongetti, Rio) que constitui obra de inegáveis méritos pela forma agradável e interessante da narrativa e, sobretudo, pelo assunto tão pouco explorado, de que trata.

Militar, o autor nos dá suas recordações da vida de caserna. Mais do que um romance — aqui temos um livro de memórias, vivido e cheio de notações curiosas. Para ser romance, a «Passeio dentro da Vida» faltam os caracteres essenciais do gênero. Mas, isso, não representa defeito para o livro. Há apenas um equívoco de denominação. A verdade é que, para nós, a obra ganha em não ser romance, em conservar-se nos limites do memorial, com o seu inestimável acêrvo documentário sôbre a vida de caserna no Brasil, tratado o assunto em boa linguagem, em estilo atraente e, mais, com a vivência do assunto.

O livro de Dante de Melo, que interessará por certo, particularmente, às classes militares, é sempre agradável e útil a qualquer espécie de leitores. Dá-nos aspectos curiosos e pitorescos do país, em várias regiões, e nos dá, ainda, uma visão de nossos problemas, apreciados na caserna, entre oficiais e praças, como seja, sobretudo, o nosso regionalismo, pois o Exército é o grande encontro de representantes de tôdas as regiões de nosso país. E Dante de Melo tem acuidade de observação, senso de humor e real penetração crítica, pondo em cena seus companheiros de caserna e estudando-os, com simpatia e camaradagem.





MRS. SIMPSON, que passou a ser a duquesa de Windsor depois de desposar o ex-rei da Inglaterra, casamento morganático que deu que falar ao mundo inteiro, o que ainda ocorre.



O REI que renunciou ao mais poderoso trono do mundo para casar com a eleita de seu coração, e que agora é alvo das simpatias de certa parte da imprensa londrina a seu favor.

EXILADO PORQUE MUITO AMOU



S. A. R. o duque de Windsor, quando estava sendo atraído para o coração daquela que o privou das regalias da Coroa britânica, e o fêz deixar sua pátria até hoje.

VAI TERMINAR A PUNIÇÃO DE WINDSOR? ERGUE-SE NA INGLATERRA UMA CAMPANHA A FAVOR DO EX-REI DA INGLATERRA === VOLTARA' ELE A RESIDIR EM SUA PATRIA AO LADO DE SUA ESPOSA?

QUAL o motivo por que os heróis do mais belo romance de amor jamais visto entre gente de sangue azul, não podem voltar a morar na Inglaterra? Eis a pergunta que fazem hoje vários jornais de Londres. Êsses heróis, o duque e a duquesa de Windsor, continuam a apaixonar o público.

Por mais que mexam e remexam nos vastos arsenais das leis britânicas para encontrar-se um texto, um vestígio, um dispositivo legal que justifique a interdição contra o ex-rei da Grã-Bretanha, nada se pode encontrar. O penúltimo imperador das Índias, Duque de Windsor, ex-soberano da Coroa Britânica, está proibido de residir em terras de sua pátria, ao lado da espôsa. Sòmente poderá fazer à terra natal, visitas espaçadas e isso mesmo sem levar a mulher legítima, a famosa, elegante e culta Mrs. Simpson, para não escandalizar a Côrte...

Eduardo VIII, foi impiedosamente banido da Inglaterra. Castigado cruelmente porque muito amou.

Um dos órgãos de Londres, que está advogando a restituição do duque à pátria, o "Sunday Pictorial", diz num dos seus editoriais, o seguinte: "Todo mundo de bom senso deplora que, depois de treze anos, esteja êsse homem a viver como um proscrito, repelido pela nação à qual dedicou tantos anos de sua existência. Por isso faz o povo esta pergunta: porque não se põe um têrmo a êsse estado de coisas tão estúpido que já está a durar excessivamente?"

O grande jornal "Star", vespertino de imenso prestigio na massa popular, escreve o seguinte:

"Enquanto seus amigos estão fixados no próprio país natal, o duque de Windsor, com cinquenta anos, não pode viver senão em viagens constantes entre Paris, a Riviera, os Estados Unidos e, mui raramente, à Grã-Bretanha."

A última visita que o duque fêz à Inglaterra, não durou dois dias. Essa viagem pareceu mais uma peregrinação do que uma visita à casa paterna, como diria o poeta. Foi sòzinho, tendo a espôsa ficado em Paris. Chegando à capital de sua terra, êle se confundiu com o povo, não se fazendo reconhecer. O único momento que pôde, verdadeiramente gozar dos ares de sua terra, foi aquêle em que passou uma noitada no "White's", centro social do qual

era membro antes de subir ao trono. Para festejar sua visita a Londres, foi até ali jantou em companhia de quatro amigos da juventude: lord Brownlow, o major Metcalfe, seu camarada do front na primeira grande guerra, lord Grantley e lord Dudley.

Foi êsse amigo que proporcionou ao duque, nas últimas festas da Páscoa, na propriedade do Sunningdale, o prazer de rever sua sobrinha muito querida, a princesa Elizabeth, duquesa de Edinburgo.

Nesse jantar no clube de sua preferência, muito conversaram sôbre os belos tempos que se foram. Logo que acabou o cordial encontro dos quatro amigos com o duque, retomou êste a direção de Paris, para regressar à companhia da espôsa que o esperava.

Todos os motivos são aproveitados pela imprensa de Londres, que luta pela readmissão do duque de Windsor na comunidade da Coroa Real. Últimamente, o "Sunday Pictorial" escreveu êstes conceitos

"Dentro de alguns dias, quando o Rei dirigir à grande familia das nações do Commonwealth, a palavra do trono, uma figura continuará ausente da assembléia que reunirá em Sandringham, os membros da familia real.

Essa ausência — ajunta o jornal de Londres, se refere ao homem que, além de ser principe de Gales, foi considerado como o embaixador extraordinário da Grã-Bretanha, possuidor de uma popularidade incomum, ainda não conseguida por nenhum outro membro da familia real.

Desde 11 de dezembro de 1936, êsse homem, em companhia da mulher, pelo amor de quem renunciou ao mais opulento trono do mundo, leva uma vida incerta, circulando sem destino através do mundo, entregando-se às mais fúteis ocupações. Durante algum tempo, ao rebentar a segunda grande guerra, major-general das tropas britânicas, depois governador das Bahamas, um pôsto colonial de mínima importância, eis em resumo, as funções públicas de que o encarregaram.

Que é que impede de êle voltar ao seu pais e ai ocupar um pôsto digno de sua pessoa?" — indaga a imprensa a seu favor.

Eis as três razões vistas pelo "Sunday Pictorial": 1 — A resolução tomada por êle, quando abdicou o trono, de jamais aparecer em público na Grã-Bretanha; 2 — O fato de não querer a familia real da Inglaterra, de forma nenhuma, reconhecer oficialmente a duquesa de Windsor; e, por último (3), a vontade obstinada e persistente de certos membros da Coroa britânica de manter com êle qualquer contacto.

Mas é a razão número dois a mais grave de tôdas. O duque de Windsor não pode admitir, com efeito, que se recuse à sua mulher o tratamento devido automàticamente à espôsa de um filho de rei, isto é: Alteza Real. Poderia êle aceitar que em um jantar ou em uma outra cerimônia, a mulher de Sua Alteza Real, o duque de Windsor, não fôsse tratada no mesmo grau em que seria a espôsa de seu irmão S.A.R. (Sua Alteza Real) o duque de Gloucester, ou a viúva de seu irmão S.A.R. o duque de Kent? Sem considerar que, se sua mulher é vista como uma simples duquesa, proveniente das circunstâncias conhecidas, seria incluida entre as espôsas de todos os duques não reais da Inglaterra.

Também exige o duque de Windsor que a duquesa seja recebida pela rainha Mary e pela rainha Elizabeth e por elas tratadas como o são cunhadas.

No intimo, no fundo da questão, é para não expor sua mulher a vexames sociais que o duque de Windsor se condena a não voltar definitivamente ao seu país. Coloca, acima de tudo, o amor da espôsa, pela qual sacrificou um trono. Quando, em 1947, chegou êle ao têrmo de sua missão nas ilhas Bahamas, manteve com o Primeiro Ministro Attlee uma entrevista, no curso da qual foi examinada a possibilidade de ser-lhe confiado um novo pôsto, através do qual fôsse êle reintegrado, definitivamente, na vida ativa da Inglaterra.

Mas, apesar da boa-vontade e dos comentários, nada resultou de prático.

Com efeito, nos meios governamentais e nos centros palacianos em tôrno do Rei, pensa-se, com as necessárias discrições, que não se formaria espontâneamente em volta do duque de Windsor, uma segunda Côrte, caso êle voltasse a viver na Grã-Bretanha.

O "Sunday Pictorial" responde, ponto por ponto, a tôdas as objeções que são levantadas em relação à volta do antigo rei a quem o amor destronou. Diz o jornal: "A presença do duque na Inglaterra não apresenta nenhum motivo de embaraços para o rei. E' inegável que ninguém aproveitaria o caso para criar um problema politico capital."

Revela-se ainda que, segundo os circulos bem informados, estão convencidos de que o reconhecimento oficial da duquesa não causaria nenhum efeito nem teria repercussão séria. O divórcio, aceito hoje pela maioria das nações, não poderia constituir motivo de ostracismo. E' exato que, muitos individuos separados por divórcios são barrados de aproximação com a côrte; mas há exceções e dentre elas se registrou o fato de terem sido Mr. Laurence Olivier e sua espôsa lady Olivier (a estrêla Vivian Leigh) admitidos no seio de Ascot, na tribuna real. Ora, se a duquesa de Windsor já se divorciou duas vêzes, também já por duas vêzes, foi julgado favoràvelmente o respectivo processo de divórcio.

Na opinião do jornal "Star", que chefia a campanha dos "partisansy que defendem a volta do duque ao seio da pátria, só há um fator verdadeiramente sério contra êsse desejo: a má vontade de parte da familia real. Citam então o seguinte fato, muito comentado em Londres. No mesmo instante em que o duque chegava ao palácio de Buckingham para ver o rei, seu irmão, a rainha saia do mesmo palácio para ir a uma exposição. Depois que Windsor renunciou oa trono em benefício do mano, sua cunhada, a rainha Elizabeth só o viu rarissimas vêzes. Quando êle vai a Londres, chega à estação como se fôsse um estranho, um simples passageiro suburbano e nenhum membro da familia real o vai visitar, mesmo sabendo em que hotel ou casa de amigos está hospedado. A sua sobrinha Margaret, a quem êle dedica verdadeira afeição, não viu senão quando tinha ela seis anos.

Gritam os jornais, que se declararam contra essa odiosa restrição ao duque, que êsse interdito seja levantado e nada mais se possa opor a que êle retorne à sua terra e possa viver feliz ao lado de sua espôsa e dos membros da familia real libertados dêsses preconceitos. Todo mundo na Inglaterra olha com simpatia êsse movimento e muita gente acha mesmo que deviam esquecer o incidente amoroso que o incompatibilizou com o palácio de Buckingham, mostrando-se mais uma vez que a Familia Real da Grã-Bretanha é, acima de tudo, uma familia unida.

Aguardando isso, o antigo rei e imperador leva, em Paris, uma vida calma. Mora na Rue de la Faisanderie, 75, em apartamento alugado a M. Paul-Louis Weiler. Levanta-se cedo e, dirigindo o seu "Citroen" ou o "Ca-

(Cont. na pág. 47)



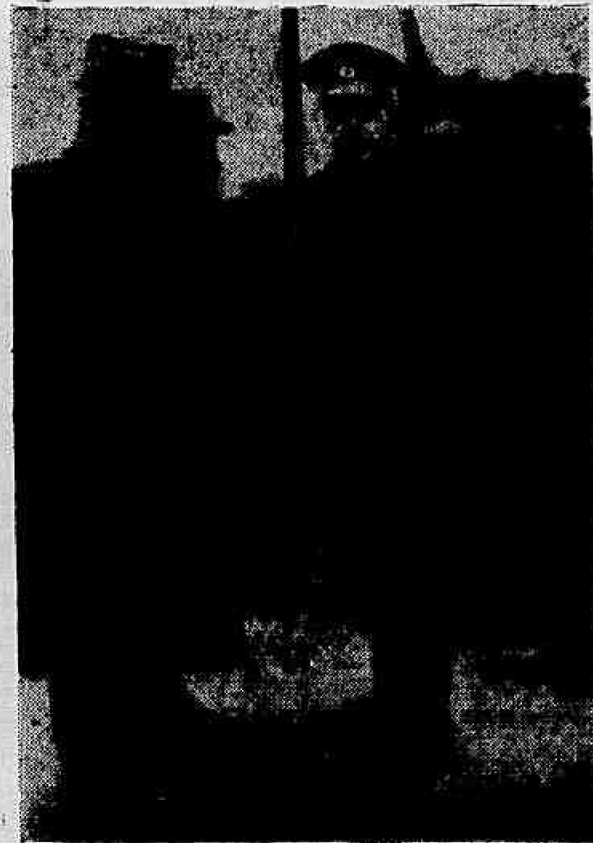
O DUQUE de Windsor aprecia o jazz. Aqui o vemos no hotel Greenbriar, em West-Virginia, a tocar «Au clair de la lune».



EM 1947, no castelo de «Croé», ao receber a visita de Winston Churchill, e sua espôsa, o duque de Windsor parece saudoso.



Em 1937, Mrs. Simpson é transformada em duquesa de Windsor, após a cerimônia em que o Maire de Monts os une para sempre.



Em 1939 a pátria exige os seus serviços e ei-lo como major-general do Exército Britânico na segunda grande guerra.



FOTOGRAFIA tomada diante do hotel de pequenina cidade francesa, quando o casal mais discutido do mundo aparecia a uma janela. Êles apreciam a vida campestre da França.

MAS SERÁ POSSIVEL?!...

NAQUELA tarde o doutor Constantino entrou no escritório barulhentamente, onde o aguardavam na saleta alguns indivíduos, e, já sentado junto à sua secretária, um moço magro, cara de réu. Foi logo batendo no ombro do colega, o doutor Tavares, que a entendia a uma senhora idosa:

— Pronto! Vou realizar, enfim, o meu ideal. Estou cheio das "granas", e vou sair dêste pandemônio dentro de poucos meses. Aquêle bilhete meu foi sorteado: dois milhões de cruzeiros, você sabe lá o que é isso?

O Tavares arregalou os olhos, e a senhora que com êle conversava, e o rapaz magro que o esperava sentado junto à sua carteira, fizeram um movimento de espanto, como se houvesse entrado ali um louco ou um homem caído do céu. Êle continuou, serenamente, mas levantando os braços com dramatismo:

— Sim, vou deixar a advocacia...

— Deixar a advocacia? — repetiu o companheiro, mais espantado ainda. Logo agora, que a sua clientela está aumentando de modo sensivel... Logo agora que você tira uns bagarotes de colher... qual! Você endoideceu.

— Endoideci? — deu uma risada: — Pois sim!

— E que vai fazer? Correr o Mundo? Realizar os planos de Júlio Verne? Furar a lua?

— Nada disso. Vou apenas comprar uma fazenda, enterrar-me no mato, em lugar onde houver tranquilidade de espírito, onde os homens forem mais humanos.

— Mas, sèriamente, isto é loucura. Você, que vivia sonhando ser um grande causídico, logo agora que pega nuns cobres, pensa largar tudo aí... Que ideal é êsse, enfim? Não entendo. Você se mentiu a si próprio...

— Nada, filho, você está sonhando. A vida foi que me mentiu, enchendo-me de ilusões. Depois vêm, como me vieram, as desilusões, que servem para fortalecer os músculos do espírito. Cheguei a êste têrmo, concluindo que tudo isso é servil. A profissão é sequência de servilismos. O argumento perdeu a sua fôrça e hoje, em muitos casos, em vez de apelarmos para o Direito, temos de recorrer para a bajulação. Quais são os melhores advogados? Os que vencem as questões, não é isto mesmo? Mas como? Com argumentos irredutíveis? Não. Mas com engodos, coxivos e prestígios políticos... Na França, há escolas de advocacia... Os julgadores, no mundo inteiro, respeitam os medalhões, mas, para se chegar a "medalhão", é preciso muita subserviência... E' como o negócio de judeu: o judeu é o homem mais gentil dêste mundo até o instante que consegue a assinatura da obrigação. Dai por diante, passa a ser carrasco, assume atitude autoritária, de mando. Êsses figurões são assim: rastejam vergonhosamente à porta de juízes, para, enfim, conseguirem a posição que conseguiram, do alto de uma situação econômica independente. O lema é enriquecer; para enriquecer, é preciso boa clientela; para se ter boa clientela, precisamos ganhar as questões, e, para ganhar as questões, é necessário rastejar.

— Mas, querido, se o carro pega pela conquista da independência financeira você de agora em diante será um "medalhão".

— Não duvido. Mas, já estou farto.

— Qual farto! Você está cansado. Vá descansar, vá à Europa ou aos Estados Unidos, e volte, isto é que é digno de um homem como você, inteligente, estudioso, capaz. Tudo o que se passa, é a vida.

— Bem, é a vida, não há dúvida. Mas com uma concepção errônea dos homens. O próprio direito está errado, desde que êle se assenta no conceito egoístico. Os homens lutam por um ideal sempre personalístico, repare. Capitalistas ou proletários, todos se agarram a um individualismo infernal. Ninguém quer ver a razão das coisas. Sei que a vida continuará errada tôda a vida.

— A sua alegria tôda, *seu* Constantino, é porque você tirou dois milhões na loteria, e pode viver independente, e falar com essa superioridade. Nada mais.

— Engana-se, querido. Todo o meu contentamento é porque vou afastar-me da podriqueira da civilização. Comprarei uma fazenda de zebus, cavalos, suínos e outros animais, irracionais mais humanos.

— Sabe? Você está todo contradição. Você poderá gostar dos seus futuros irracionais, mas isso justamente porque êles são servis. Você se queixa da servilidade, mas quer que os outros, mesmo irracionais, se submetam a você... Tudo é do homem.

★

Seis meses depois, o doutor Constantino se instalava, na realidade, no interior de Minas Gerais, com uma soberba fazenda de gado, pela qual pagara uma boa parte do dinheiro ganho "de colher". Casa magnífica, nada faltando do confôrto moderno, desde a garage com o respectivo automóvel à eletrola-rádio e à geladeira.

Para os misteres da fazenda doutor Constantino usava a montaria bem arriada, êle metido em perneiras bonitas, blusão de couro, chapéu de feltro, sempre com um sorriso carioca para os empregados, de modo que êstes se mostravam alegres com a sua presença. O vigor de atleta que adquirira com exercícios praianos se completava agora respirando o oxigênio das matas. O ar frio e sêco das montanhas lhe rosaram a pele denunciando a saúde que consumia.

De noite, quando não se punha a ouvir discos da sua predileção, ou a tomar conhecimento das notícias que as ondas artezianas lhe traziam pelo aparelho, ficava êle a refletir sôbre os vários problemas da lavoura e dos produtos que fabricava. Uma pequena indústria de laticínios, alimentava com os seus rendimentos, as despesas da fazenda, deixando-lhe ainda, um lucro suficiente a uma boa reserva. O programa, em suma, que trouxera para o interior, ia desenvolvendo sem dificuldade. O trato social que adquirira na civilização, em que se educara; os conhecimentos humanísticos e outras tolices vizinhas que aprendera quando estudante e depois como profissional, conduziam-no a saber desfazer, maneirosamente, as intrigas dos amigos. Sorria vaidoso das próprias façanhas junto à associação que existia na cidade, organizada por um grupo de lacticineiros. Como os outros, êle propugnava para o aumento dos produtos, pretendendo riqueza cada vez mais crescente. Ainda seria o maior industrial do ramo, pensava. Já era, pelo menos, a palavra mais acatada na classe.

(Cont. na pág. 47)



Conto de AVIO BRASIL **Ilust. de JERÔNIMO**

AINDA não há TELEVISÃO

Ainda bem que nem tôdas as estações de rádio cariocas têm televisão! Quando elas tiverem...

Aquêle "speaker" de voz aveludada terá que aparecer mascarado ao microfone. Quem terá coragem de falar em certas moléstias e aconselhar certos remédios?

Madame terá que cancelar o seu programa de modas intitulado "A arte de parecer bela", pois ninguém levará a sério as suas massagens e os seus cremes...

Êle não dirá a éla: "Minha figurinha de "biscuit", nem ela suspirará: "Meu príncipe encantado!..."

O doutor Matusalém não falará sôbre a conservação da mocidade por meio da ginástica sueca.

As figurinhas na tela serão bem arrumadinhas, mas fiquem certos de que ouvirão maior número de "batatas"...

PADROEIROS POPULARES DO BRASIL

O SANTO FUGIU DA MATRIZ PARA SUA HUMILDE ERMIDA

A Penha, no Rio; Bonfim, na Bahia; Nazaré, no Pará Ribamar, no Maranhão ★ Ligeiro histórico da romaria mais popular da terra de Gonçalves Dias e a lenda do seu Padroeiro: S. José de Ribamar ★ Presença da poesia nos festejos ★ Milagres atribuídos ao santo e as prendas dos fiéis

Reportagem de BARNABÉ DE CAMPOS

A TRADICIONAL igreja de S. José de Ribamar, no Maranhão, em dia de festa. Milhares de fiéis ali vão em romaria, procedentes até dos Estados vizinhos, cumprir promessas.

COMO a Penha, no Rio; Bonfim, na Bahia; e Nazaré, no Pará, o Maranhão também possui a sua grande festa popular: — São João de Ribamar. Não obstante a data consagrada ao Pai de Jesus seja 10 de março, sòmente no mês de setembro realiza-se a grande festa, que atrai milhares de fiéis, até mesmo dos Estados vizinhos.

A capela de São José de Ribamar, acha-se edificada na extremidade da ilha de São Luís, em frente à baia que tem o nome do Santo, distante 7 léguas da capital maranhense, num local bastante elevado, que tem de um dos lados uma bonita praia, própria para banhos salgados. O seu ar, muito puro, converteu Ribamar num pitoresco arrabalde, contando hoje com centenas de casas, muitas das quais edificadas por pessoas de recursos, que ali vão passar com suas famílias certos meses do ano.

A LENDA DE S. JOSÉ DE RIBAMAR

Em tôrno de São José de Ribamar, que todos os maranhenses veneram, giram as mais pitorescas lendas, principalmente sôbre sua origem. A que, porém, merece maior atenção, é a que tem sido contada em prosa e verso e mesmo utilizada até pelo clero. Conta a lenda que, outrora, um navio português, que demandava o pôrto de São Luís, enganando-se na barra, fôra ter à baía de São José, e, quando a tripulação assustada o via em perigo, houve uma voz que, cheia de fé, invocou a proteção do Santo, e imediatamente uma onda livrou o navio dos terríveis baixios que ali se encontram.

Passados muitos anos, regressou de Portugal o capitão dêste navio, trazendo a imagem do Santo. Levantou, em frente à baía, onde se deu o milagre, modesta ermida, em que o colocou.



A PRAIA de Ribamar, cheia de sol é procurada pelos habitantes da cidades e de remotos pontos, dista sete léguas de São Luís. Seu ar é puro e ali vão veranear as famílias de melhores recursos. Em setembro, a afluência aumenta consideràvelmente, quando se aproximam as festividades do milagroso santo. A capela de São José de Ribamar fica em frente à baía.

Os habitantes da capital, desejosos de possuirem tão linda imagem, alta noite, e, às ocultas, a removeram para a igreja de São José, do lugar conhecido por S. José dos Índios, à matriz. Entretanto, no dia seguinte, com grande pasmo de todos, o Santo havia fugido para sua humilde ermida.

Novamente foi São José levado para matriz. Desta vez, porém, foram tomadas providências especiais para evitar nova fuga ou furto da imagem. Os moradores de São José dos Índios resolveram dividir-se em dois bandos, durante a noite. Enquanto um bando dormia o outro velava, a fim de evitar surprêsas desagradáveis.

A luta que se estabeleceu entre os moradores de São José dos Índios e os São José de Ribamar, pela posse da imagem, terminou da seguinte maneira, segundo consta das "Três Liras", volume de poesias dos escritores Trajano Galvão de Carvalho, A. Marques Rodrigues e G. H. de Almeida Braga:

"Parte dela dormia tranquila,
A outra parte ali estava a velar.
A suspeita morada fizera
Nessas almas de crença sincera
Porque audazes cuidasem de tal,
Mas da crença que a todos
[queima,
Que de um fogo celeste abrasava
Era ou não êste um certo sinal?

E' preciso falar a verdade,
Tudo em vão, tudo embalde se
[deu
Já triunfa a viril divindade,
E' de Deus o brilhante troféu.
Mesmo à vista dos guardas pas-
[mados
Do altar sai por um dos dois
[lados
Firme o passo, o cajado na mão,
Nossa imagem sagrada e divina,
Tendo a coroa que a fronte
[ilumina
Com soberbo e brilhante clarão.

Sai da Igreja, dirige-se à es-
[trada
Precedida de arcanjos a mil;
Era a terra de mais aclarada,
Côro de anjos um canto gentil,
Tinham êles as asas brilhantes,
Livres, sôltas, batendo inces-
[santes,
Qual se aos astros quisessem se
[erguer,
Assim foi que em brilhante ro-
[magem
Turba de anjos e os guardas e
[a imagem,
Tudo à ermida depressa foi ter,
Desde então ficou sendo a
[capela
Certo asilo do Santo José.
E que em frente uma nítida
[estrêla
Diz que sempre brilhante se vê.
O lugar é por certo aprazível,
Tudo ali é de um belo indizível,
Move as almas e os bons co-
[rações,
Tudo fala de Deus num concêrto,
Já das ondas o campo deserto,
Já nos matos do vento as
[canções.

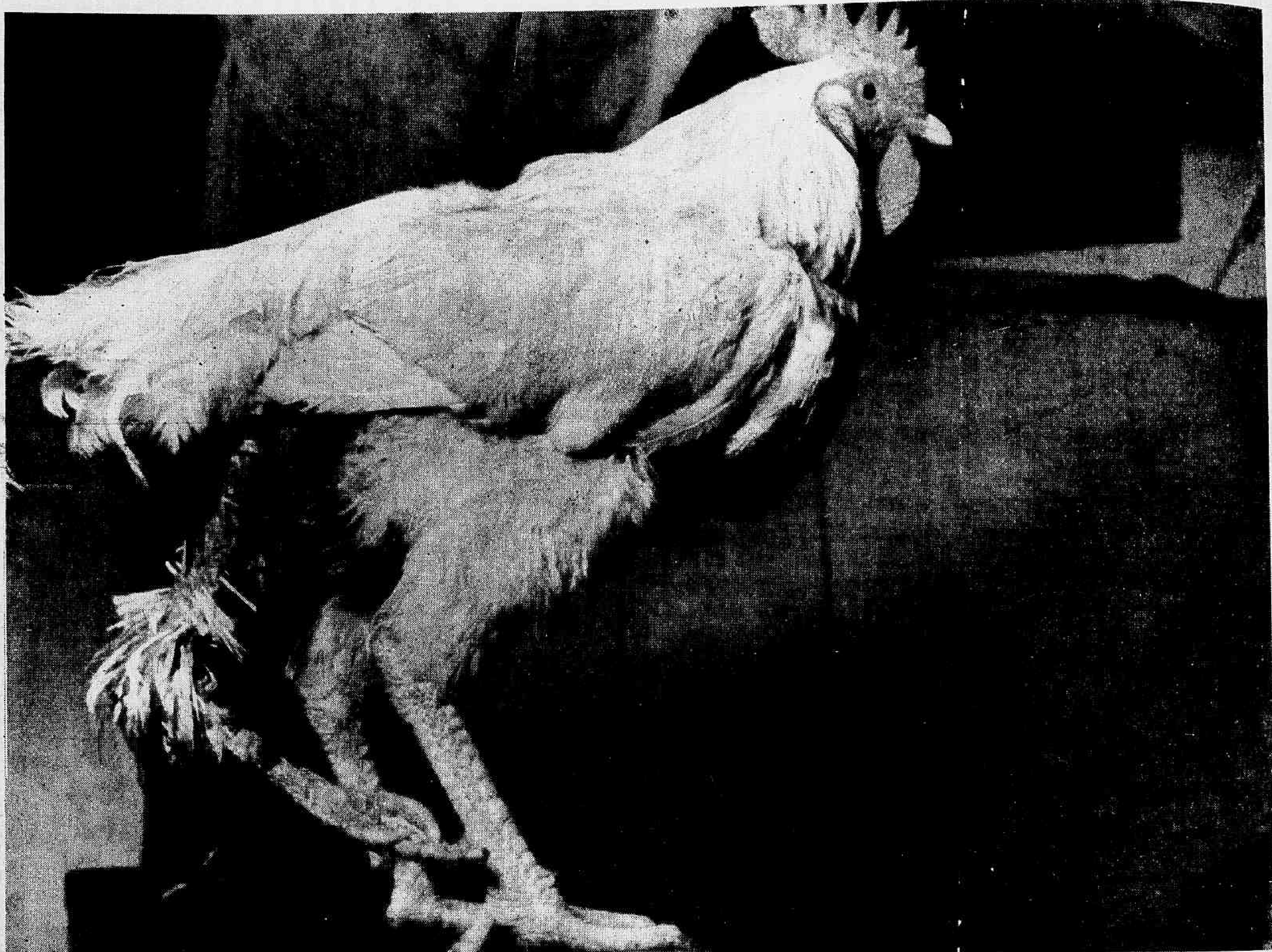
(Cont. na pág. 46)



GENTE simples e de reconhecidos princípios religiosos, espalha-se pelo largo, depois da missa, aguardando a hora da procissão, que apresenta vistoso aparato. Tudo é poesia e beleza, porque os maranhenses sabem impregnar de um encanto característico as suas festividades e romarias. De tal maneira o pequeno templo de São José do Ribamar se enche de fiéis que em grande parte êles têm de ouvir missa do lado de fora, como se vê na gravura abaixo. O sol é muito quente, mas o ar perfumado da praia vale por um tônico.







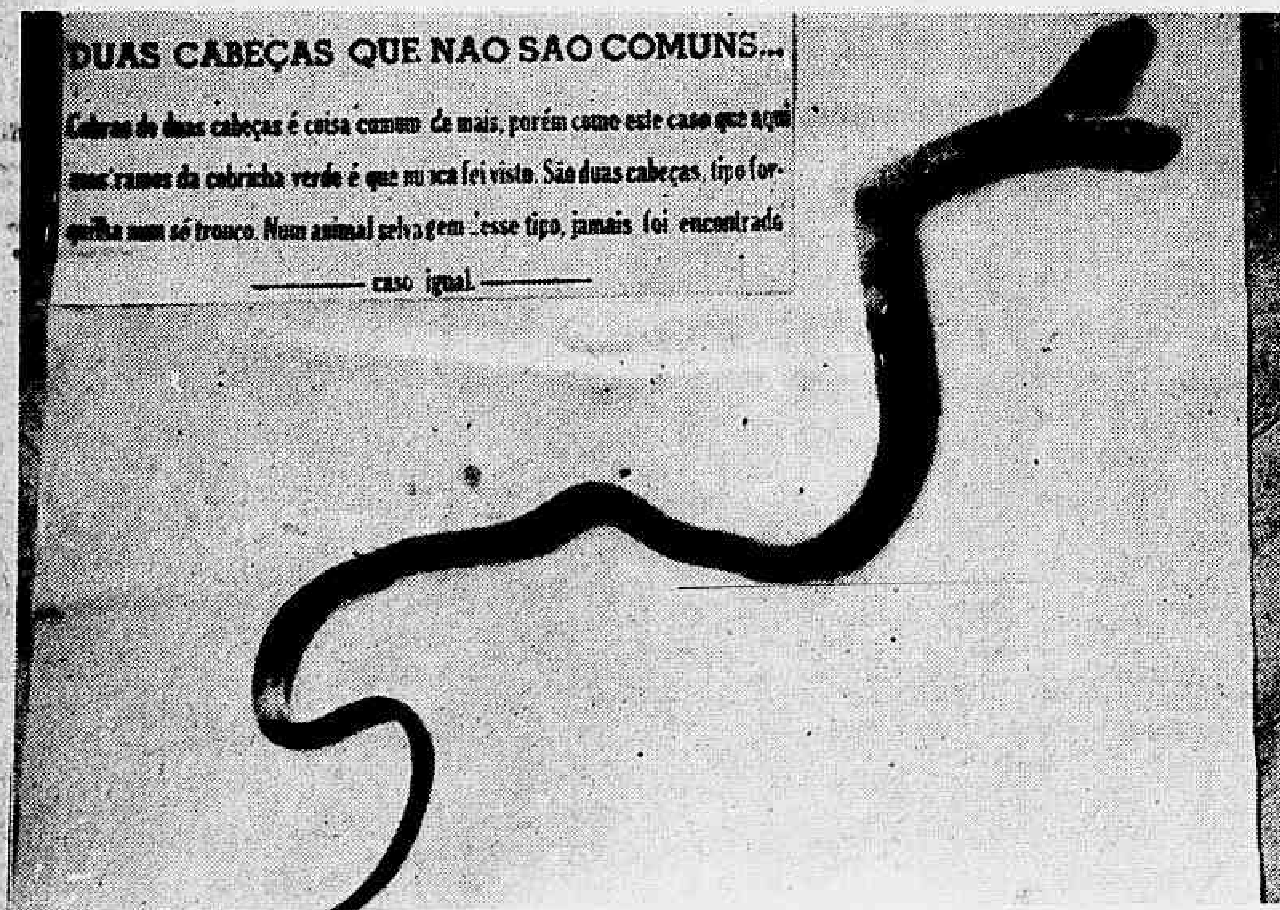
Galo vivo, de três pernas, sendo que uma, trazeira, tem cinco dedos e em outr~, um ponteagudo esporão. Ésse é um dos bichos anormais da coleção de Ariel de Farias, que os expõe em peregrinação através do país. Enquanto nos Estados Unidos um cidadão aboliu as asas das «penosas», coisa diferente aconteceu com êste galo nortista: tem perna sobressalente...

CURIOSIDADES DE UMA EXPOSIÇÃO TERATOLÓGICA

Um dos teratologistas mais famosos do nordeste, de passagem pelo Rio de Janeiro ★ Valiosa coleção fenomenal de animais vivos e mumificados ★ O "carneiro-menino", um produto híbrido ★ Galo de três pernas, vivo ★ "Criança-macaco"

Texto de MOACYR DE LACERDA — Fotos de R. RÊGO

NÃO resta a menor dúvida de que o Brasil está se tornando um país essencialmente curioso e extranho com os aparecimentos de "santos" e fenômenos que, atualmente, têm açambarcado milhares de crentes e curiosos para conhecê-los. Já não podemos dizer que é sòmente no estrangeiro que acontecem essas coisas. O Brasil também tem o seu quê. Isso pode ser confirmado pelo paraibano Ariel de Farias que, de passagem pelo Rio de Janeiro, depois de excursionar pelos Estados com sua Exposição Teratológica, vem conquistando simpatia e aprêço das multidões, que têm acorrido aqui e ali à mostra de suas anomalias, como também, pelo árduo trabalho de colecionar com



Cobra de duas cabeças, tipo forquilha num só tronco. Éste é o exemplar, afirmando-se jamais ter sido encontrado fenômeno semelhante. E a cobra vive alimentando-se por duas.



Éste novilho possui dois quadris superpostos e foi comprado pelo bizarro colecionador, em Minas Gerais, por 50 mil cruzeiros. Mas já lhe rendeu o dôbro em ingressos na exposição...

cuidado as monstruosidades que se encontram em seu poder — sendo parte de seus rendimentos revertidos à Sociedade de Asistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra.

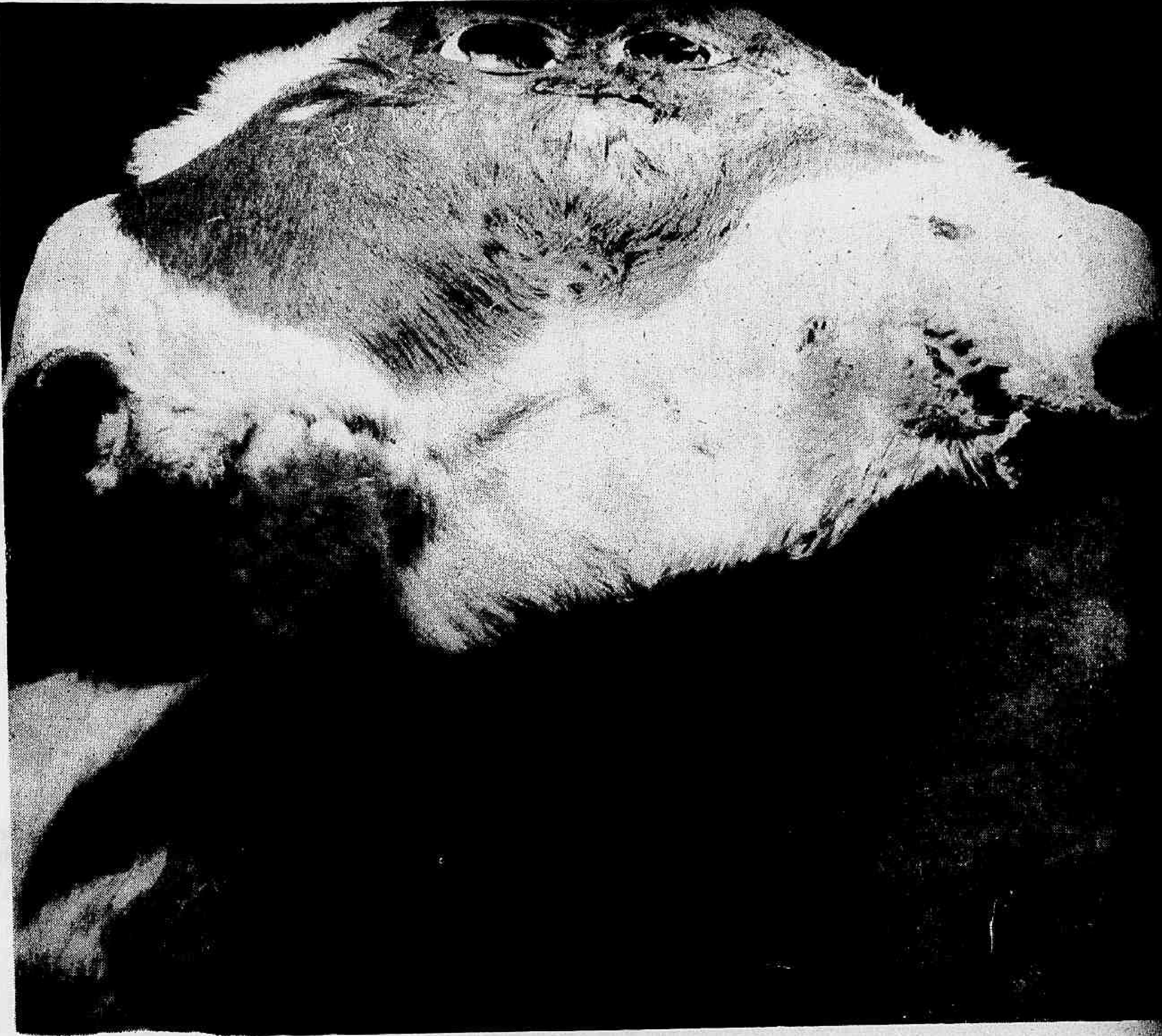
Ariel de Farias, como já dissemos, é nortista, intensamente crestado pelo sol. Fala muito, mas tem inteligência e astúcia em seus negócios. E' gordo, tipo brodista. Gosta de fotografar porque é sua profissão nos jornais de sua terra natal. Porém, deixou num canto sua matusalênica máquina fotográfica, para dedicar-se sòmente a colecionar monstruosidades. Essa idéia surgiu-lhe desde que teve oportunidade, em um dia de serviço, de fotografar um fato teratológico, que muito o impressionou e que fabuloso sucesso fêz nos jornais paraibanos. Emocionado com o que vira, resolveu, então, com estremos esforços, dedicar-se exclusivamente a colecionar coisas *esquisitas*, o que julgava, haveria de fazer admirar muita gente. Foi o que fêz. Contratou o velho artista cearense, Luiz Gonzaga da Silva, para auxiliá-lo nessa emprêsa. Viajou muito pelos sertões brasileiros à conquista de seu novo ideal. Aos poucos, foi conseguindo colecionar alguns animais vivos e mumificados, fotografias de bichos e pessoas que sofreram a triste conseqüência de nascerem monstruosos.

Mais ou menos, faz ano e meio, conseguiu o carneiro-menino. que notável sucesso vem empreendendo em todos os lugares em que é exposto. O carneiro menino deu fama a Ariel, que atualmente possui uma voga realmente satisfatória, sendo considerado um dos teratologistas mais famosos do nordeste.

Êsse animal é oriundo da cidade de Touros, no Rio Grande do Norte, contando apenas dois anos de idade. Aos cinco meses estêve vários dias exposto a curiosidade pública na cidade de Natal, até que seu ex-proprietário, sr. Geraldo de Oliveira Lopes, resolveu conduzí-lo para o Recife. Dotado de dentes incisivos, torax e rosto humanos, além de um pescoço tipicamente masculino, onde se pode ver nitidamente a "cartilagem-hióide", Pagé, êsse é seu nome, alimenta-se de arroz, macarrão, carne verde, e tem uma preferência tôda especial pelo café. Repele o capim e as rações balanceadas, preferindo a tudo isso, um suculento prato de sopa, que devora com apetite extraordinário...

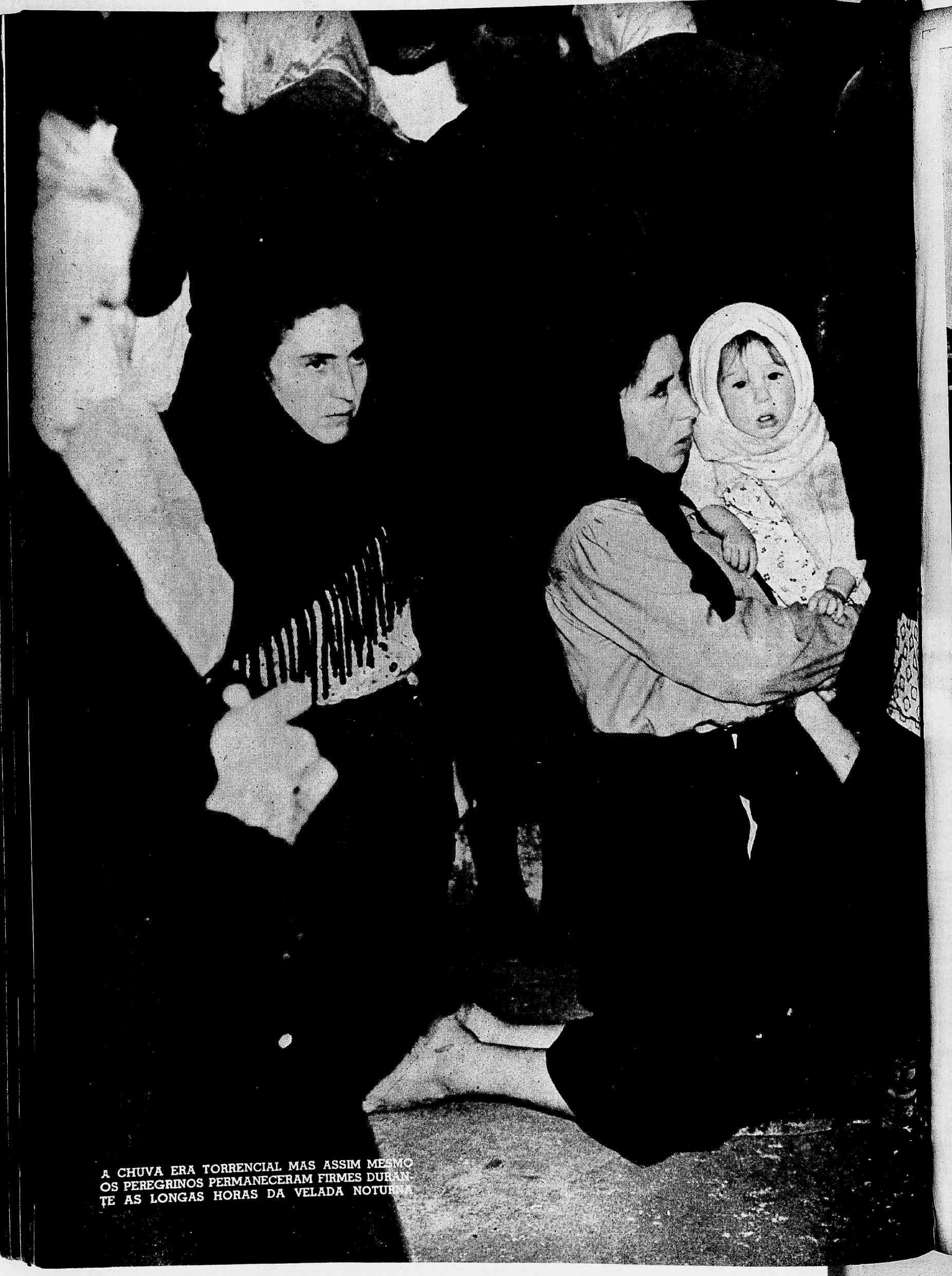
O extranho animal já foi examinado por vários médicos rio-grandenses, tendo-se submetido a tôda uma série de exames minuciosos, sem que se chegasse a uma conclusão convincente de que se trata mesmo de um carneiro ou um ente humano. Um dos médicos que o examinaram declarou possuir um estômago semelhante ao de uma criança, recomendando que não lhe ministrassem alimentos pesados. Capim nem por sonho. E quanto às outras rações próprias aos quadrúpedes de sua espécie, também julgava não serem recomendadas.

Além disso, possui o empresário desta Exposição Teratológica. um galo de três pernas, sendo que a traseira tem cinco dedos, e numa delas um ponteagudo esporão. Uma bezerra mumificada com duas cabeças, nas quais brilham dois horríveis pares de olhos. Uma criança-macaco com fisionomia de índio e corpo peludo, tendo os dedos das mãos e dos pés idênticos aos de um m a c a c o. Um espantoso suíno com dois corpos, obedecendo a uma única e enorme cabeça. Uma cobra com duas cabeças de um lado só. Uma criança com um só torax, possuindo membros duplos, e sendo considerada um caso verdadeiramente desconhecido pela ciência. Ainda mais. Possui o sr. Ariel de Farias, a fotografia da senhora Maria Guilhermina da Conceição, que se submetera a minuciosa operação cirúrgica, anos atrás, executada pelo dr. Napoleão Lauriano, que dela extraiu dois enormes fibromas e um quisto, os quais pesavam quarenta quilos e oitocentas gramas, estando no entanto a sra. Guilhermina em gôzo de perfeita saúde no Estado da Paraíba.



Êste é o carneiro-menino», produto híbrido que tem muita semelhança com os animais de sua espécie e certas aparências de ente humano. Fuma, bebe vinho, não come capim e nutre uma preferência especial pela sopa, que devora com apetite extraordinário. Vários médicos nortistas o examinaram sem contudo chegarem a uma conclusão. Será mesmo carneiro ou ente humano? Muitas características — o pescoço, a língua e até mesmo a testa — são idênticas às de uma criatura humana. E' a atração «número um» da Exposição Teratológica organizada pelo sr. Ariel de Farias, não obstante ser muito grande o número de outras monstruosidades de igual relêvo.





A CHUVA ERA TORRENCIAL MAS ASSIM MESMO OS PEREGRINOS PERMANECERAM FIRMES DURANTE AS LONGAS HORAS DA VELADA NOTURNA

ROMARIA A FATIMA



HOUVE quem calculasse em 600 mil o número de pessoas que afluiram êste ano à Cova da Iria. Na pior hipótese, 400 mil fiéis ali compareceram, apesar do temporal de 13 de maio.

A MAIS GRANDIOSA DEMONSTRAÇÃO DE FÉ CATÓLICA DO POVO PORTUGUÊS

PELA PRIMEIRA VEZ UM REPÓRTER BRASILEIRO VAI ESPECIALMENTE ASSISTIR ÀS SOLENIDADES DA COVA DA IRIA ★ QUATROCENTOS MIL PEREGRINOS ENFRENTAM VIOLENTO TEMPORAL ★ CHUVA E LAMA NÃO ARREFECEM O ENTUSIASMO DOS FIÉIS ★ UM ESPETÁCULO SACRO DE IMPRESSIONANTE BELEZA MÍSTICA ★ UM ENFÊRMO CURADO QUANDO A IMAGEM DA VIRGEM PASSAVA AO SEU LADO ★ PORMENORES CURIOSOS

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA
(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA à Europa)

LISBOA, maio (Via Air-France) — Não fôsse a romaria tradicional do dia 13 a Nossa Senhora de Fátima e teríamos continuado viagem de volta ao Rio, no mesmo "constellation" da Air-France que nos trouxe de Paris a Madrid, seguindo daí em vôo direto com destino a Dakar. Mas, no itinerário desta veloz peregrinação de Ano Santo, incluia-se a etapa final e obrigatória à Cova da Iria, e mesmo na contingência de uma baldeação na capital espanhola, com o inevitável atraso de uma semana, aqui chegamos para dar conta dessa agradável missão, espontâneamente assumida com os leitores da REVISTA.

De resto, é sempre agradável rever êste solo onde tantas e tão gratas são as evocações que o brasileiro vem encontrar, mais ainda quando nos espera uma primavera de botão em flor, com tapêtes de inconfundíveis matizes e um clima de anjo para quem volta de outros sítios da Europa, onde os vestígios de um inverno pouco clemente ainda não desapareceram. Servimo-nos, em Madrid, de um avião da TAP, que no espaço de cento e vinte minutos nos transpõe do aeroporto de Algeciras ao de Covanca, e aqui ficamos por conta da famosa romaria que, desde os primeiros dias do mês, faz atrair dezenas de milhares de forasteiros dos mais remotos pontos do país e do resto do mundo. Mesmo no avião



De espírito e coração voltados para a Virgem milagrosa, êles não ligam à chuva nem à lama



NA IMPOSSIBILIDADE de atender, dentro do Santuário, aos peregrinos que desejavam comungar, dezenas de sacerdotes espalham-se pela planície distribuindo a Sagrada Partícula.

português que nos trouxe da Espanha, viajava um sacerdote norte-americano com idêntico propósito:

— Depois de assistir às festividades de Roma — disse-nos o padre "yankee" às voltas com o seu roteiro — não quero voltar sem ter visto êsse outro acontecimento sacro do qual tanto tenho lido: Fátima.

O transporte de Lisboa para Fátima está difícil, porque os meios de comunicação foram contratados desde muitos dias, só nos restando o da locação de um automóvel por preço naturalmente elevado. E na tarde de sexta-feira, 12, sob prenúncios de forte temporal, rumamos para o lugar das cerimônias, viagem que se estende por mais de seis horas, não devido à distância, mas porque, no trajeto, encontramos filas intermináveis de carros e carriolas, ônibus e transportes os mais exquisitos, conduzindo levas enormes de forasteiros. Desde logo observamos que a maioria dêles vai prevenida para solucionar o problema da cama e mesa. Não havendo em Fátima alojamentos bastantes para êsse mundo de visitantes, o recurso é dormir onde fôr possível. Quem tem automóvel, nêle dormirá, e quem utilizou o trem-de-ferro ou foi a pé — milhares de peregrinos de condição humilde palmilham dias inteiros de estradas e desvios — terá de passar a noite, que deve ser fria, enrolado nos seus agasalhos, ao relento. Já nos disseram que sempre assim foi e terá de ser, enquanto Fátima não puder oferecer ao meio milhão de peregrinos que anualmente a visitam nestes dias, suficiente hospedagem. Mas o tempo está piorando. De hora em hora nuvens espêsas fazem empanar o horizonte, e não tarda que a borrasca se forme, desabando tremendo temporal. Nada impede, porém, que o volume de gente continue aumentando em cada curva da estrada. Alguém nos faz lembrar a semelhança dêsse espetáculo ao que a guerra ocasionou, por ocasião da debandada das populações dos países invadidos pelas hostes nazistas — mas ainda bem que, agora, o grande desfile de povo tem outro objetivo, êste de paz espiritual e também física.

★

Chegamos a Fátima ao entardecer. Não é possível deixar o nos



OS ENFERMOS mais graves eram levados para dentro da basílica por causa do mau tempo.



OITENTA enfermeiros, seis médicos, legionários, ajudam no transporte dos fiéis doentes.

ENQUANTO centenas de sacerdotes celebr



NOITE alta, chuva e frio, tudo era sac



...e pela planície distribuindo a Sagrada Partícula.

ENQUANTO centenas de sacerdotes celebram em 50 altares do Santuário de Fátima, na ma nhã de 13 de maio, os enfermos de maiox gravidade, em fila, recebiam a benção da Virgem.

— terá de passar a noite, que deve ser fria, enrolado nos seus agasalhos, ao relento. Já nos disseram que sempre assim foi e terá de ser, enquanto Fátima não puder oferecer ao meio milhão de peregrinos que anualmente a visitam nestes dias, suficiente hospedagem. Mas o tempo está piorando. De hora em hora nuvens espêsas fazem empanar o horizonte, e não tarda que a borrasca se forme, desabando tremendo temporal. Nada impede, porém, que o volume de gente continue aumentando em cada curva da estrada. Alguém nos faz lembrar a semelhança dêsse espetáculo ao que a guerra ocasionou, por ocasião da debandada das populações dos países invadidos pelas hostes nazistas — mas ainda bem que, agora, o grande desfile de povo tem outro objetivo, êste de paz espiritual e também física.

★

Chegamos a Fátima ao entardecer. Não é possível deixar o nosso automóvel próximo da planície em que se levanta a basílica da santa milagrosa, porque forasteiros mais prevenidos chegaram muito antes. Temos de estacar quase a dois quilômetros, fazendo o resto do percurso no calcante, quando as chuvas já estão mais fortes e a lama vai se formando, pegajosa e desagradável, pelos caminhos além. Aparentemente, o interêsse dos fiéis pelas cerimônias deveria ter arrefecido, mas tal não sucedeu. Pelo contrário, o mau tempo, o sacrifício, a jornada penosa, a umidade, a água caindo a cântaros, tudo isso faz impregnar de maior sugestão e misticismo o lugar e as gentes:

— E' preciso enfrentar a chuva — diz ao nosso lado uma simples mulher de província, envôlta no chale negro, de cêsta com o farnel à cabeça, sem guarda-chuva, tiritando de frio, molhada até aos osos — mas de pés descalços. Isso não deve ser um passeio recreativo...

E a mesma interpretação, com palavras mais ou menos iguais, nós a ouvimos dezenas de vêzes durante a noite, à medida que o temporal recrudesce. Vêz por outra, o céu mostra-se limpo, a chuva estaciona e um lampejo de esperança brilha no rosto da multidão. Mas não tarda que novas bategas, ainda mais violentas, desabem por sôbre nós todos. E a idéia da penitência volta a aninhar-se no pensamento de cada um.

Dizem-nos mais tarde que pela grandiosidade das cerimônias, pelo espírito de penitência da multidão, resignadamente suportando a chuva e a lama, a noite escura e o frio, esta peregrinação de 13 de maio foi das mais imponentes já registradas no Santuário. Mau grado a inclemência do tempo, os peregrinos



...ionários, ajudam no transporte dos fiéis doentes.



NOITE alta, chuva e frio, tudo era sacrifício e renúncia, aguardando a procissão das velas.



OS PEREGRINOS, do país e do estrangeiro, traduziam uma imponente manifestação de fé



ENFERMOS do corpo e do espírito, em prece, num testemunho eloquente de fé e sacrifício, arrastavam-se sôbre o lamaçal, na ânsia de um sinal da graça divina da Virgem de Fátima.



MULHERES do povo e da aristocracia, de joelhos na lama, irmanavam-se, ante a santa.

mostram-se firmes durante as longas horas da velada noturna, em adoração ao Santíssimo Sacramento. Ali vemos soldados e homens do povo, marinheiros e gente humilde misturada com a de melhor sociedade, em peregrinações que vieram de Paço de Arcos, Estremoz, Olivais, Almargem do Bispo, Crato, do Algarve, de Vizeu, de São João da Madeira, de Évora, de Alcobaça, dos pontos mais distantes de todo Portugal.

E lá estão também homens de Estado — os ministros das Obras Públicas e das Finanças, generais, artistas, e até mesmo, segundo nos informam, o ex-rei Humberto, da Itália, embora não o chegássemos a ver.

Peregrinos estrangeiros, às centenas, não ocultam a sua comoção perante aquela grandiosa manifestação de fé. Pela manhã do dia 12, chegara uma excursão de Nicaragua, e quando fazemos a nossa primeiro visita ao hospital, onde se instalam os doentes para a missa dos milagres, encontramos inglêses, holandeses, italianos e franceses, gente de recursos, que se faz acompanhar dos seus médicos de confiança.

Um grupo de sacerdotes norte-americanos, por privilégio do bispo de Leiria, reza as primeiras missas na capelinha das Aparições, que fica na grande planície em frente à Basílica. E outros vão dar conta do seu dever sacro na Casa dos Retiros, onde há também um serviço especial de correios e telégrafos. Observamos mais tarde que centenas de sacerdotes, portuguêses e de outras terras, celebraram outras tantas missas, sucessivamente, nos altares das igrejas e capelas do recinto do sansantuário, em número de cinquenta.

Durante a noite de 12 para 13, a adoração ao Santíssimo foi feita por sucessivos grupos de peregrinações, renovando-se de hora em hora. Mas como no interior da grande nave não é possível dar guarida à multidão, ela tem mesmo de estacionar no imenso adro, onde as estatísticas afirmam terem se aglomerado mais de quatrocentas mil pessoas, sempre enfrentando a chuva e de pés enterrados na lama. Os que não podem resistir à exaustão, procuram um canto qualquer para dormir, estendendo na lama as mantas que vendedores avulsos oferecem por preços módicos — e ali se enrolam, se aninham, como fardos humanos, dormindo a sono sôlto, ao som das preces dos que de pé continuam entregues à sua devoção, enquanto possantes alto-falantes reproduzem as orações dos sacerdotes, em múltiplos idiomas.

Na manhã de 13, encerrando o Santíssimo Sacramento, dá-se início à celebração da missa da comurhão geral. E vemos, então, dezenas de sacerdotes fazendo a distribuição da Sagrada Partícula a mais de cinquenta mil almas, embora o lamaçal dificultasse o ajoelhar. Muitos peregrinos tem a sua missa privativa, na Basílica ou nas outras capelas. E' impressionante ver aquela gente humilde, de olhos piedosos, cumprindo suas penosas penitências, de joelhos feridos, ensanguentados, arrastando-se pela lama, uns apoiados aos parentes, conduzindo velas de grandes pro-



JUSTAMENTE porque a peregrinação a Fátima, êste ano, fêz-se sob a inclemência do tempo, ela foi considerada das mais imponentes que o Santuário já registrou desde o ano de 1917.

porções, outros a sós, desfiando as contas do têrço. A procissão das velas, ainda noite alta, foi de um aspecto comovente. Nem a chuva nem o vento, que aumentou bastante, apagam o pavio daquelas luzinhas piedosas — e visto do alto, à distância, até onde nos deslocamos, êsse aspecto tem qualquer coisa de fantástico e sobrenatural. Por mais que os sacerdotes advirtam os penitentes ser desnecessário arrastarem-se de joelhos na lama, êstes insistem em cumprir fielmente a promessa feita à santa. E continuam deslisando ao nosso lado, velhos ensopados de chuva, mulheres cujo rosto transparece das dobras do chale, entoando seus cânticos, empunhando a sua vela milagrosa e dando voltas ao grande adro.

★

Pela manhã de 13, a condução dos enfermos começa a ser feita dos hospitais que ladeiam o adro, para o interior da basílica. Os de maior gravidade são conduzidos em macas, ou nos braços de piedosos homens que se oferecem para êsse mister, enquanto os outros, de menor cuidado, ficam no recinto para êles reservado, ao fundo da escadaria, pois não cabem todos lá dentro. Oitenta enfermeiros dos hospitais civis de Lisboa, seis médicos e dezenas de prestativos cidadãos do povo, legionários, soldados, escoteiros, alunos das escolas superiores, prestam auxílio nessa função. E, finalmente, o andor de Nossa Senhora de Fátima, primorosamente ornamentado com flores importadas da Holanda, em que se destacam enormes tulipas, e de todos os pontos de Portugal, com ramos oferecidos pelos devotos, é colocado na capelinha das Aparições, organizando-se a procissão à qual se incorporam todos os prelados, inclusive os norte-americanos.

Vai ter início, nessa altura, a procissão do Adeus à Virgem. Ladeando o andor, muitas bandeiras, nacionais e estrangeiras. Divisamos uma da Bélgica, com a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Soldados das guarnições de Lisboa, servitas e marinheiros da Armada, alunos finalistas do Magistério Primário de Coimbra, conduzem aos ombros o andor. E atrás, o interminável cortejo formado pela multidão dos peregrinos, cantando hinos de louvor à Virgem. Dizem-nos que pela primeira vez êsses cânticos estão sendo acompanhados pela música do carrilhão. O cortejo sacro perde-se, mistura-se entre a massa humana que não arreda pé. E quando a imagem chegou ao alto da escadaria para ser colocada ao lado do altar, instalado ali mesmo ao ar livre, milhares de lenços brancos são agitados, no espaço, acenando para a Virgem.

Celebra-se em seguida a missa dos enfermos. Por concesão especial, o arcebispo de S. Louis de Misouri, mons. Charles Helmsing, desincumbe-se dêsse ritual. Ao Evangelho, é feita uma pregação em inglês, cujas palavras são imediatamente traduzidas por um sacerdote português e captada pelos alto-falantes.

Dois padres americanos dão a bênção a mais de setecentos doentes, enquanto a multidão, em côro, repete as fervorosas invocações, im-



PROMESSA feita, milagre obtido, promessa cumprida. Ela viajou a pé, mas não faltou.



DEPOIS da comunhão geral, a missa dos enfermos assistida pelo povo sob a chuva inclemente.

ORNAMENTADA com flores da Holanda e do Pôrto e com ramos oferecidos pelos de[...] imagem da Virgem desfilou, saindo da capelinha das Aparições ao som dos carrilhões.



PROSTERNADOS no solo coberto de lama, os devotos assistem à missa dos enfermos. Do alto da escadaria, o sacerdote, erguendo a Jesus-Hóstia, traça o sinal da cruz abençoando os fiéi[...]



plorando a cura do corpo e da alma dos que ansiosamente ali esperam um sinal da graça divina.

Termina o impressionante ato. E os alto-falantes anunciam um momento solenissimo da peregrinação: a bênção do Santíssimo Sacramento a todos os presentes. Silenciou o côro vibrante dos hinos e das preces. Sôbre o vasto recinto, tudo emudeceu. E então, do tôpo da escadaria, erguendo nas mãos a Jesus-Hóstia, o sacerdote traça vagarosamente o sinal da cruz por sôbre os quatrocentos mil peregrinos prosternados no chão coberto de lama.

E' quando se organiza a procissão para repor a imagem na capelinha das Aparições — e principia o "Adeus à Virgem". Centenas de milhares de lenços brancos voltam a acenar em despedida e as últimas orações pedem à Nossa Senhora de Fátima a paz para o mundo. Nessa altura, o que assistimos na Cova da Iria, assume as proporções do paroxismo. De todos os lábios su[...] clamações de ânsia, apelos à [...] dade suprema, e em cada [...] há um milagroso sentimento [...] tão.

Procuramos assistir ao rem[...] grande festa, do alto do ho[...] e francamente, será difícil ex[...] o que nosos olhos então abrang[...] Imagine o leitor, uma planície [...] parada a tôda a área do antig[...] ro do Castelo, repleta, transb[...] te de povo que se irmana em [...] pírito de fé, erguendo os b[...] acenando os lenços brancos, q[...] afigurem, do alto, a um ocea[...] espuma, ondulando em todos os [...] tidos.

★

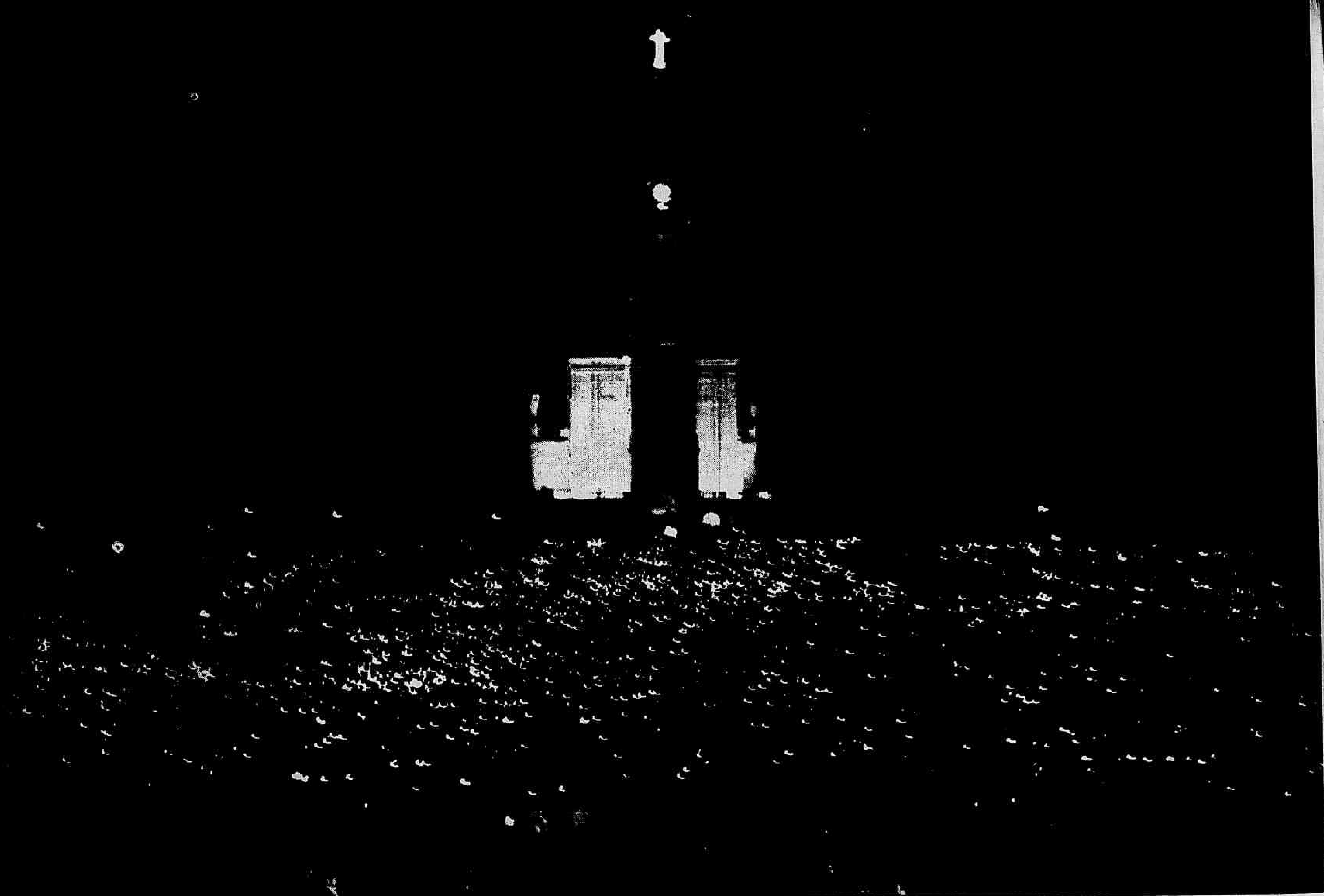
Disseram os jornais no di[...] guinte, que um dos enfêrmos [...] se curado quando a imagem d[...] gem passava pela sua frente, [...] terior da Basílica. Chama-se [...] Martinho da Silva, de 21 anos, natural de Belas e residente no Cacem. Há três anos sofria de tuberculose óssea com paralisia da perna direita e viera a Fátima pela primeira vez. Fêz a viagem de carro, teve de ser retirado em maca para o edifício do hospital. Terminada a cerimônia, João Martinho da Silva ergueu-se da maca e começou a caminhar sem dificuldade.

★

Passava das quinze horas de 13, quando as cerimônias do culto a Fátima se deram por terminadas. E começou então a outra peregrinação, de volta cada qual aos seus penates. Novas e extensas filas de automóveis, caminhões, carros a tração animal, e pedestres, vão se formando pelas estradas, em todos os sentidos. Muitos daqueles romeiros, de alma e espírito contritos, terão de viajar o resto da tarde, e a noite adiante, até chegarem à sua aldeia. Vão se distraindo, cantando ainda o hino à Virgem, exibindo as lembranças que levam da Cova da Iria — um tôco de vela benzido pelo sacerdote, o lenço que os mais afortunados conseguiram encostar no andor da santa, a imagem adquirida nos vendedores ambulantes, uma flor caída do altar. Todos voltam cansados, mas não insatisfeitos, com o dever cumprido, na esperança de melhores dias, paz para o espírito, trabalho compensador, e a cura para seus sofrimentos físicos.

Outros vão fazer a primeira refeição depois de vinte e quatro horas de penitência. Porque as provações assumem particularidades curiosas e estranhas: encontramos uma senhora, cuja penitência consistia em não pronunciar palavra durante todo o tempo das comemorações. Os pregões enchem o espaço oferecendo as últimas lembranças de Fátima, a preços de liquidação: imagens bentas, rosários, miniaturas da Basílica, orações avulsas, tudo, enfim, que





A PROCISSÃO DAS VELAS, apresentava um aspecto feérico, como vemos na gravura. Até madrugada alta, homens ilustres e do povo, se irmanaram na adoração ao SS. Sacramento.



pelo tempo adiante será extremosamente guardado pelos fiéis. Mas daqui a um ano, a maioria dêles aqui estará de novo, para repetir as provações. Porque da fé espiritual vivem os povos, acima de tudo.

★

Vamos ainda, antes de regressar a Lisboa, ver de perto os aspectos finais da grande festa sacra. Lá estão os enfermos, nas suas cadeiras de rodas, nas macas, nos leitos improvisados e portáteis, de ânimo reconfortado, felizes, cheios de ânimo e esperança, rodeados pelos parentes e amigos. Tudo é alegria. A maioria improvisa também suas merendas, abrem-se as cêstas de vime e as garrafas de vinho que da aldeia distante foram transportadas. Apetitosos farnéis espalham-se por sôbre as toalhas alvas, imaculadas, que foram estendidas por sôbre a lama. E come-se com avidez, trocando impressões do que foi visto e ouvido. Quase ninguém dormiu, ou dormiu mal: durante a noite, de hora em hora silvavam as businas de milhares de automóveis, anunciando a renovação dos grupos de peregrinos, incumbidos da adoração ao Santísimo exposto. E pela madrugada adiante, os carrilhões da Basílica fazem impregnar de nostal-



DEPOIS da penitência os peregrinos se acomodaram sob a chuva, durante o resto da noite.



O «ADEUS A VIRGEM», remate das comemorações. Milhares de lenços brancos acenam e as orações enchem o espaço pedindo a Nossa Senhora de Fátima a paz para o mundo inquieto.

gia aquela planície e tôdas as vizinhanças, onde vai surgindo, de ano para ano, maior número de construções. Era a Cova da Iria, até algum tempo, um lugar quase deserto, com insignificante número de habitantes. Hoje, ali encontramos uma cidade, embora ainda pequena mas prometedora, com estabelecimentos comerciais, vivendas particulares e muitos campos trabalhados. Quem não quer morar perto da igreja onde tantos milagres são apregoados, para receber, o ano inteiro, os louvores da Virgem?

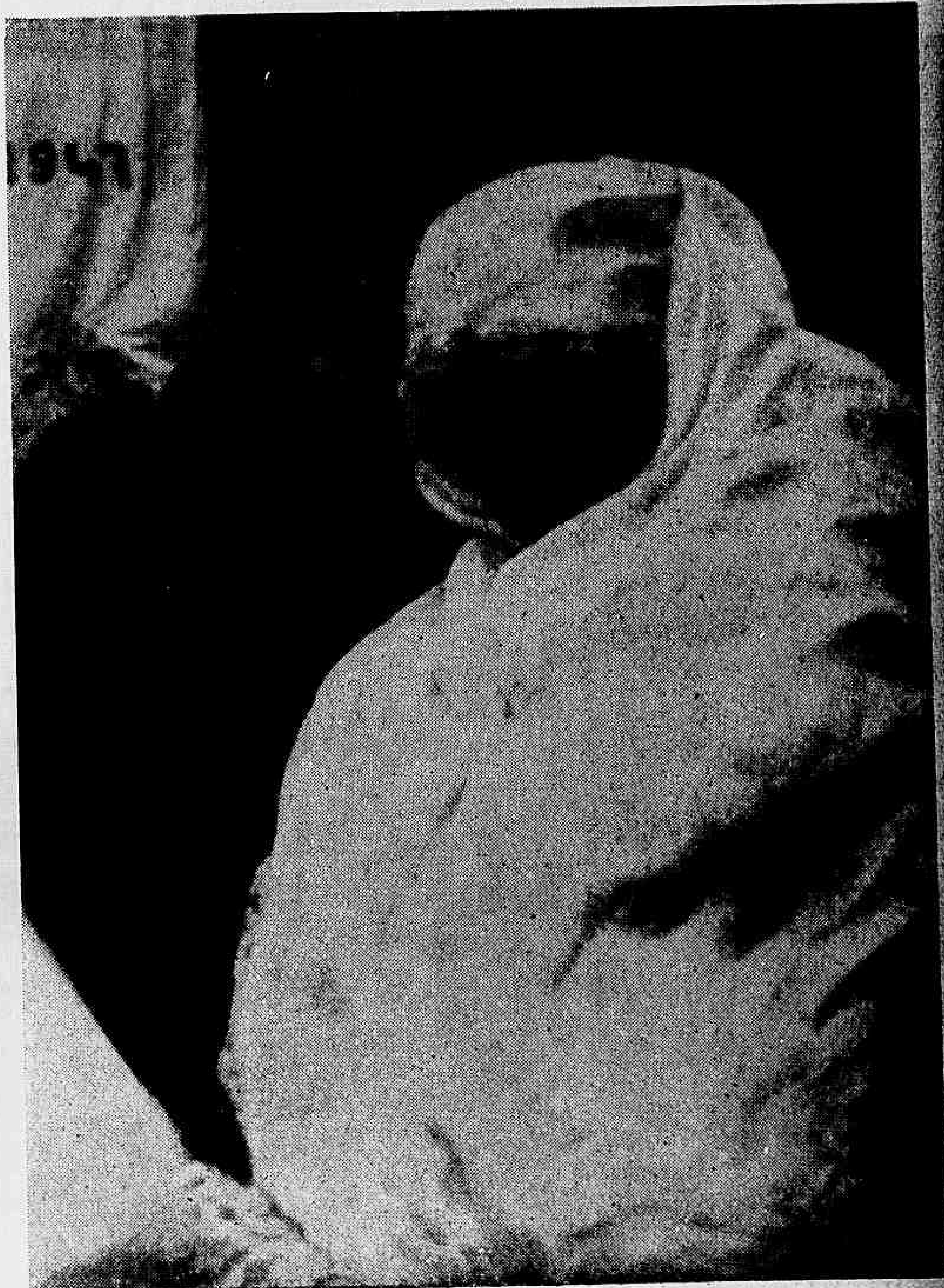
Mas outras peregrinações vão continuar, por êstes meses adiante. Milharese de pessoas que se destinam a Roma, ou dali voltam, fazem uma etapa obrigatória na capital portuguêsa com o único propósito de vir render seu culto na Cova da Iria.

E já nos dizem que dentro de dois anos aqui existirá um dos maiores hotéis do país, capaz de agasalhar alguns milhares de peregrinos.

★

Nossa jornada de volta é ainda um espetáculo de fé. Até ao Mosteiro da Batalha, a imensa fila de veículos e pedestres impede que o nosso carro acelere a velocidade. O tempo não melhorou. Homens de jaqueta côr de pinhão, mulheres de lenços e chales que lhes envolvem a cabeça, de nariz afiado e olhar





NA EXPRESSÃO dessa gente piedosa e simples, vê-se a confiança nos milagres de Fátima.



FLAGRANTES pitorescos, de cunho regional, podiam ver-se nos arredores da Basílica, onde os romeiros improvisavam a sua merenda regada a bom vinho da sua aldeia distante...



penetrante, caminham ao nosso lado. E cantam sempre. E param, de linge em longe, para refazer as fôrças sob uma árvore amiga, ou numa tendinha hospitaleira, em que há sempre vinho, uma sopa bem quente e outro repasto. As primeiras cerejas estão aparecendo neste princípio de maio. Sobremesa de fruta da terra, perfumada e apetitosa.

Chegamos a Lisboa depois da meia-noite. Ainda nos sobrou tempo para observar que por tôdas as vilas e aldeias por onde íamos passando, outras comemorações de Fátima eram celebradas. Quem não vai à Cova da Iria, por certo que se associou às celebrações idênticas, realizadas em cada pedaço de Portugal.

De nossa parte, voltamos satisfeitos. Dias antes, na Praça São Pedro em Roma, nossos olhos podiam extasiar-se em iguais aglomerações de peregrinos que suplicavam a aparição do Papa nas janelas da igreja do apóstolo. Eram procedentes dos países da Europa e das Américas. Mas nem todos os caminhos vão ter a Roma — refletimos agora. E Roma, ou a perpetuidade da religião católica, tem hoje uma sucursal de fé imensa, também, neste recanto da terra portuguêsa, que acabamos de percorrer num de seus dias mais tocantes e comoventes.



CUMPRIDO o dever religioso, iniciam a jornada de volta. O transporte é variadíssimo...

A PEIXADA EM MANGARATIBA

NO princípio, era dona Laura. Pedro, a criatura. E não havia descanso no sétimo dia. Tôda a vida nisso. Pedro! Sim, Laura. Hora de tomar benho. Café. Ainda não fêz a barba? Mas, Pedro! Sim, Laura. Tôda a vida nisso. Indiscutivelmente felizes, todavia. Que o Pedro jamais ousaria duvidar da própria felicidade. Pedro, você é o mais feliz dos homens por ter achado uma mulher como eu. Sim, Laura. Sim, Laura. Sim, Laura. Quase não dizia mais sim, apenas, mesmo falando com outras pessoas. Laura vinha sempre, do eu triturado pela espôsa e a custo impedia que o fatal prenome explodisse intempestivamente. Sim, Laura. Causava espanto é que não dissesse dona Laura, como todo mundo. Vontade não lhe faltava, creio, tal respeito ela infundia: mas de certo não se atrevia. Dona Laura podia pensar em deboche; perigosa hipótese que devia ser evitada a qualquer preço. Além do mais, ela se impunha, escravizava: discretamente, contudo. Ai de quem lhe dissesse que o dominava. O mundo vinha abaixo. Que não, absolutamente, não era disso, conhecia seus deveres morais e religiosos, casara-se bem casada para obedecer ao marido, metessem-se nas suas vidas respectivas, gente bisbilhoteira, pois onde já se viu? Quem manda é o cabeça de casal. Verdade absoluta, no caso, essa afinal confessada; o cabeça de casal, sem sombra de dúvida, era mesmo dona Laura. Homem feliz, o Pedro.

Os moradores dos trinta-e-dois apartamentos do edifício positivamente não compreendiam. Nem podiam compreender. A tragédia real comove, sei disso, mas à distância; de perto, incomoda o seu tanto e torna-se preciso desfigurá-la o quanto correspondente. Há crianças passando fome em todo o mundo; cruel humanidade, logo homens e mulheres se organizam em ligas de assistência e caridade. E êsse filho da cozinheira chorando porque tem vontade de comer carne; menino ingrato, a carne está pela hora da morte. Ora, o Pedro não passava de um monstrozinho, nem tinha a grandeza da feiura ou da deformidade. Baixo, sem ser anão. Feio, sem ser horrível. Humilde, sem ser débil mental. Pequeno em tudo, sem chegar a ser suficientemente pequeno para tornar-se grande. Além do mais, porteiro de edifício, emprêgo que tem alguma coisa de subserviência, maldade oculta e realizável através de mesquinharias, espionagem, abjeção, trabalho que faz supor conversas subterrâneas, os moradores julgando-se incapazes de ocultar os mínimos detalhes de suas vidas àquele estafermo, cumprimentando-os quando entram, olhando-os quando saem, fiscalizando-lhes horário, correspondência, embrulhos, falta d'água, companhias. Pedro, além do mais, porteiro do edifício; e — triste sina — marido. Fado ingrato. Marido! Pedro que, não contente de ser marido, era-o de dona Laura. Uma santa, dona Laura. Carregar aquêle trambolho pela vida, durante vinte anos: coisa de causar espanto aos moradores dos trinta-e-dois apartamentos do edifício. Dona Laura, grande em tudo, casada com o pequenino Pedro. Grande nos seios, nas nádegas, no ventre, no domínio. Dona Laura, tôda ela um adjetivo. Devia amá-lo como Lilith, suzeranamente, inadmitindo réplicas, fugas, presenças não solicitadas; não à sua maneira, que o esmagaria com o pêso do corpo imenso (dona Laura chegava a descer as escadas torcendo-se tôda, tanta a gordura), mas no espírito daquele primeiro amor, ditatorial, isento de ternura. Nem o Pedro tinha um deus à mão a quem recorresse para obter outra mulher; e se tivesse, com certeza não se atreveria a tentar o petitório. Felizes, no entanto. Felicidade inevitável, pois regulava-se pela maneira como dona Laura a concebia. Pedro concordava. Sim, Laura. Tôda a vida nisso. Felicidade imposta, de cima para baixo, total, definitiva.

Uma pessoa, todavia, no edifício, simpatizava com o Pedro. Uma só. Tratava-o com amabilidade, dava-lhe a mão, bom-dia e o seu magnífico sorriso. Pedro, vendo-a entrar e sair, apressava-se a se pôr no seu caminho para receber tudo aquilo e vibrava, sentia-se outro homem, via novas perspectivas e ilusões refletidas nas paredes marmóreas do vestíbulo do prédio. Durava pouco isso, pois a pessoa ia e vinha, mas dona Laura ficava. Não obstante, durava; um minuto que fôsse, era um minuto, imenso minuto, quebrando a uniformidade de uma vida irremediàvelmente perdida. Minuto mais minuto, no fim Pedro tinha mesmo horas felizes, talvez dias, meses quem sabe, se vivesse o bastante. Coisas da natureza humana: ninguém chega a ser inteiramente escravo; resta sempre alguma coisa indominada lá no fundo, que um dia se avoluma e explode, luta e vence, vinda à tona com violência e fôrça jamais suspeitadas e antevistas.

Pois essa pessoa — mulher, já percebestes — chamou um dia Pedro de parte — minuto eterno, momento dos momentos — e, sorrindo como de costume, pediu-lhe um grande favor.

— Seu Pedro, eu precisava muito que o senhor fôsse para mim a Mangaratiba. Sabe, tenho lá uma casinha, preciso mandar umas encomendas com urgência, não encontro portador. Lembrei-me que amanhã é o seu dia de folga e estava pensando em lhe pedir.

— Não diga mais nada. A senhora manda.

Pedro nem pensou na reação de dona Laura. Sentiu-se capaz de tudo, de ir à lua, quanto mais a Mangaratiba. Havia de ir. Fosse como fôsse. Por um segundo, o fantasma de dona Laura desvaneceu-se; amor, amor, a quanto induzes!

— Pois, então, seu Pedro, vou lhe dar o dinheiro da passagem. O trem sai às sete e volta às três e dez. Almoce lá. Servem uma peixada deliciosa. Vale a pena, só pela peixada. Olhe, aqui tem cem mil réis. Dá para tudo e ainda sobra um trôco de cinquenta, que é seu. Aceite. Aceite para uma lembrancinha.

Pensou em recusar. Aceitaria dela uma gorjeta? Jamais! Quis dizer que a servia por amor; guardasse o dinheiro para quem não lhe tivesse estima semelhante. Ela falara, contudo, em lembrança. E o Pedro aceitou o trôco, sonhando não gastá-lo. Guardaria na carteira, dobradinha (que dona Laura não visse) a nota restante de cinquenta mil réis. Um dia, quando morresse, achá-la-iam e talvez a sua amada se lembrasse e compreendesse. Choraria uma lágrima sentida, em sua memória. Não. Era melhor mandar-lhe flores. Anônimamente. Iria entregá-las, como se alguém as tivesse deixado na portaria do edifício. O sorriso luminoso dela, ao recebê-las, recompensá-lo-ia do anonimato. Isso mesmo. As flores eram a solução. Rosas vermelhas. Pedro recordou versos perdidos no passado e doeu-lhe não conseguir reproduzi-los. Onde os lera? Nem se lembrava mais. Dona Laura, aquela peste, matara tudo que havia nêle. Talvez agora fôsse um grande poeta, se não a tivesse conhecido. E a moradora do edifício o amaria pelos seus poemas, esquecida do mesquinho físico. Juntos haveriam de...

— Pedro!

— Sim, Laura.



NOVELA DE ANTONIO BULHÕES

A voz saiu-lhe estrangulada, misto de resignação e dor. O devaneio interrompido era tão bom!

— O que é que aquela serigaita queria?

Pedro gaguejou. Fôra-se o impeto de que se munira para a viagem interplanetária. A coisa agora apresentava-se muito mais difícil. Dona Laura, pior que uma equipe da Gestapo. Nem lhe dera tempo de pensar sôbre a maneira como exporia o problema; caíra-lhe em cima, sem mais nem menos, pegára-o desprevenido, não sabia o que dizer. Ficou parado, olhando o chão, abobalhado. Acabou se explicando, quando dona Laura falou no dinheiro.

— Eu vi ela te dando dinheiro. P'ra quê? Deixe ver. Quanto foi?

Tudo ao mesmo tempo, oh, mulherzinha terrível! Por que o atrapalhava ainda mais? Ficava tonto. Todo mundo pergunta uma coisa de cada vez. Dona Laura, uma cachoeira. Jorrava em cima dêle, despencava-se, aniquilava-o. Pensou no dinheiro. Sentiu um calafrio. Se ela descobrisse a história do trôco, iam-se flores, sorrisos luminosos, versos esquecidos. Teve um choque. Descobriu em si fôrças incógnitas, capazes de reagir e defender a humilde oportunidade do seu amor. Contou a história de Mangaratiba. Explicou que não pudera recusar. A senhora era grande amiga do administrador e podia até prejudicar-lhe o emprêgo. Dona Laura não haveria de querer uma transferência do edifício e mudar-se de Ipanema para o Meyer, por exemplo. Aceitara. Compreendesse a sua adorada mulherzinha. Êle não podia dizer que precisava consultá-la. Eram capazes até de pensar que ela mandava nêle; feriu-se o ponto fraco de dona Laura. Concordou. De má vontade, mas teve de concordar. Um perigo êsse negócio de *calcanhar de Aquiles*. Dona Laura resignou-se Achava indecente aquilo; Pedro nunca fôra criado de ninguém, a sirigaita arranjasse outro; no fundo, magoara-lhe a prepotência que alguém recorresse a êle, diretamente, ignorando-a, julgando-o capaz de algum préstimo.

— Está bem. Cadê o dinheiro?

Mais suores frios de Pedro. Não trocara os cem mil réis. Fêz tudo para não mostrar a nota nova, apavorantemente rubra. Foi do patético à ameaça, fato inaudito que, por seu absoluto ineditismo, deixou de provocar a reação esperada. Acabou mostrando a cédula. Seus sonhos se perderam no tempo, na memória, juntaram-se aos versos esquecidos. Impossível lutar lutar com dona Laura; nem mesmo as encontradas fôrças incógnitas podiam resistir-lhe. Derreado, Pedro sentou-se. Aguardava ordens. Adeus, risonhas perspectivas, perenes alegrias, pétalas vermelhas, botões em flor, sublimes anonimatos! Não se cumpriu a missão de Pedro.

Dona Laura determinou tudo. Pôs o despertador para a hora marcada, separou o dinheiro da passagem e preparou uma merenda, não queria que almoçasse fora, podia comer alguma coisa que lhe fizesse mal. Levava sanduíches, ovos duros, carne assada. Manducava aquilo na hora do almôço e voltava pelo trem das três e dez. Pedro ainda achou alento no seu desespêro para reagir. Pois lhe tirava a peixada que ela recomendara com tanto carinho! Não, positivamente não. Mas a desgraça tornara-o astuto. Nem falou em almoçar fora. Pediu apenas mais dinheiro. Argumentou, gemeu, suplicou. E obteve. No fundo, aquilo era uma aventura para dona Laura, que nunca passara além do Leblon e Cascadura. O marido precisava levar algum dinheiro a mais. Podia acontecer qualquer necessidade. Podia a passagem ser mais cara; do jeito que as coisas andam, não admirava se o preço subisse de um dia para o outro. — Podia ocorrer uma porção de coisas que dona Laura apenas vislumbrava através de uma bruma espêssa, indefinida. Deu os implorados cinquenta mil réis.

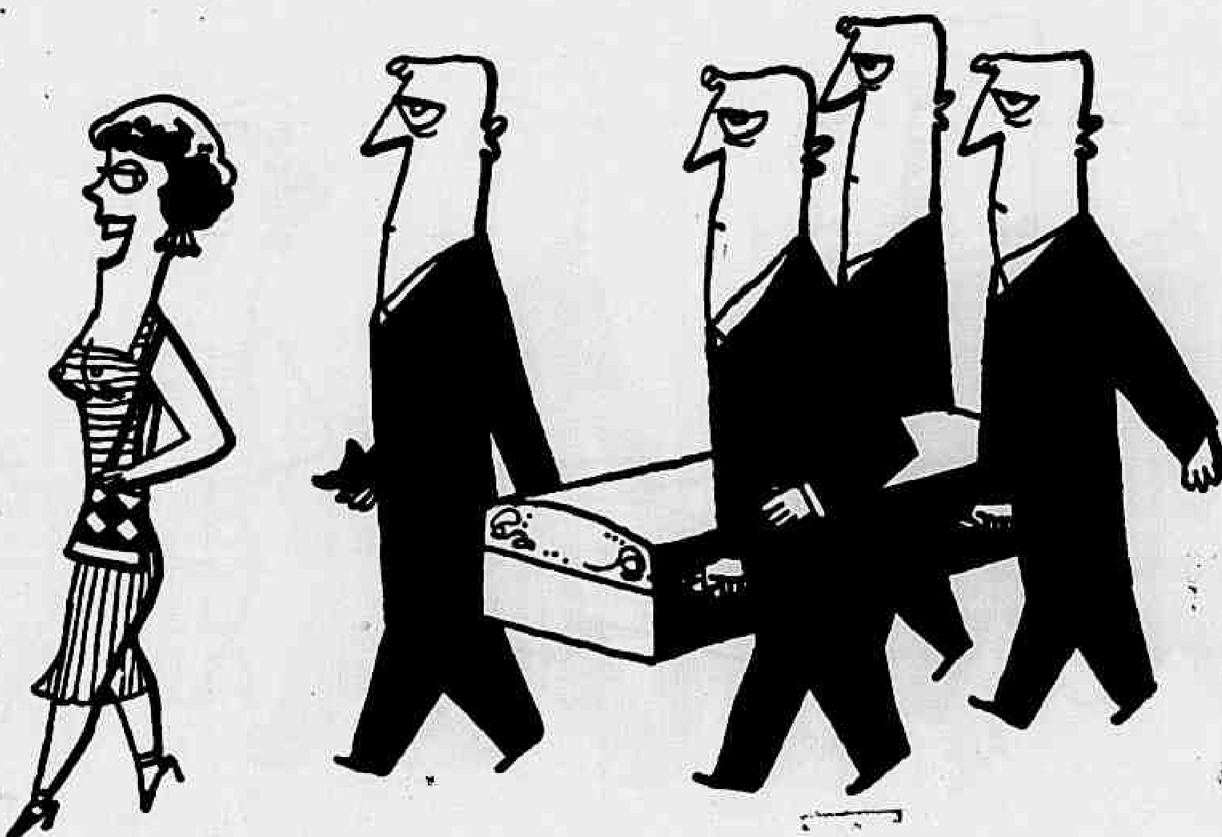
Imensa viagem, aquela. Para o Pedro e todo mundo. Quando se começa a seguir junto do mar, inicia-se o deslumbramento. Que não acaba mais. Há de tudo. Rochas esplêndidas, praias lindas, recantos sombrios, lugares tristes, verdes, cinzentos, azuis assombrosos. Pedro, sem percebê-lo, estava, no instante supremo de sua vida, vivendo o mar. Não êsse marzinho reles, de lagoa salgada e tímidas enseadas, mas o mar imenso, que ultrapassa o mundo, vai além, afunda na alma da gente, trans-

(*Cont. na pág. 46*)

Nicodemus DÁ UMA PALIDA IDÉA DAS MISERIAS DE QUE E' CAPAZ UMA

CRIATURA DE DEUS...

ESSA ADORAVEL
CRIATURA DE DEUS
COSTELA DE ADÃO
SERÁ CAPAZ
DE ACOMPANHAR
À PÉ
UM ENTERRO
A RIR
INTERMITENTEMENTE
SEM SER
AO MENOS
SEQUER
A VIUVA
DO EXTINTO ...



SE NO ENTANTO
A VIUVA
FÔSSE
SE
DEBULHARIA
NUM
VALE
DE
LÁGRIMAS
SENTIDAS
ESQUECENDO
COMO
UM SÊR
SUPERIOR
QUE O
XINGAVA DE
PESTE, BOBÃO,
IDIOTA ETC. ETC...



ESSA MESMA ADORAVEL
CRIATURA QUE,
QUANDO SE LHE DER
NA TELHA,
FALARÁ BEM DE SUA
MAIS FERRENHA INIMIGA,
DARÁ UM NÃO
QUANDO QUIZER DIZER SIM,
DANDO AS COSTAS
À PROPOSTA
MAIS SANTA,
E UM SIM,
QUANDO QUIZER DIZER NÃO
ADERINDO À MAIS ESCABROSA
DENTRE
INUMERAS
DAQUELAS
PROPOSTAS.
ENTENDA-SE...



MAS NÃO É SÓ: SE AFIRMO, ASSEGURO, QUE UMA MULHER É CAPAZ DE TUDO, DE TUDO, DE TUDO O QUANTO MENOS SE ESPERA, FALO POR EXPERIENCIA PROPRIA:

MINHA ESPOSA
TENDO EM CASA,
A MIM,
NICODEMOS, UM HUMORISTA,
VIVE ELOGIANDO AS PIADAS DO **VÃO GÔGO!**







EM HOLLYWOOD — Algumas das mais lindas estrêlas de Hollywood, apresentam aqui sugestivos modelos que você certamente muito apreciará. A esquerda, Terry Moore, da Columbia, um encantador modêlo em «laise»; à direita, ao alto, Patricia Knight também da Columbia,. com um vestido em «faille» beije, saia em gomos. Em baixo, Lauren Bacall, da Worner, com um costume de linhas clássicas, em casemira cinza, estola do mesmo tecido, debruada de pele de marta.

Vamos fazer ginástica?

— Não!

Essa deve ser a resposta à pergunta que está no título.

Sei que as leitoras vão ficar espantadas com esta novidade: a ginástica poderá fazer algum bem, mas, o que é certo, é que faz sempre — sempre, tomem nota — muito mal.

Já sei que vão ficar espantadas, mesmo. E vão pensar que estou dando uma opinião para ser do contra, sem fundamento, sem explicação.

Pois se a ginástica é tão aconselhada por aí a fora! Pois se a cultura física é o recurso para manter a linha, afinar a cintura, diminuir o ventre, aumentar — ou diminuir — o colo, enrijecer os músculos, etc., etc.!

E agora, apareço eu — e quem sou eu para um palpite assim? — e venho dizer, venho gritar: cuidado, não façam ginástica!

Pois, queridas amiguinhas, a ginástica, conforme autoridade médica provou em obra recente, é tudo o que pode haver de menos indicado para tudo isso. Essa autoridade é o doutor Steincrohn, cujo livro «O Repouso Começa aos Quarenta», vem de ser traduzido em português.

Aconselha êle a completa abstenção da ginástica — a não ser na infância e na juventude e, isso mesmo, com contrôle médico. Prova que a ginástica para adultos é perigosa e inútil. Não emagrece nada. Não conserva a linha. Não desenvolve o busto, nem diminui os quadris. Apenas contribui, em alta dose, para o enfraquecimento físico, para as lesões cardíacas, para a velhice prematura. O doutor Steicrohn ver pôr um freio nesse delírio de ginástica, esporte e atletismo tão abundantemente preconizado por «leigos». Notem bem: leigos.

Acentuo a circunstância porque também já passei pela minha fase de ginástica: já sofri, também, a contaminação do virus ginástico e só me curei — ainda bem — porque comecei a sentir tonturas inexplicáveis, vertigens esquesitas e fui ao médico. Prescreveu-me o abandono da ginástica, mesmo a mais simples, cortou-me o prazer do tênis e até o do ping-pong. E, coisa horrível — não me suspendeu o cigarro!

Agora, no livro do doutor Steincrohn vejo a mesma coisa. Êle não ataca o cigarro, acha a ginástica mais prejudicial, embora seja universal o conhecimento dos males que causa a nicotina, sobretudo ao organismo feminino. Prescreve êle, para a saúde e a elegância da maturidade, atitude correta, repouso, boa alimentação, regimes inteligentes, práticos — e nada de ginástica.

As leitoras que se precavenham contra os milagres que os ginasticófilos oferecem, da juventude eterna, por meio dessa panacéia. E se quiserem ficar convencidas, leiam o livro do doutor Steincrohn..

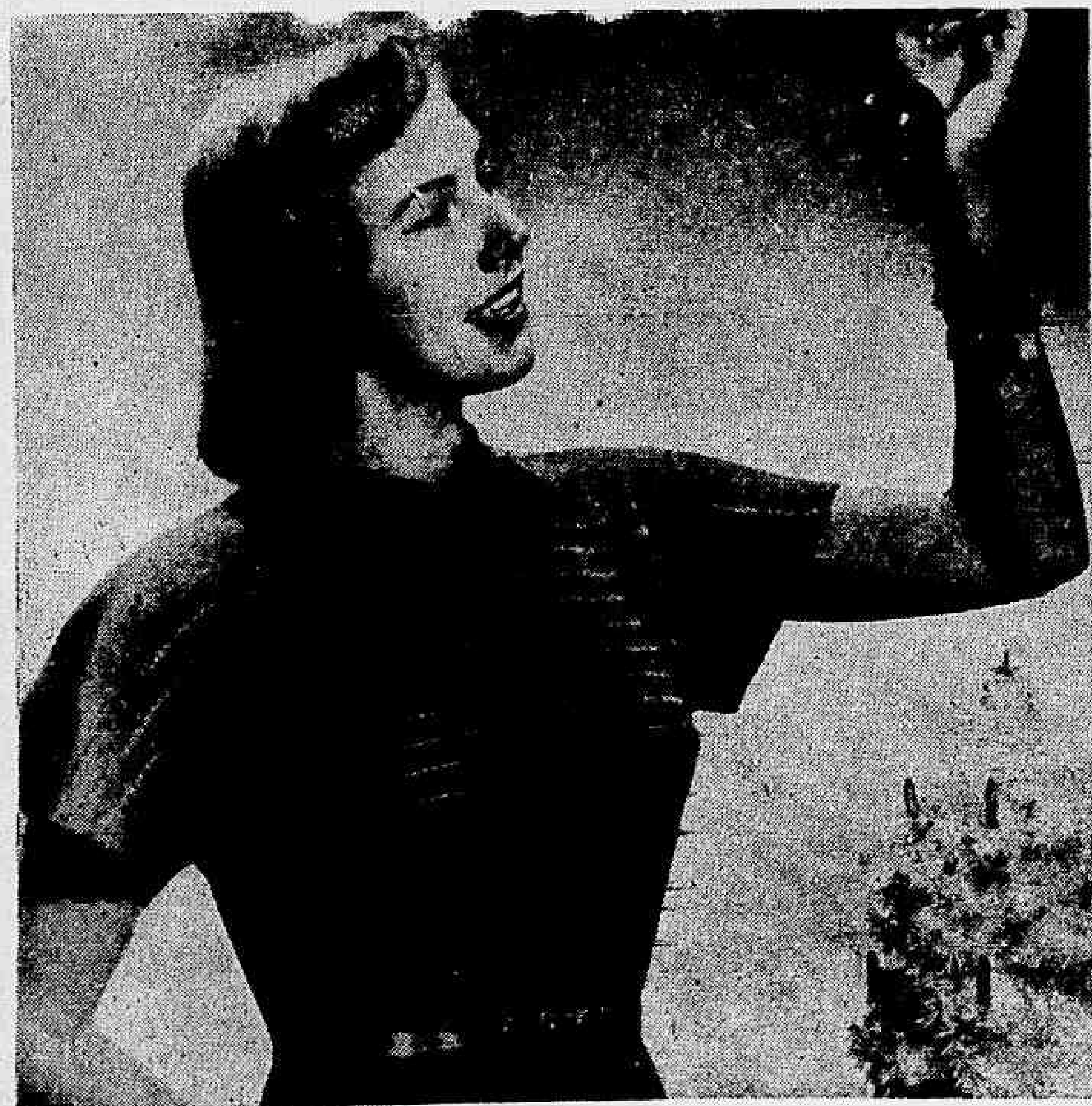
LYSE





BLUSAS MODERNAS

ESTA coleção de blusas, fáceis de fazer, servirão para serem usadas com os costumes ou modelos de duas peças. Em cima: modêlo em organza, enfeitado com babados da mesma fazenda. As mangas são enfeitadas com fitas de veludo, dando laços. — Blusa em sêda com seis pregas na frente, sôbre as pregas, pequenos bordados. — Em baixo: blusão de malha com mangas japonêsas, próprio para ser usado com saias de lã. — Duas blusas de cambraia, a primeira enfeitada com rendas e a segunda com bordados.





E
inter
trad
saco
mesi
mad
amp
reco
com
Casa
fran
just
lã c
gro.
e b
fren





EIS aqui alguns sugestivos e originais modelos em duas peças: em cima, interessante modêlo com saia em lã listrada, formando duas pregas atrás e casaco em outro tom, debruado com a mesma fazenda da saia. — Conjunto formado por saia em lã fina branca, casaco amplo, também em branco, enfeitado com recortes em fazenda preta e blusa preta com os recortes em branco. Ao centro — Casaco com mangas largas um pouco franzido na cintura, aba godé, saia bem justa. Em baixo — modêlo clássico em lã cinza, gola enfeitada com veludo negro. — Elegante contraste forma o preto e branco neste casaco de aba cruzada na frente. Saia justa em sêda preta.



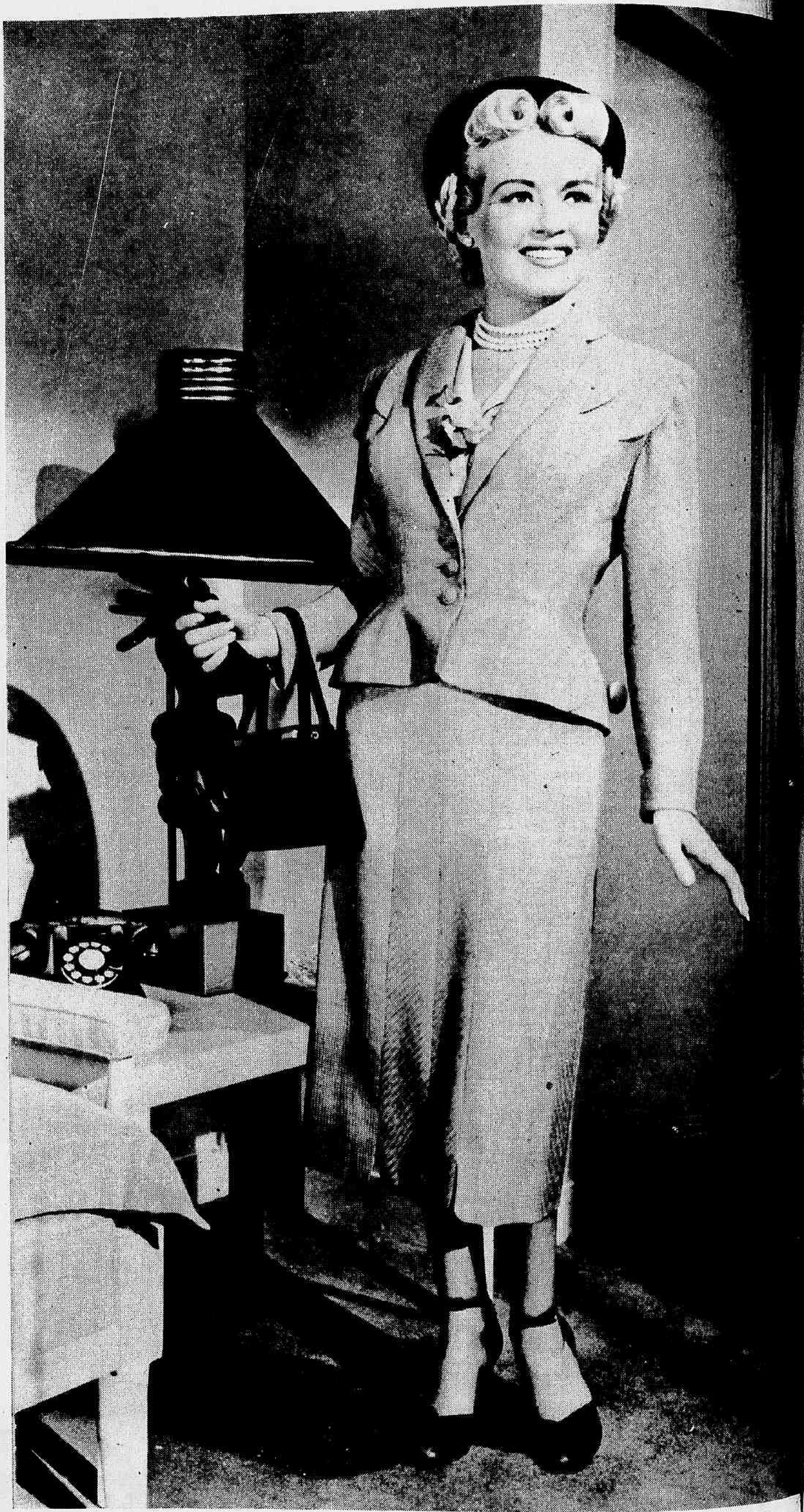


DUAS PEÇAS ORIGINAIS









BETTY GRABLE APRESENTA

BEETY Grable, a sempre jovem e apreciada «estrêla» da Fox, é quem nos apresenta êstes quatro originais modelos para o inverno. À esquerda, de cima para baixo, «tailleur» em lã cinza-escura, três botões; em lã azul-marinho, modêlo duas peças, gola ampla, casaco com botões; amplo casaco em lã beije, para viagem; finalmente, em cima, um sugestivo costume em «pied-de-poule», para passeio, blusa em sêda branca, chapéu, luvas e bolsa em camurça azul.

M

E...

no ca...

casac...

em a...

TA

modelos
marinho,
ma, um
ca azul,





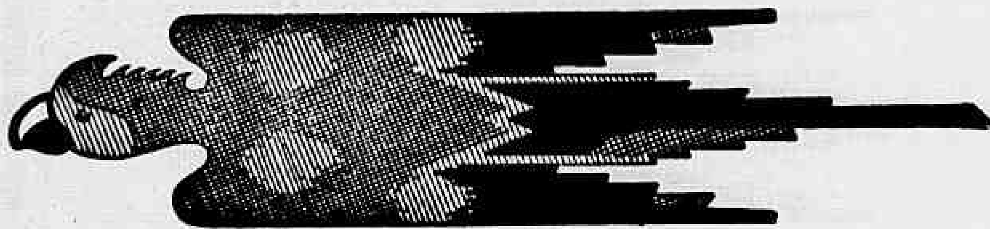




MODELOS DE CLAUD TIE COLBERT

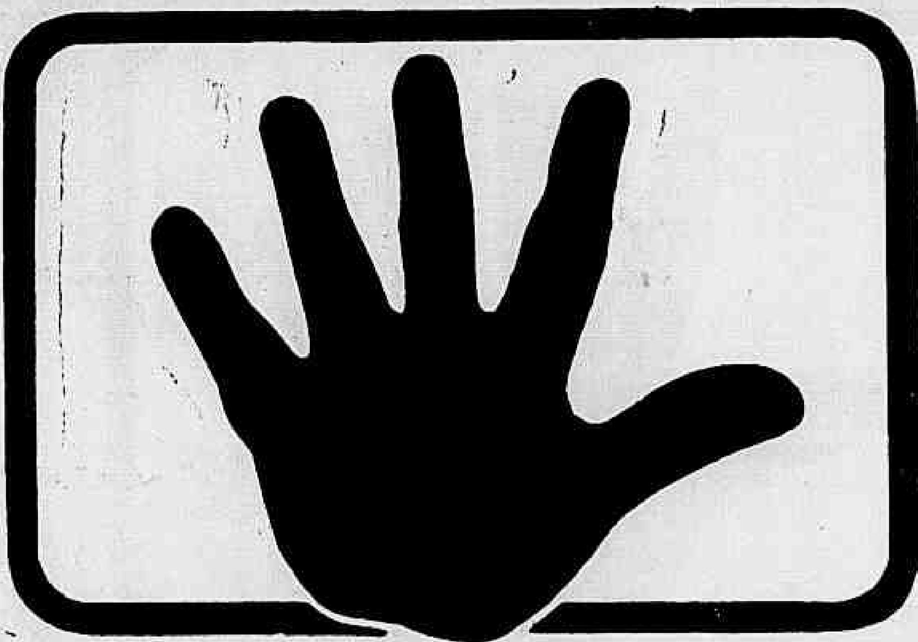
ELEGANTES e distintos são os vestidos que Claudette Colbert, a veterana «estrêla» da RKO sugere para o seu guarda-roupa de inverno. À direita, de cima para baixo, temos: sugestivo modêlo duas peças, em lã beije, recorte original no casaco; conjunto em pesada séda azul-marinho, bolero com «rouches» do mesmo tecido; costume em lã, saia godê, casaco curto com botões forrados do mesmo tecido; à esquerda, Claudette apresenta um elegante modêlo quadriculado em azul e branco, gola e punhos em fustão branco, botões em tôda a extensão do modêlo.

AEROVIAS



ANÁPOLIS ● ARACAJÚ ● ARAGUARÍ ● BELÉM ● BELO HORIZONTE ● BOM JESUS DA LAPA ● CAROLINA ● CORONEL FABRICIANO ● CURITIBA ● FORTALEZA ● GOIÂNIA ● ILHÉUS ● LA GUAIRA (Venezuela) ● LONDRINA ● MACEIÓ ● MIAMI (Estados Unidos) ● NATAL ● PARAMARIBO (Guiânia Holandeza) ● PARNAIBA ● PEDRO AFONSO ● PETROLINA ● PORTO ALEGRE ● PORTO NACIONAL ● PORT OF SPAIN (Trinidad) ● RECIFE ● RIO DE JANEIRO ● SÃO PAULO ● SÃO LUIZ ● SALVADOR ● TEREZINA ● TRUJILLO (Rep. Dominicana) ● UBERABA ● UBERLÂNDIA ● VARGINHA ● VITÓRIA.

BRASIL



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO



WEEK-EN



RATINHOS DE CHOCOLATE

Faça uma calda com 300 gr de açúcar, junte 200 gr de amêndoas moidas, 2 colheres de cacau em pé e 5 ovos. Leve ao fogo até despegar da panela. No dia seguinte faça bolas como ovos de pomba, passe em açúcar afinando uma das pontas. Enfie como orelhas amêndoas, partidas em quatro, pelo comprido. Faça suspiro com 1 clara e 2 colheres de açúcar e por meio do saco com o bico mais fino faça os alhos e o rabinho voltado para cima. Leve à boca do forno só para secar, e arrume em caixinhas de papel. Próprio para chá.

GLACÊ DE CARAMELO

3 paus de chocolate, ½ xicara de leite, 2 ½ xicaras de açúcar, 1 pitada de sal, 1 colher de manteiga, 1 colher de café de essência de baunilha, 1 ½ colher de mel. Leve ao fogo sempre mexendo, até o açúcar ficar bem dissolvido. Então, pare de mexer e vá tomando ponto na água fria até formar uma bala mole. Retire do fogo, junte a baunilha e a manteiga e bata até tomar boa consistência para cobrir as peças.

MAIONESE EM PRATINHOS

Parta 3 pés de alface crêspa, corte em tiras fininhas e forre 12 pratinhos fundos de cristal. Cozinhe 1 beterraba grande ou 2 menores com casca, descasque e rale. Tome 2 cenouras cruas, raspe e rale. Cozinhe 1 k de camarões, descasque e parta em pedacinhos de 1 cm. Cozinhe ligeiramente e parta também em pedacinhos 3 chuchus. Faça um môlho maionese para ornamentação. Misture os chuchus, os camarões e coloque no centro dos pratinhos em pirâmides, deixando a alface de fora, em redor. Com 1 colher de café, tome a beterraba e deite 3 montinhos sôbre a alface; intercalados com 3 montinhos de cenouras. Deite a maionese no saco de ornamentação, principie no centro e borde ao redor dos montinhos e bem no tôpo deite um montinho das claras picadas. Guarde em lugar fresco.

MÔLHO MAIONESE PARA ORNAMENTAÇÃO

Faça um môlho maionese comum, junte 6 gemas cozidas e peneiradas, bata bem, deite no saco próprio e faça os enfeites.

NABOS DOURADOS

Tome 24 nabos pequeninos, ou maiores partidos em quatro. Leve a cozinhar n'água a ferver com sal. Tome 1 colher de manteiga com outra de açúcar e leve ao fogo para ficar como caramelo. Jogue ai os nabos, deixe dourar bem e sirva.

BÔLO RICO DE MINAS

Batem-se um pouco 500 gr de manteiga juntando-se 500 gr de açúcar e seguidamente 3 gemas de ovos. Depois de bem batido juntam-se 500 gr de farinha de trigo, 1 garrafa de leite de vaca, 3 claras batidas à parte e por último 1 lata de leite de côco. Vai ao forno em fôrma untada com manteiga.

PUDIM SOUFFLE DE FÉCULA

Tome 1 litro de leite, 3 colheres de fécula de batata, 4 colheres de açúcar, 1 colher de manteiga, 8 gemas, 8 claras em neve, passas e 1 colher de rum. Misture o leite, o açúcar, manteiga e a fécula e leve a engrossar no fogo. Depois retire, junte o resto e despeje numa fôrma untada e leve a assar em banho-maria ou no forno. Cresce muito. Desenforme e polvilhe com açúcar e canela.

TIJELINHAS DE QUEIJO

Bata 6 ovos, as claras separadas, junte 125 gr de queijo de Minas ralado e 3 xicaras de leite fervendo com sal. Deite em tijelinhas untadas, e leve a assar no forno, com um pouco de água no tabuleiro. Desenforme e arrume como guarnição ao redor de um prato.

CARAMBOLAS EM CALDA

Corte umas 6 carambolas bem bonitas, em rodelas de 1 cm de espessura. Tire os caroços e deite numa calda rala, feita com 3 xicaras de açúcar e 1 xicara de água. Deixe cozinhar um pouco, retire as carambolas e tome ponto da calda mais forte, para juntar de novo as frutas.

SALADA REAL

Em uma vasilha deitam-se 3 a 4 colheres de maionese e dentro desta se coloca uma alcachofra cozida, da qual se tirou o miolo. Enche-se a alcachofra com salada italiana e sôbre esta arrumam-se duas tiras de tomates cruzados. Ao lado da alcachofra, colocam-se 5 aspargos que se guarnecem com raminhos de salsa.

BOLOS DE PRESUNTO

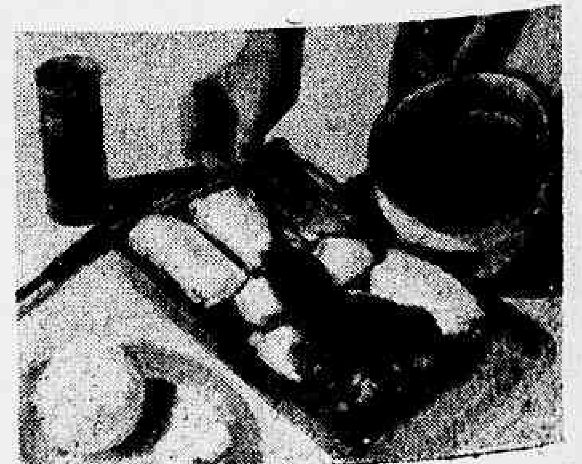
Tomam-se fatias de presunto que se cobrem com um pouco de salada italiana. Enrolam-se e arrumam-se sôbre um prato que se guarnece com tomates, rodelas de ovos, pepinos em conserva e azeitonas.

CHARLOTTE MONT BLANC"

Forra-se uma fôrma apropriada com palitos franceses, acabando-se de enchê-la com nata batida à qual se juntou açúcar à vontade e um pouco de Marashino. Deixa-se gelar durante 2 a 3 horas em gêlo que se misturou com bastante sal. Vira-se sôbre um prato, guarnece-se com Chantilly e serve-se imediatamente.

OVOS SIMPLES

6 ovos (calcula-se um ôvo para cada pessoa), 1 pãozinho de leite, 1 colher de queijo ralado, sal, pimenta, nata ou leite. Cozinham-se os ovos, descascam-se, cortam-se ao meio, e extraem-se as gemas. Misturam-se as gemas com pão embebido em leite, queijo, sal, pimenta e um pouco de nata. Com êste recheio enchem-se as claras que se colocam em uma fôrma untada com manteiga ou



NA COZINHA

que se cobrem com nata ou leite e que se levam ao forno para assar um pouquinho.

PANQUECAS COM PÃOZINHO DE LEITE

25 gr de pãezinhos de leite, ½ litro de leite, 4 ovos, sal, 2 colheres de farinha. Cortam-se pãezinhos em fatias finas que se cobrem com leite quente e que se deixam de lado para amolecer. Em seguida misturam-se-lhe as gemas, farinha, sal e as claras batidas em neve. Com esta massa frigem-se panquecas que se pulverizam com açúcar e que se enrolam. Antes de servir, cobrem-se com um môlho qualquer de fruta.

OVOS COM TOUCINHO DEFUMADO À ITALIANA

Calcula-se para cada pessoa: 2 ovos, 120 gr de toucinho defumado, 100 gr de queijo ralado, um pouco de manteiga e de sal. Batem-se os ovos, corta-se o toucinho em pequenos quadrados que se colocam na frigideira e se deixam frigir por pouco tempo. Tira-se a frigideira do fogo e espalha-se o queijo sôbre o toucinho. Quando o queijo começa a derreter despejam-se sôbre êle os ovos batidos e temperados. Mexe-se tudo depressa para que o queijo se misture bem com os ovos. Devem ser servidos bem quentes.

SPETZELI

Em ½ litro de leite fervendo, vai-se deitando farinha até formar uma massa não muito dura. Mexe-se esta massa com uma colher de pau e quando estiver bem ligada despeja-se em uma travessa. Quando estiver fria, misturam-se-lhes 5 a 6 ovos. Em seguida cortam-se spetzelis que se deitam em água fervendo e sal e que se servem com manteiga derretida misturada com farinha de rôsca.

TIMBALE DE MORANGOS

Massa de pastéis ou massa folhada simples, morangos, creme Chantilly e açúcar. Forra-se com massa uma fôrma de abrir: enche-se esta com feijões brancos ou ervilhas sêcas (para a massa ficar bem colada à fôrma) e leva-se ao forno até tomar uma côr dourada.

Retiram-se os feijões ou ervilhas, enxuga-se a crosta, que se deixa esfriar. Misturam-se os morangos com o açúcar, enche-se o timbale e enfeita-se com o creme. Coloca-se em uma travessa e dispõem-se os morangos à volta.

TORTA DE PÃO PRÊTO

150 gr de manteiga, 5 ovos, 125 gr de açúcar, 1 ponta de faca de canela e de cravo em pó, 125 gr de farinha de batatas, 1 colherinha de fermento em pó, 125 gr de farinha de pão prêto embebida em vinho branco. Juntam-se as gemas e os temperos à manteiga batida como creme e adicionam-se as claras batidas em neve, a farinha de batatas com o fermento e a farinha de pão.

Enche-se uma fôrma bem untada com manteiga, e leva-se ao forno médio por espaço de 40 a 50 minutos.

Embebe-se esta torta em ¾ de litro de



vinho de maçã às colheradas, e, depois de fria, cobre-se com creme Chantilly ou enfeita-se com frutas em compota.

TORTA PRETA E BRANCA

150 gr de manteiga, 500 gr de açúcar, 4 ovos, 1 xícara e ½ de leite cru mais 500 gr de farinha de trigo, 4 colheres de chá de fermento em pó, 50 gr de cacau ou 125 gr de chocolate ralado.

A manteiga, bem batida, mistura-se ao açúcar e bate-se mais 10 minutos: juntam-se as gemas, o leite, a farinha peneirada, as claras bem batidas e por último, com cuidado, o fermento.

Põe-se a metade dessa massa em fôrma untada e polvilhada com semolina, a outra metade mistura-se depressa com o cacau ou com o chocolate ralado e põe-se esta mistura, às colheradas, por cima da primeira.

Assa-se durante uma hora, cobre-se depois com glacê de chocolate ou enfeita-se com nozes açucaradas ou pedacinhos de frutas.

BISCOITOS HOLANDESES

250 gr de manteiga, 250 gr de açúcar, 500 gr de farinha de trigo, 2 ovos e 4 colherinhas de fermento em pó. Misturam-se êstes ingredientes e batem-se bem: estende-se a massa na grossura de uma faca e cortam-se com o auxílio de forminhas diversas figuras. Põem-se em assadeira untada e assam-se até ficar bem torradinhas. Guardando-se em latas fechadas, conservam-se frescas por muito tempo.

PURÉE DE LEGUMES

Quando botar água no caldo, junte 1 pedaço de repôlho, outro de abóbora, 2 batatas-doce, 3 cenouras, 1 nabo e punhado de cevadinha. Cozinhe muito bem, passe pela peneira, tempere de sal e leve novamente ao fogo para ligar. Sirva bem quente com pão frito.

MÔLHO MORNAY

Toste ½ colher de cebola ralada em 1 colher de manteiga, junte 1 colher de farinha, passe um pouco, molhe com 3 xícaras de água quente, sal, deixe ferver um pouco e côe. Incorpore 1 colher de queijo ralado e 2 gemas. Bata com o batedor, leve ao fogo, ràpidamente, e sirva.

RECHEIO DE GALINHA

Ensope 1 galinha sem tomates e sem tostar muito, para ficar clara. Tire os ossos e as peles e pique a carne bem miudinha. Leve ao fogo, numa panela, 1 colher de manteiga com outra de cebola picadinha para tostar; depois junte 2 colheres de farinha de trigo, desmanchadas numa xícara de leite e outra de môlho da galinha. Leve a engrossar. Retire do fogo, junte 2 ovos, bata um pouco, adicione a galinha picada, palmitos cozidos partidos em pequenos pedaços ou ½ latinha de petits-pois, ou então 1 lata de champignos. Misture de leve para não amassar.



MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

Passou a dôr?
- um SORRISO -



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



A SAÚDE DO BEBÊ

CHÔRO DA CRIANÇA E SUAS CAUSAS

DR. SABOIA RIBEIRO

A fim de exprimir as sensações dolorosas ou simplesmente incômodas que a assaltam é o pranto a linguagem da criança nos primeiros meses.

Êsse pranto, entretanto, assume diferentes modalidades, ou caracteres, de modo que, por êle, é possível identificar, às vêzes, a sua causa, ou pelo menos excluir algumas que a êle, igualmente, dão lugar, em muitas ocasiões.

Em primeiro lugar o chôro do recém-nascido durante as primeiras horas, repetindo-se com intervalos mais ou menos frequentes, trai, sem dúvida alguma, anormalidade patente.

O rosto do recém-nascido é perfeitamente flácido, poder-se-ia dizer — sem expressão.

As impressões internas não chegam a exteriorizar-se nêle; não se lhe vê nenhuma ruga, cheio, arredondado, a bôca fechada, pois a respiração se faz exclusivamente pelo nariz.

Sòmente uma ou outra vez, durante o sono, a criancinha esboça um como sorriso nervoso. As comadres costumam dizer, dêsse sorriso, que a criaturinha "brinca com os anjos". Mas não é isso; na realidade o que se passa é uma pequena cólica, e nada mais.

Seja como fôr, se a criancinha chora é que alguma coisa é ou com ela se passa. A fisionomia do recém-nascido, ao dormir, é beata, serena, de uma calma proverbial.

O chôro da criança, antes como depois, se frequente ou sem uma causa objetiva mais ou menos evidente, sugere logo uma das hipóteses — transtôrnos nutritivos, infecções, abcesos, neuropatia, etc.

As crianças portadoras de neuropatia são de natureza propensas ao chôro, e se afazem tirânicamente aos mimos, sem os quais não passam mais. Acontece, muitas vêzes, que desde o nascimento o acostumaram ao colo, ao ritmo bom de um par de braços. Está feito o resto. Desde então, não há mais como dormir a criança em sítio fixo, que logo dá pela falta de "seus" braços.

E adormece chorando, acorda chorando. Há quem calcule que essas crianças dispendem um têrço das energias da alimentação nesse chorar quase sem tréguas. E' esta uma das causas mais frequentes do chôro da criança.

Umas vêzes o chôro é mais ou menos intervalado, motivo de algum processo inflamatório, o que sugere, entre outras hipóteses, o Raquitismo, a doença escorbútica, a própria sífilis.

Tanto a dor, nesses casos, pode vir espontânea, isto é, estando a criança perfeitamente imóvel mesmo em sua defesa, como provocada ou exacerbada pelos movimentos.

Nas afecções ósseas da sífilis, quer uma quer outra coisa se encontram de tal maneira que, hoje, quando a criança costuma despertar sùbitamente com uma verdadeira crise de chôro, a hipótese de uma doença óssea sifilítica é sempre e necessàriamente examinada. Muitas vêzes não existe nenhum sinal inflamatório externo, porém, a palpação das extremidades dos ossos longos (e o do braço é o mais atingido), mostra a existência de um processo inflamatório que faz o chôro aparentemente imotivado da criancinha.

Ainda ligado a alguma dor, o chôro reveste, outras vêzes, um caráter intenso e descontínuo, caso em que se pensará numa cólica ou uma inflamação aguda do ouvido; uma revista do alimento nocivo, ou um exame da garganta, esclarecerá a verdadeira situação e sua causa. Na intoxicação alimentar, com a febre, esboça-se, logo mais, a apatia característica. Nas supurações do ouvido, a compressão pre-auricular aguça ainda mais a dor, ajudando o diagnóstico.

Uma característica do chôro de dor da criança é que êle se desenrola entre dois sons — *i* e *ai*.

Não obstante, quase sempre o chôro da criança é igualado a uma manifestação de fome. Mas o chôro de fome da criança tem características próprias que o diferenciam de outras formas do pranto infantil.

Quando a criança chora por *fome*, o pranto se desenvolve apoiando-se na vogal *a*. O bebê chupa àvidamente a chupeta, o dedo, e só cessa de chorar quando a satisfazem com o alimento. Ajudando o diagnóstico, a criança que está passando fome, e vive entre uma crise de chôro e outra, apresenta escassez de fezes e urina, e um pêso estacionário. Se se pesa a criança, antes e depois de cada mamada, verifica-se que o leite ingerido é sempre exíguo — daí o estado de fome da criança.

Até aqui temos falado em algumas modalidades do chôro da criança mais frequentes, porém outros existem denunciadores da *meningite tuberculosa* (grito agudo, interrompendo a sonolência profunda da criança), de *alterações meningíticas da sífilis* com hidrocefalia (chôro em crises que se prolongam), de uma *febre tifoidéa em evolução* (chôro contínuo), etc.

Como se vê, é um êrro julgar que tôdas as vêzes que a criança chora é porque está com fome e quer mamar.

E' preciso lembrar ainda causas como o frio ou o calor, as roupas apertadas, picadas de insetos (pulgas, etc.), fraldas úmidas, assaduras, etc.

O simples sono, por outro lado, conduz também ao chôro.

Se a criancinha está no uso de farinhas, que reclamam uma quota suficiente de água na alimentação, o chôro pode ser causado ùnicamente pela sêde, e cessa apenas com alguma água propiciada à criança.

Tais as causas do chôro da criança, evidentemente de significação variada e portanto longe de serem sempre equiparadas ao simples estado de fome da criança, o que só é em limitados casos já caracterizados.

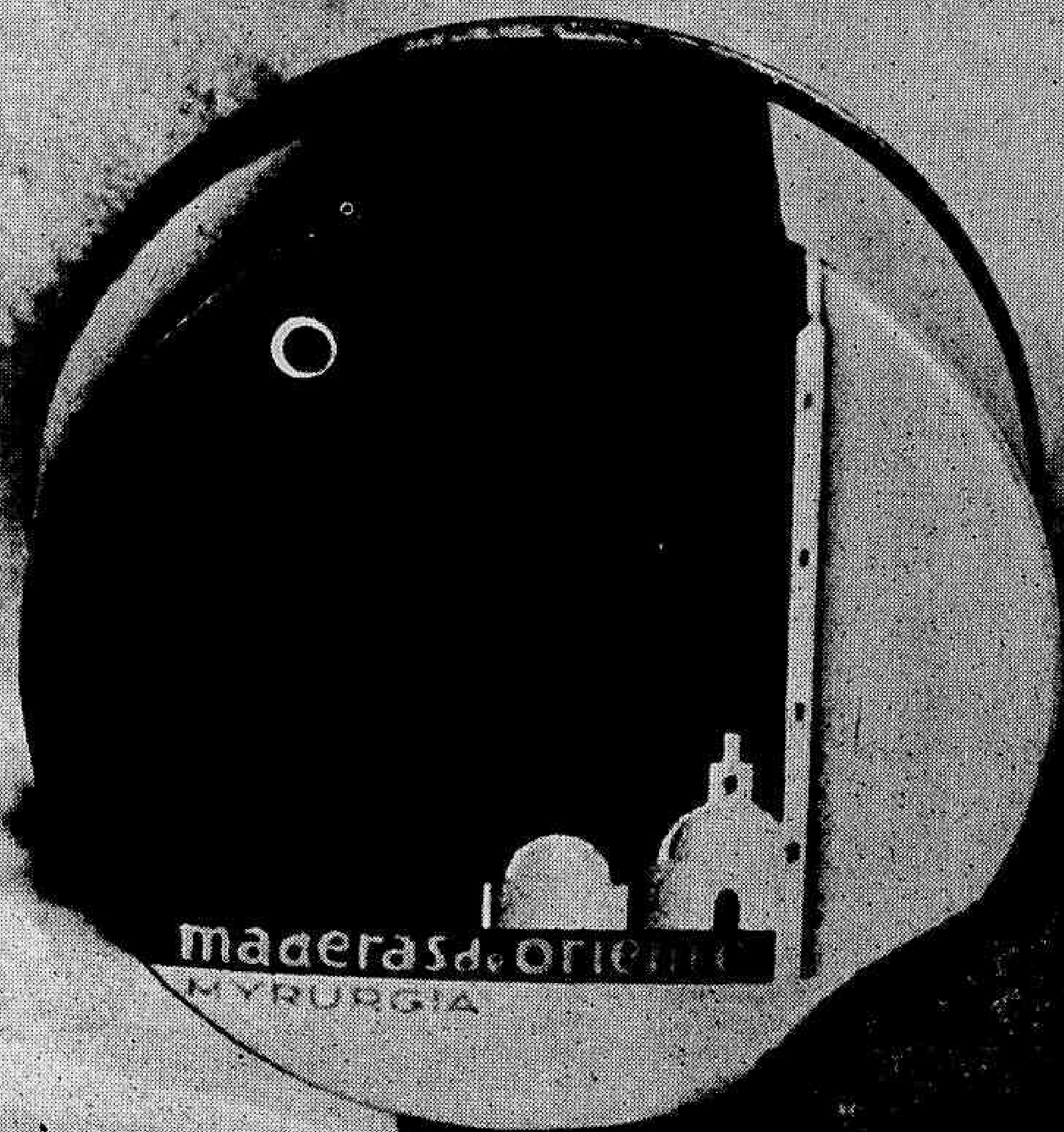


Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

Afinam
e aformoseam a cutis





PÓ DE ARROZ
MADERAS
DE ORIENTE

ROUGE
UN RUBOR

MYRURGIA

MÚSICA

LA TRAVIATA

ROBERTO LYRA FILHO

O elenco da «Traviata», quando foi anunciado, parecia garantir um dos melhores espetáculos da temporada lírica nacional. Êsse prognóstico, aliás, repousava, em grande parte, na confiança do público nos recursos vocais e dramáticos de Alice Ribeiro, sob cujos ombros pesava a maior quota de responsabilidade, por ser a figura central, que tanto poderia levar o espetáculo a um sucesso seguro, como conduzi-lo a irremediável desequilíbrio.

Nninguém pode duvidar da capacidade de Alice Ribeiro, cuja carreira, na música de câmera como na ópera, já revelou tôdas as excepcionais qualidades de sua voz e a arte requintada com que sabe usá-la, nos seus dias mais felizes. Será necessário dizer que, ao cantar a «Traviata», estava atravessando um dêsses momentos de sombra que encobre temporàriamente o brilho de atuações anteriores, mas não nos faz perder a esperança de que, muito breve, a indisposição passageira será esquecida, no fulgor de novos triunfos? Logo no início do primeiro ato, verificamos que ela estava cantando a meia voz, frequentemente abafada pela orquestra, apesar do perfeito cavalheirismo com que o maestro e os músicos colaboravam no sentido de suavisar o contraste. Imaginamos que resolvera poupar as fôrças para enfrentar o longo e exaustivo trecho final do 1.º ato. Mas nem mesmo quando, no **Sempre Libera**, a partitura exige uma verdadeira exibição do que poderíamos chamar fogos de artifício vocais, um jôgo brilhante de agilidade, nem mesmo naquele instante, Alice Ribeiro deu plena expansão à sua voz. Nas conhecidas acrobacias sonoras que Verdi impõe à sua heroína, a cantora não abandonou aquela atitude constrangida e apagada. Elegante, graciosa, movimentava-se em cena com desembaraço, mas, vocalmente, desapontava os seus admiradores.

Se Alice Ribeiro fôsse uma estreante, teríamos atribuido às emoções do primeiro contacto com o público a hesitação, a timidez que observamos. Mas, tratando-se



Alice Ribeiro

de uma artista de longa experiência, só poderemos explicar o insucesso de sua «Traviata», admitindo a possibilidade de uma súbita indisposição. Após aquêle primeiro ato, que deixou o público desnorteado, a procurar o motivo da inesperada ausência das qualidades que o levaram tantas vêzes a aplaudir, com entusiasmo, as criações de Alice Ribeiro, prosseguiu a récita, mantendo-se ela, sempre, naquela espécie de inibição vocal. Aliás, nem sempre a sua afinação foi impecável...

Mas seria cruel comentar, com minúcias, o desempenho de Alice Ribeiro, naquela noite, pois ela tem crédito artístico bastante elevado para que lhe possa ser debitada essa interpretação infeliz, deixando, ainda, um auspicioso saldo de prestígio e simpatia. A Micaela que, na Carmen, fêz com que o público interrompesse o espetáculo com uma ovação pela área — **Je dis que rien ne m'épouvante...**, a Mimi que soube conquistar a platéia em mais de uma récita da «Bohême», tôda a galeria de papéis que marcam triunfos passados de Alice Ribeiro mostra que ainda podemos esperar muita coisa de seu futuro, na ópera, a despeito dessa «Traviata» que ficará arquivada num piedoso esquecimento. Se Alice Ribeiro não correspondeu à expectativa, já Paulo Fortes, em plena forma, dominou o espetáculo, tendo a platéia exigido e obtido um **bis** de sua grande ária do 2.º ato. Encarnando o velho Germent com dignidade e imponência, adequados à figura do pai severo no melodrama, Paulo Fortes conseguiu, fàcilmente, destacar-se. Roberto Miranda, numa atuação correta, dramatizou discretamente, cantando com calorosa e comunicativa emoção, se bem que os defeitos de emissão, a que já aludimos em crônica anterior, continuem presentes. Os demais elementos, discretos, com exceção da sra. Vera Costa Neves que, evidentemente, não está ainda preparada para participar de um espetáculo de ópera, nem mesmo no pequeno papel de Annina.

A PEIXADA EM...

(Cont. da pág. 35)

torna planos, preconceitos, vidas feitas. Pedro, marginando o mar, flanava acima de tôdas as coisas, ia aos poucos renascendo, descobrindo-se, defrontando em si, a cada reflexão, um outro homem, capaz de um grande amor, capaz até de ser livre. Livre de dona Laura. Livre do edifício e seus trinta-e-dois apartamentos. Livre de tudo. E prêso a ela, definitivamente. Prestava-lhe um favor, delícia dos grandes amorosos. Sorriu. Ela talvez estivesse pensando nêle! Recordou a doçura com que lhe pedira para ir a Mangaratiba. Doçura imanente a quem é doce; mas aos olhos dêle, a mesma doçura pertencia-lhe inteira, ninguém mais a tinha, outro nenhum a recebia. Não possuiria jamais aquela mulher, inconscientemente o sabia. Mas sonhava — e ao seu incipiente desejo de ser livre bastava o sonho por enquanto. Sonhando, lembrou-se da peixada. Que diabo! Como fazer? Queria a peixada, com desespêro. Precisava dela. Dona Laura, porém, era implacável. Mandara-o com aquela maldita merenda, resquício do cativeiro. Vontade de jogá-la pela janela. Arranjara dinheiro, é certo, podia comer a peixada, mas tinha que dizer em que se fôra o cobre. E, sabia-o de cor e salteado, não adiantava mentir à mulher. Ela descobria logo e então piorava tudo. Explicar que tinha comido a peixada — não era explicação. A merenda chegava para matar-lhe a fome. Não podia comer as duas. Uma ou outra. Miserável dilema. Tudo lhe recomendava a merenda como o melhor caminho, mas a peixada impunha-se com a fôrça das coisas proibidas e misteriosas, tomava conta dêle, avassalante, quase sensual. Imaginava-se entrando no botequim e pedindo-a. Economizaria o guardanapo e o serviço. Ficava mais barato e talvez desse para tomar o seu vizinho. Isso. Um copo de vinho, faz favor. Além do que, os cinquenta mil réis davam de sobra; ali em Mangaratiba, à beira-mar, longe da ganância urbana, devia-se almoçar bem por vinte ou vinte e cinco. Enfim, era sempre bom fazer economia no que pudesse; nada de riscos inúteis. Depois do café, haveria de fumar o seu charuto. Há séculos não o fazia, porque dona Laura detestava o cheiro. Dona Laura de novo! Dona Laura, dona Laura, dona Laura! Não o largava nunca, Senhor! Pedro chegava ao limite da resistência. Os brados de desespêro, dentro dêle amiudavam-se, torturando-o, causando-lhe agonias intermináveis. Dona Laura que fôsse para o diabo. Fumaria o charuto. Nem que tivesse depois de chupar umas pastilhas de hortelã, a fim de tirar o cheiro. Mas fumaria. Sorriu a contra-gôsto. Triste solução aquela, das pastilhas de hortelã. Covarde solução. Achou-se vil. Afinal de contas, era êle quem mantinha a casa. Do seu trabalho saia o sustento de ambos. Dona Laura fôra incapaz de dar-lhe um filho. Porque não conseguia reagir? Tentaria. Um dia. No futuro. Pôs-se a sonhar com êsse dia. Dona Laura, dominada, vencida, humilde, sujeitando-se aos seus caprichos. Teria uma amante. Chegaria à casa na hora que entedesse. Encontraria dona Laura chorando. Dirigir-lhe-ia palavras duras, e, se ela atormentasse muito, era capaz até de lhe bater. Pedro se deteve. O olhar incidiu sôbre a merenda. Não aguentava mais esperar por êsse dia. E o trem chegando a Mangaratiba. Levantou-se. Tinha entre as mãos o embrulho fatal. Apanhou a encomenda que fôra levar, o jornal que não chegara a ler na viagem, deixou a merenda sôbre o banco e saiu do trem. Sentiu-se aliviado. Flanou de novo. Comeria a peixada. Depois, diria a dona Laura que tinha esquecido a merenda no trem, por exemplo. Sem maiores explicações. Ela que se danasse. Não seria bem a libertação desejada, total e definitiva, mas sempre era um passo à frente.

Comeu a peixada. Tomou vinho, fumou o charuto, não chupou as pastilhas de hortelã e voltou para casa, feliz, realizado. Entrando o trem em D. Pedro II, sentiu uma coisa estranha, a cabeça doendo horrivelmente, o mundo sôbre êle, dona Laura a torturá-lo; caiu na plataforma, ao descer do vagão e foi morrer três dias depois, sem ter recuperado o conhecimento. Causa-mortis: derrame cerebral.

★

Dona Laura adivinhou a peixada e pôs-lhe a culpa em cima. Regressivamente, incriminou também o amor incógnito de Pedro. Pouco se importava com o marido, mas sua morte lhe trazia uma série enorme de problemas. Não encontraria outro, certamente; e com aquêle corpo! Tinha de trabalhar. Peixada miserável. Sirigaita duma figa. Deixou o edifício, amaldiçoando todo mundo. Os trinta-e-dois apartamentos, à última hora, ouvindo e sentindo suas pragas, fizeram justiça ao falecido Pedro. Justiça tardia e inútil, mas justiça, consôlo dos conformados. Além disso, a morte distancia a tragédia; já era possível entendê-la.

Pedro também teria lançado a culpa na peixada, mas perdoaria de certo o seu amor irrealizável. Talvez, se conhecesse Braz Cubas, tivesse comido a merenda: terminaria "machadianamente" sua triste vida, sem a perturbadora afirmação do quitute deglutido; que há homens assim, capazes de enormes sacrifícios pela glória desprezível de um vão apêgo às circunstâncias, meras circunstâncias.



Pedidos à Perfumaria Serala Ltda.
República Perú, 326 - Rio

O SANTO FUGIU DA...

(Cont. da pág. 21)

S. JOSÉ E A BALAIADA

A capela de São José de Ribamar, que vem sendo construída à custa de contribuições populares e esforços inauditos de várias personalidades, principalmente comerciantes maranhenses, no seu pátio de milagres, apresenta as mais variadas ofertas: milagres de tôdas as espécies, representados em cêra, ouro, prata e embarcações de vários tipos e velas de todo tamanho. Os leilões de suas festas, pela sua variedade, constituem grande surprêsa para os olhos dos forasteiros.

E' tradição corrente que São José de Ribamar tivera ricas alfaias vasos e adornos de ouro e de prata, oferecidos pelos fiéis que ali iam em devota romaria. E tão verdade é que, em 15 de junho de 1825, segundo o histórico da capelinha, o vigário geral, José Constantino Gomes de Castro, nomeou ao revmo. Padre João Beckman e Caldas para proceder inventário da prata, móveis e mais coisas que fôssem do uso da igreja, à vista da má arrecadação das suas alfaias. Tudo isso desapareceu — segundo os mencionados dados — por ocasião da Balaiada em 1839. Hoje, as alfaias, a capela e a casa dos romeiros (onde se encontram os milagres) estão em estado lamentável implorando a caridade dos devotos para que de todo não se destruam.

O MAIS RECENTE MILAGRE

O mais recente milagre, ocorrido há meses, apenas, verificou-se na própria baía. Pela manhã, dois garotos, fugindo dos pais, resolveram fazer uma pescaria. Estando a maré de vasante, foi a canoa arrastada pela correnteza. Durante todo o dia foram feitas pesquisas por todos os lados, não tendo sido posível descobrir o menor indício da canoa e dos seus dois tripulantes. As mães dos garotos, foram aos pés de São José e imploraram ao Santo que salvasse os seus filhos, talvez naquela hora no estômago de tubarões que infestam aquela baía. Pois bem, no dia seguinte, com espanto de todos, a canoa, emborcada, veio ter à praia de banho de Ribamar, com os dois garotos vivos, agarrados à borda da mesma. Estavam as mãos tão inchadas que não as puderam abrir para largar a borda da canoa. Foram retirados por vários homens.

CEGOS, ALEIJADOS, PARALÍTICOS

Durante a festa, que dura vários dias, é indescritível o número de romeiros que acorrem ao aprazível arrabalde de São José de Ribamar, que já possui até luz elétrica. Como o seu elevado número de casas não comporta a multidão de fiéis que para lá aflui, o bosque, a praia e as calçadas, além do lago da capela, durante a festa, são transformados em lugar de repouso. Em quase tôdas as casas, são improvisados bailes e a "tiquira" é a bebida indispensável em tôdas as mesas, desde as mais opulentas à mais humilde.

Legião de cegos, aleijados e paralíticos posta-se em tôda a extensão da calçada da igreja, utilizando-se dos mais inconcebíveis artifícios para atrair a atenção dos romeiros, apelando para os seus corações piedosos.

Entre os que o ano passado mereceram a geral atenção, destacaram-se a cega de nascença: Maria, cabrochinha de 18 anos apenas, e o aleijado José Pedro Cabral, mo-

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

radores na Vila do Pássaro, que se revelaram grandes repentistas.

Maria, ao sentir chegar próximo a si, um fiel tresandando a "tiquira" e que não lhe dera uma esmola, atacou-o logo com o seguinte verso, sustentando a toada com o seu maracá:

"E' melhor se dar aos cegos
Do que beber ou jogar
Inda briga, inda vai prêso
No dobrar de uma esquina
Ainda vai fazer faxina."

O aleijado José Pedro, vendo que o farrista, mal Maria acabara o verso, deitara uma moeda também no seu chapéu, respondeu prontamente:

"Sim senhor, meu capitão,
Estou-lhe muito obrigado,
Quando precisar de mim
Pode mandar me chamar
São José de Ribamar
Lhe aumente o cabedal
Nossa Senhora das Graças
Lhe bote num bom lugar."

A festa de São José de Ribamar constitui, sem dúvida, a maior festa do Maranhão. Como todos bebem e a alegria é contagiante, o escritor Canuto Silva, na sua peça teatral intitulada "Luar de Ribamar", chegou mesmo a criar esta imagem que parece louca, mas é, sem dúvida, a expressão da verdade:

"A lua bêbeda de luz, cuspindo estrêlas..."

Ide a São José de Ribamar, o santo dos aflitos.

ASSIM SE PASSEIA...

(Cont. da pág. 54)

Por isso mesmo a bicicleta inspirou a realização de um filme italiano cuja repercussão se vem fazendo pelo mundo inteiro: «O ladrão de bicicletas». Sua ação transcorre à margem do furto de um dêsses veículos, e a perseguição do seu legtimo dono, um pobre afixador de cartazes nos andaimes, à busca da bicicleta sem a qual não poderá dar conta do trabalho com o qual sustenta a mulher e o filho. é um episódio comovente.

★

Mas a grande verdade é que os romanos tem solucionado um dos problemas que maiores tormentas dão aos brasileiros, o dos transportes. Viajando de bonde, fora do perímetro central, de ônibus elétrico, de «carrozza», bicicleta ou mesmo de «vespa», esencial é chegar a tempo e horas no serviço, ou em casa, e aos domingos, dar um giro aprazível pela Vila Borghesi, ou imediações. E se o leitor estiver de malas prontas para ir à Itália nestes movimentados dias do Ano Santo, prepare-se para conhecer tão curiosos aspectos que não são apenas de Roma, porque se repetem nas demais grandes cidades. Apostamos, entretanto, que sua preferência há de recair na velha e desconjuntada «carrozza» puxada por dois cavalos de passo cadenciado, exaustos mas conhecendo de olhos fechados o percurso da Praça São Pedro à Via Applia...

EXILADO PORQUE...

(Cont. da pág. 17)

dillac", vai tôdas as manhãs jogar golf em Saint-Cloud. Raramente almoça. Depois de meio-dia, trabalha na redação de suas Memórias e escrevendo uma história universal em quadros sinóticos. À noite, êle e a espôsa, dão jantares. Sua cozinha é de alta classe, sendo curioso notar que o seu cozinheiro é um mestre culinário francês que já o servia quando era rei, ou melhor, antes de ser rei da Inglaterra. Quando não têm visitas, vão ambos jantar em restaurantes. Quase sempre frequentam o "Escargot d'Or", na rua Montorgueil, onde lhe reservam local de primeira ordem, no balcão do primeiro andar, justamente onde era servida, antigamente, a grande Sarah Bernhardt. O duque recebe 40 mil libras por ano, provenientes, em grande parte do ducado de Cornouailles, que lhe coube como príncipe de Galles. Além disso há ainda uma pensão de 6 mil libras que o Parlamento votou em seu favor. Mas o tesouro da Inglaterra não lhe paga nada disso em dólares. Em francos, em liras, está bem. Em dólares... nada!

Eis o motivo por que está êle escrevendo suas Memórias, passando então algum tempo nos Estados Unidos, todos os anos, ao lado de sua espôsa. Uma grande revista norte-americana lhe paga, por palavra, 1.400 francos... em dólares!

BUTTERFLY 1950

(Cont. da pág. 51)

também um passatempo divertido e que consiste em apanhar com os lábios, debaixo do lábio inferior do parceiro, um pequeno círculo de papel. Morgan gosta imensamente de O'Yuki, porém, não lhe fala em casamento porque ela está noiva de um jovem estudante nipônico, com quem divide seus rendimentos. Com o coração ferido pela segunda vez, Morgan volta para os Estados Unidos, mas depois de um ano, não mais aguentando, retorna ao Japão, e desta vez pede a O'Yuki para casar com êle. A geisha recusa. Então Morgan deixa-lhe um envelope selado com seu endereço, para o caso de mudar de opinião. Boa inspiração, pois o estudante japonês deixa O'Yuki para se casar com uma rica herdeira. Em vinte dias, o que é rápido para 1903, Morgan recebe a carta e corre até a casa de chá. Por 40.000 yens, um milhão e meio na atualidade, compra O'Yuki ao proprietário do estabelecimento, institui uma pensão para os parentes dela, casa e parte para os Estados Unidos. Doze anos depois, em 1915, Morgan morre em Sevilla, deixando à viúva uma grande fortuna. O'Yuki passou 23 anos na Riviera e em 1938 voltou para o Japão. Agora, sem razão aparente, 260 jornais e revistas japonêsas reproduzem a fotografia de uma senhora de 66 anos, "a geisha que conquistou o rico americano".

E O'Yuki, tôda emocionada pela sua aventura, ficou sendo a Madame Butterfly de 1950, a heroína de tôdas as japonêsas.

MAS SERÁ POSSÍVEL?...

(Cont. da pág. 18)

Do que vivia aborrecido, porém, era a solidão.

Êle se sentira só desde o instante em que Tânia lhe dissera, decisivamente, que não sairia do Rio.

— Não saio daqui, filho. Se V. quiser se enterrar por aí, que se enterre. Comigo é que não conta. Tinha graça, nós sairmos daqui para o mato, sem mais aquela! Eu não vou, tenha paciência. Você vá, se quiser.

Aquilo lhe tinha sido um golpe. Êle teria desistido da idéia de ir meter-se entre bois e vaqueiros, se a mulher lhe tivesse falado de outra forma. Não há nada que mais encapriche um homem do quê uma palavra rude. A brandura remove pedras e quebra intransigências. A sua espôsa não soubera ajeitá-lo devidamente, e assim, se sentindo ferido em seu amor próprio, êle se firmara no propósito de mostrar-lhe que tinha vontade. E executara o seu programa. Tânia, por sua vez igualmente caprichosa, ficara no Rio, com os pais. De vez em quando lhe escrevia, dizendo precisar disso ou daquilo, e a sua resposta, em poucas palavras, era um cheque. Pensava no desquite, mas conhecedor da burocracia processual, concluira não valer a pena.

★

Constantino voltava para casa, e de repente fêz parar o animal em que vinha gostosamente estribado. Uma figura de mulher, em plena florescência da juventude, inteiramente nua, braços abertos, depois estirados para frente, se jogava à correnteza do rio que passava em baixo. O trampolim era um tôco de árvore. Ela nadava alguns metros e voltava ao solo, correndo, subia ao trampolim improvisado para a mesma aventura.

Aquêle espetáculo, apesar de gratuito, êle não o trocaria por nenhuma temporada do Municipal.

De repente, a pequena, atirando-se de cabeça para baixo, foi bater num tronco que vinha sendo trazido pelas águas. Perdeu o contrôle de si mesma, com a pancada, e estava em perigo.

O rapaz esporeou o cavalo para a beira do rio, e de um pulo caiu dentro d'água, salvando a naiade. Era uma naiade, realmente, em tôda a exuberância das suas formas femininas.

Êle constatou que o acidente produzira um pequeno desmaio, apenas. Procurou socorrê-la, e foi, aos poucos, acordando-a, aumentando a circulação do sangue.

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

O primeiro movimento da pequena, foi procurar recompor-se, assustada por estar em companhia de um desconhecido. Mas êle, que a tinha prêsa, procurou sossegá-la, infundindo-lhe confiança.

E aí nasceu uma amizade com sérias consequências.

Foi uma noite feliz, para êle. Não sabia quem fôsse a beldade de aventura tão esplêndidamente infernal. Sua imagem não lhe saia do pensamento, doido por encontrá-la outra vez. E não foi difícil vê-la, no dia seguinte, no mesmo local. Fizeram-se íntimos. Ela, com os seus vinte anos, tinha vindo de São Paulo passar pequena temporada com uma tia que morava num sitiozinho pegado à sua fazenda. Logo que a tia teve conhecimento do que se passava, tratou de recambiar a sobrinha para S. Paulo. Mas, entre ambos, já estava tudo combinado, e êle foi vê-la na capital bandeirante.

O amor prosseguiu. O amor é tanto mais caprichoso quanto maiores as contrariedades que lhe forem impostas.

Os seus encontros com Belinha em São Paulo não constituiram dificuldade.

O doutor Constantino era casado. A mulher tinha ficado no Rio, pois se decidira a não se ir internar nos matos, como dissera ao marido. E' possível que tudo aquilo devesse a essa atitude comodista da espôsa.

Aquela situação, porém, constuia um problema, por que êle se pôs louco para resolver. A pequena era maior, e êle podia levá-la para a fazenda sem impedimento de quem quer que fôsse. Mas ela não queria, enquanto êle não se desquitasse da outra. Tinha-lhe feito ver que o desquite nada adiantava no caso, pois êle continuava impedido de casar-se. A garôta, porém, era viva, e consultara gente mais bem informada, chegando à conclusão de que só deveria unir-se ostensivamente ao rapaz depois que êle se separasse legalmente da espôsa.

★

Êle agora entrava no escritório que tinha sido seu. O colega conservara-lhe a placa, em homenagem aos anos de lutas que passaram juntos. Mas agora êle vinha ser um cliente. O empregado que o recebeu era novo, e não o conhecendo, perguntou-lhe com quem desejava falar. Com o doutor Tavares. "Um momento, faz favor". E quando o velho companheiro o viu à porta, deu um pulo da cadeira:

— Viva! Volta à casa paterna, filho? Deixou a boiada lá fora, não?

Abraçaram-se efusivamente. Conversaram sôbre vários assuntos. E, por fim, Constantino declarou desejava que o amigo propusesse o seu desquite.

— Por que não faz amigável?

— Ela não quer.

O outro mordeu o beiço:

— E' um problema.

— Eu sei que é um problema. Não tenho motivo legal para justificar o desquite litigioso. A Lei é muito injusta.

Tavares continuava pensando.

E por fim:

— Olhe aqui, filho, você me dá 24 horas para estudar o caso?

— Até mais. Em dois anos afastado disso, imagino que a jurisprudência já mudou. Aliás, há jurisprudência para tudo, neste País.

— Não, o caso não é êste. Eu quero que você me deixe conversar com sua espôsa. Posso?

— Pode, e por que não? Mas vai ser inútil.

★

Todo o problema, entretanto, era bem outro. Tavares se tornara um segundo espôso de Tânia e o aparecimento do marido, escolhendo-o para proceder ao desquite, era uma situação difícil. Não podia negar-lhe e não podia ir contra ela. Tinha de convencê-la ao desquite amigável.

Chamou-a ao escritório. Conversaram longamente, e Tavares conseguiu convencê-la a aceitar a história amigàvelmente. Despediam-se, as mãos de cada um dadas às duas do outro, sorrindo, quando Constantino vinha chegando, e, num minuto compreendeu o "problema" que o amigo lhe havia dito que era. "Mas será possível?!" — êle pensou com os botões. Evidentemente que era mais do que possível.

Tavares largou as mãos da espôsa do outro, e foi recebê-lo com a maior calma dêste e de todos os mundos imagináveis.

(Continua no próximo número)

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35.00

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

N O V A   T A B E L A

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Jasmim Super	10.00	22.00	30.00
Violeta B — Super ..	13.00	22.00	30.00
Q. Fluers — Super ..	15.00	25.00	35.00
Fl. Amor — Super ..	15.00	25.00	35.00
Mitzko — Super	18.00	25.00	35.00
Arp. S — Super	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super ...	21.00	35.00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40.00
Chan 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N — Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narcisse N — Super ..	25.00	35.00	40.00
Preix — Super	35.00	45.00	55.00
Rumores — Super ...	35.00	45.00	55.00
Escandalo — Super ..	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super ..	35.00		
Flor Maçã LF	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF	50.00	70.00	70.00
Biarritz LF	50.00	70.00	70.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	70.00
Arabesque LF	60.00	80.00	80.00
Heno del Campo LF ..	60.00	80.00	80.00
Casino LF	60.00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF ..	85.00	105.00	105.00
La Rose Rcugeatre LF	85.00	105.00	105.00
Despesas Reembôlso ..	6.00	6.00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

Da mocidade ás portas da velhice...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vêzes, enfermidades que se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês, muitos dias que lhe são verdadeiros espantalhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por êsses males. Não permita que êles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acôrdo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas, é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas conseqüências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O Regulador Xavier assegura, para a mulher, desde a mocidade até às portas da velhice, a saúde que é a chave e o segrêdo de sua felicidade, de sua alegria e de seu bem estar!

RÍTMOS GITANOS NO RIO

(Cont. da pág. 6)

terra, seus montes, os caminhos difíceis pelos vales, cheios de neve, vento, frio e perigo no inverno, as grutas na pedra, tão conhecidas pelos gitanos; o sol causticante no verão, o aroma das laranjeiras, a vida errante, as noites de luar, o canto do rouxinol. Tudo isso deveria estar passando pelo pensamento de Carmen, pois seu olhar entristeceu de saudade ao lembrar sua vida.

— Como e quando comecei a dançar? Sei sòmente que aos quatro anos já dançava. Vendo os outros executarem os ritmos populares, senti em mim uma necessidade imperiosa de dançar também. Instinto talvez. Ninguém me ensinou, não cursei escola nenhuma. E' meu sangue que pede o movimento do corpo quando escuto u'a música típica espanhola. Minha mãe diz que antes mesmo de nascer, eu dançava em seu ventre. Temos conosco agora, u'a menina de um ano apenas e é preciso ver como dá certos passos ao som das músicas. Assim como eu, desde cedo quer ser "bailaora".

E continuando a narrar sua vida, disse mais:

— Nasci em Granada, mas fui logo para Barcelona, eis porque muitos pensam que sou dessa última cidade. Menina ainda comecei a dançar nos circos, nos cafés, nas praças públicas, em espetáculos teatrais ou não. Percorri tôda a Catalunha, depois a Espanha e já aos oito anos saía do meu país para "girar" por outras terras. Paris, Londres, o resto da Europa, as repúblicas centro-americanas, os Estados Unidos. Fiquei lá durante cinco anos seguidos, sem parar. Essa é a minha vida. Andar sempre, para levar seja onde fôr, os ritmos e as danças de minha terra.

E nós acrescentamos que ela divulga em terras estranhas a música e os passos populares e típicos da Espanha, principalmente o "taconeo", isto é, o movimento executado e marcado pelos saltos altos de seus sapatos, que se diferenciam dos que são usados pelas moças de seu conjunto. Essas fazem também pasos de dança clássica e usam sapatinhos de fazenda, sem salto. Carmen, porém, atém-se exclusivamente, ao que diz respeito à sua terra. Disse ela que o clássico pode ser perfeitamente adaptado aos ritmos espanhóis, assim como o prova nos espetáculos que seu conjunto oferece. Deixa essa parte para as moças, ela é "flamenga".

— Já conhecia o Brasil? — perguntamos.

— Esta é a terceira vez que venho aqui. Em seguida irei à Argentina, de onde voltarei para a Europa. Em primeiro lugar irei a Paris, pois tenho contrato para os Champs Elysées, depois um ano em Londres, depois Estados Unidos novamente, e continuarei o "giro" de sempre.

Sôbre suas inúmeras viagens, tem um vasto repertório de coisas interessantes a contar. Em Hollywood tomou parte em sete filmes, de longa e curta metragem. Atuou ao lado de artistas de renome. Orson Welles, tendo oportunidade de termivê-la dançar, entusiasmou-se tanto que, terminado o espetáculo, bateu palmas freneticamente e contratou-a para fazer um filme sob sua direção. Conheceu o Presidente Roosevelt e para êle dançou na Casa Branca. Estêve no Vaticano, onde foi recebida em audiência especial pelo Papa, que a considerou embaixatriz da música e da dança espanhola. Quis ela retribuir com seus passos e ritmos... mas ficou para a próxima vez em que terá oportunidade de ir à Itália. Na Inglaterra, onde tôdas as manifestações da alma devem ser dosadas e submetidas ao protocolo, especialmente quando se trata de recepções no palácio real, tendo sido convidada a um banquete em sua homenagem, nada menos que no Palácio Buckingham, com a presença dos reis, para agradecer, pulou em cima de u'a mesa e dançou, alegrando a família real e escandalizando alguns dos conservadores nobres e servidores. Deve ter sido um espetáculo maravilhoso, que lembra bastante as aventuras de outra famosa Carmen, a de Bizet.

Carmen, em duas coisas denota o sentimento que lhe vai pela alma simples e supersticiosa de gitana: o culto a Nossa Senhora e o respeito à própria família. Religiosa ao extremo, vímo-la se persignar atrás dos cenários, antes de entrar no palco. Boa filha, é sempre acompanhada por quase todo o clan de sua família. Seus velhos pais, tios e tias, irmãos e irmãs, primos e primas. Todos conhecem os mistérios dos ritmos espanhóis. Todos tomam parte nos espetáculos, quer como artista, quer como empresário ou organizador: Antonio, Antonia e Leonor Amaya, como primeiros bailarinos; La Faraona, a tia, como bailaora. Fora os outros, que estão cumprindo contratos na Europa.

Vímo-la em quadros interessantes e sugestivos, como o célebre "Bolero" de Ravel e o não menos célebre "Amor Brujo", de Manoel de Falla, que termina com a Dança do Fogo, e mais em "Granadina", em "Capricho flamengo" e não sabemos quantos outros. "Zambras", zorengos", "jotas", "fandangos", "jalelos" e "chuchas", não há segredos para a arte de Carmen. Executa todos êsses passos com perfeição, improvisando muitas vêzes no próprio palco um novo "saracoteo". Encerra em seus movimentos todos os anseios de uma, ou várias — quem sabe? — raças por maior liberdade de expressão, por igualdade de tratamento, pelo direito da Vida, enfim. Compassos sedutores, meneios, olhares, movimentos de mãos, com e sem castanholas, os cabelos penteados, às vêzes, soltos quase sempre, seguindo a agitação frenética da cabeça, pés "nerviosos" a "taconear" contínua e regularmente no assoalho, ondulações provocantes dos braços, dos quadris, de todo o corpo, sempre acompanhando e dirigindo a música. Descritiva como é, a música espanhola encerra em suas pautas, e a dança exterioriza, principalmente os vários sentimentos entre as criaturas humanas. Acima de qualquer outro, é o amor o grande inspirador dessa música popular. E sabemos que os espanhóis são arrebatados nesse sentimento. Êles têm sangue quente, que ferve fàcilmente e como tal provoca amôres apaixonados, seguidos quase sempre de ciúmes, de ódio, de vingança, de apaziguamentos, de novos amôres efervescentes, capazes das maiores realizações. Pois são essas fases do amor que a música espanhola conta como nenhuma outra e a dança descreve da maneira mais realista. As expressões faciais, devido especialmente ao poder penetrante de seus lindos olhos pretos, grandes e levemente amendoados, fazem de Carmen Amaya uma das maiores intérpretes do bailado espanhol.

Pena que sua temporada no Rio esteja se realizando talvez em época pouco oportuna, já que até na escolha do teatro, o República, que estava fechado há longos meses, a emprêsa apresentadora foi infeliz. Gênero de espetáculos que faz vibrar tôdas as platéias do mundo inteiro, encontra, todavia, no Rio, um público saturado por outros espetáculos contemporâneos, e preguiçoso de procurar condução para ir até o escondido teatro da Avenida Gomes Freire. Pena, repetimos, pois para quem gosta de ritmos diferentes e de música "caliente" serviria de passatempo.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que os mesmos se destinam

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso

NO PRÓXIMO NÚMERO INÍCIO DE "UMA PEQUENA VAIDOSA"

ROMANCE NA CHUVA



Compreendi, de súbito, que êle não me amava. Desejava apenas compartilhar dos lucros da loja que ia muito bem. Então tive uma idéia...





Eu não queria dizer isso e Randy como que não prestou atenção. Êle saiu comigo e o meu coração bateu com fôrça ao avistarmos Marda e Charles!















Naquele momento recebia Randy um telegrama...







NO INTERIOR de tôdas as casas japonêsas, a fotografia do dia do casamento lembra um dos dias mais felizes da vida, e ocupa lugar de destaque, pra ser vista logo à entrada.



AÍ ESTÁ uma japonêsa dêste após-guerra. Ocidentalizada, mas perfeita dona de casa, feminina ao extremo, e cujo sonho de tôda a sua vida é ter um dia dez pimpolhos seus.

BUTTERFLY 1950

AS "GEISHAS" TROCAM O FUJIYAMA E AS CEREJEIRAS EM FLOR PELA COCA-COLA ★ A JAPONÊSA MODERNA MODERNA IGNORA O BEIJO, CASA A TRÊS POR DOIS, DIVORCIA-SE FACILMENTE E SONHA EM TER DEZ FILHOS

Por ALEXANDRE LEVENTIS

SEIS horas da manhã. O despertador (made in Japan), indica brutalmente a Asako Mazaka, japonêsa da classe média, que está na hora de se levantar. Seu país pode bem ser chamado o do "sol levante", apesar disso sair da cama é tão custoso a Asako como o é para Jenny, a midinette parisiense, ou para Peggy, a trocadora dos bondes londrinos. A toilette é, portanto, rápida, porque nenhuma economia de tempo pode ser feita durante a refeição da manhã, já que até seis horas da noite, Asako não comerá nada mais ou quase nada. Também é preciso realizar a operação da primeira refeição com todo o cuidado: arroz, sopa de feijão, rabanetes em conserva e chá. Pelo fato das bombas americanas, simples ou atômicas, terem reduzido a cinzas numerosas cidades nipônicas, os habitantes dos grandes centros foram procurar casa nos arrabaldes mais longínquos. As comunicações são demoradas, e especialmente em Tóquio, os bondes são raros. Quando aparece um, precisa-se fazer caminho de cabeça baixa, para ter oportunidade de achar lugar nos estribos já lotados e com as molas arriadas. Quanto a penetrar no interior do veículo, nem é bom pensar, muito menos em achar um lugar sentado, que o homem japonês não se acha com obrigação de ceder às pessoas do outro sexo. Felizmente, há as janelas, geralmente desprovidas de grades, que permitem aos passageiros de sair e entrar. Assim, segundo que Asako tenha deixado passar cinco, dez ou quinze bondes, ela chega ao seu escritório às 8, 9 ou 10 horas da manhã. Mas, seja qual fôr sua hora de chegada, sai sempre às cinco da tarde. Logo que tenha voltado para casa, Asako, com fome, joga-se sôbre o seu jantar em que o prato de maior consistência é o inevitável arroz, com suas mil e uma maneiras de cozinhar. Agora, as restrições de tempo de guerra e da derrota não são mais que tristes recordações. Há ovos em quantidade, o que não impede os japonêses de os comprar, segundo seus costumes, por exemplar, a Cr$ 1,50 ou dois cada. Os doces, de que Asako e as irmãs gostam muito, agora são abundantes. Aparecem em tôdas as mesas sob o disfarce de massas de rabanetes vermelhos (ajuki). Para completar o menu, um pouco de carne e principalmente peixe, que o Oceano Pacífico fornece à vontade. Uma hora de descanso não é muito, depois do trabalho no escritório e da viagem de bonde. Em seguida, as distrações não faltam. O cinema é o preferido, de 9 a vinte cruzeiros

(Cont. na pág. 47)





NO DIA DE HOJE os filmes nipônicos apresentam o nu feminino e os japonêses conservadores viram o rosto para não ver. Na foto à esquerda vemos que, quanto à graça, as japonêsas nada ficam a dever às ocidentais. À direita, a instituição da geisha. Elas não abandonaram o quimono tradicional, apesar de sentirem a influência da ocupação.

a poltrona, mas o difícil é entrar e depois sair dêsses lugares sempre cheios. Naturalmente deve-se suportar os filmes americanos, reis absolutos das telas nipônicas. Os espetáculos de lutas atraem sempre o povo, e os atletas, apesar de seus 200 quilos de pêso, constituem sempre os idolos das damas, mas êsse esporte nacional conta agora com um sério concorrente, depois da introdução, pelos americanos, do baseball. Um lugar aí custa mais, de vinte a quarenta cruzeiros, mas em compensação, pode-se gritar à vontade. Para Asako, a distração da noite é logo encontrada, pois ela trabalha como taxi-girl num dêsses cabarés que aparecem como cogumelos depois da ocupação. O trabalho é às vêzes agradável, mas quase sempre fatigante. E mais, não satisfaz o seu homem; muitos pedidos e poucos escolhidos. Como os bondes deixam de circular às 22,30, o único meio de não voltar para casa a pé, é o puxa-puxa que o triste "colie" arrasta. Para Asako, é uma desforra, depois da seção dansante da noite. Nem tôdas as japonêsas têm, como Asako, uma vida independente. A maior parte fica em casa e trabalha no pesado durante todo o dia. Humilde e pequena personagem em quimono e calças compridas, "Mamãe-San", a dona de casa da classe média dos japonêses, possui um quartinho escuro para cozinha e um único lavatório de água fria para os cinco membros de sua familia. Para ela, as novas idéias importadas pelos americanos sôbre a "democracia" e a igualdade dos sexos não têm grande significado. Seu filho maior é sempre um ser em que o saber constitui domínio, e o marido é sempre um senhor, cuja espôsa deve seguir os conselhos sem discussão. O respeito para com os homens, não é para "Mamãe-San" uma palavra à-toa. Para se elevar até êles, emprega, no lugar de você, um tratamento parecido com vós, Anatawa. Como resposta, os homens chamam-na por Oi, espécie de "ei!". Observando como os americanos tratam suas espôsas de modo diferente, a japonêsa talvez no íntimo pense que as coisas não melhoram e que seu pequeno mundo não é o melhor. Mas essa suspeita de rebelião não dura muito tempo. Volta ela à sua cozinha escura e prepara com amor, para seu marido e seus filhos, os pratos, cujas receitas conhece quase ao nascer.

AS RECEITAS DA TIA MARIA JAPONÊSA

E após o "suimono", a sopa clara. A dona de casa japonêsa a obtém desossando completamente e cortando em pedacinhos um frango ou um pato. Cozinha-o com espinafre, alhos, cogumelos, brotas de bambu e a tudo isso junta môlho de soja. Para os ocidentais essa sopa de claro só tem o nome, e chamariam de sopa rica ao "omiotsuke", que os japonêses consideram apenas "caldo grosso". Quando "Mamãe-San" quer que êsse caldo faça parte do menu, dilui em água alguma farinha de soja, formando assim u'a massa à qual junta vários legumes já cozidos. A sopa é salgada, contudo é servida no fim do almôço. Para brilhar diante de uma japonêsa e jactar-se de conhecimentos gastronômicos, basta falar sôbre os méritos do "tofu", ou paté de soja, que é feito à base de "omiotsuké". Para "hors-d'oeuvre" a japonêsa é muito gulosa de "sashimi", ou peixe cru. Corta em fatias bem finas filets de dourado ou de atun, junta rabanetes brancos ralados e cobre tudo com o inevitável môlho de soja (shoyu). O peixe na grelha ou "yakozakana" é também uma das especialidades das japonêsas. Para acertar é bastante grelhar e salgar alguns dourados, cavalas, atun ou salmão, segundo a estação do ano, sempre com rabanetes brancos e o "shoyou". Com o "yakitori" aparecem os pratos de consistência. Para consegui-los, cortar em pedaços bem pequenos um pato ou frango, grelhar ou assar em espeto e ensopar em seguida num "shoyu" ligeiramente açucarado e avermelhado com vinho de "saké", feito com álcool de arroz. Naturalmente, patos e frangos podem ser substituidos por porco, mas a delicadeza do prato é afetada, assim como o nome que passa a ser "yakibouta". Feijão verde e petits-pois fazem na "yakibouta" o papel de tapeçaria.

Para "Mamãe-San" há uma espécie de hierarquia entre os pratos, e o mais aristocrático é o "chawanmushi", nome que os japonêses pronunciam lambendo-se os lábios. Pôr pedaços de pato ou frango em pequenas tijelas com tampa de porcelana e levar ao fogo com uma ou duas castanhas, alguns grãos de lótus, brotos de bambu, fôlhas de espinafre e cogumelos cobertos cada um com uma gema de ôvo. Cozinhar em banho-maria e servir uma tijela para cada pessoa, juntando-se o indefectivel "shoyu". Os legumes constituem a maior parte das atenções quotidianas dos japonêses, conforme pode-se ver examinando seus menus preferidos. Para vencer as dificuldades, preparam também pratos compostos ùnicamente de legumes, como o "umani". Cortam em pedacinhos cenouras, nabos, beringelas, batatas, espinafres e principalmente "hasu", raiz de lótus. Cozinham em pequena quantidade de água e môlho de feijão, feito anteriormente e ligeiramente açucarado. Para os amantes das emoções fortes, o arsenal da japonêsa conta com o "shinko", prato de legumes salgados, cuja base é feita de arroz cozido em massa. Juntam-se legumes da estação salgados, môlho e assados de "saki". Deixa-se curtir em grandes recipientes durante uma quinzena e depois serve-se com qualquer prato.

O CASAMENTO DE AMOR, CHAMA-SE NO JAPÃO: DIVÓRCIO

No Japão as geishas pouco mudaram. São sempre as "honorables prostituées", queridas a Claude Farrère e Pierre Loti. Em quimono arrastado, o penteado com ornamentos de papel, servem hoje de motivos eróticos para os americanos. Mas aprenderam a dançar a rumba, a fazer permanente e a gostar de refrigerante. Para as moças, os americanos introduziram outra novidade democrática: o casamento por amor. Os pais não mais escolhem um marido para suas filhas, estas fazem sua própria escolha. O resultado foi decepcionante. Se o número de casamentos subiu em vertical, o dos divórcios seguiu de "pari passu". Apesar das dificuldades da vida e da crise dos alojamentos, o "rush" para o casamento alcançou nível desconhecido desde 1889. Nos últimos doze meses, 945.223 japonêses casaram, ou seja, 12,9 por cada 1.000 habitantes. No mesmo período registraram-se 80.614 divórcios, 1,04 por 1.000 habitantes. Um recorde! Êsses dados dizem respeito aos casamentos legais, pois que no Japão há também os ilegais (sem igreja nem civil), reconhecidos, entretanto, pelas autoridades, e que podem se concluir com um divórcio em regra e com uma pensão para custeio de alimentação a favor da mulher. Perante a lei, uma japonêsa que vive com um homem sob o mesmo teto, que pôs a par de sua situação os pais, os vizinhos, os amigos, é considerada casada. No Japão, como alhures, o casamento por amor não é a fórmula do enlace feliz. O beijo é outro artigo de importação americana que não conseguiu ambiente no Japão. Às nipônicas dançam com os altos americanos, dão-lhes tôdas as provas de amor, mas recusam-se a beijá-los, costume êsse que consideram selvagem e impróprio. Se as dificuldades da vida moderna não impedem os casamentos, muito menos impedem o nascimento de meninos. Entre o nascer e o pôr do sol, 3.610 japonêsas dão à luz, o que significa que a população das "ilhas do sol levante" aumenta de 2.940 habitantes por dia, ou seja, cêrca de um milhão por ano. Nesse passo, em 1970, teremos cem milhões de japonêses. Adotou-se uma lei legalizando o abôrto, o que já está dando frutos. Porém, passarão muitas gerações antes que as japonêsas mudem de idéias. Atualmente, o sonho delas é ter dez filhos. O maior desejo para elas é ficar como Mme. Butterfly, não a de Puccini, cujo triste romance teve fim precoce, e sim como a Mme. Butterfly que está agora na moda e que, tendo 66 anos de idade, é considerada atualmente a heroína do dia.

Essa aventura começa no princípio do século. O clássico jovem americano, de boa familia, universitário de Yale, que corre o mundo para esquecer uma mulher infiel. A Julieta do caso é uma "geisha de segunda classe" de um salão de chá da velha Kyoto. Quanto mais George D. Morgan vê O'Yuki, tanto mais esquece Meta Mackay, sua antiga noiva. E George Morgan não mais abandona a casa de chá onde O'Yuki ostenta seus encantos. Tôdas as noites, as pernas cruzadas, escuta religiosamente O'Yuki, que lhe ensina como beber o chá verde. Ensina-lhe

(Cont. na pág. 47)



MISS JAPÃO, tipo de beleza indefinível mais ao gôsto americano, simboliza apenas em parte a japonêsa moderna, ainda ligada aos costumes da terra dos «samurais celestes».



GRANDE PARTE da população romana utiliza motocicletas e «vespas» como transporte para o trabalho. Aqui está um ponto de estacionamento, com guarda, no centro da cidade

ASSIM SE PASSEIA EM ROMA

OS QUE TRABALHAM ADOTAM SISTEMAS DE TRANSPORTE SUMAMENTE RÁPIDOS ★ "CARROZZAS" PARA OS TURISTAS, "VESPAS" PARA OS APRESSADOS, ÔNIBUS ELÉTRICOS PARA TÔDA GENTE ★ GUIA PRÁTICO PARA PERCORRER A CIDADE

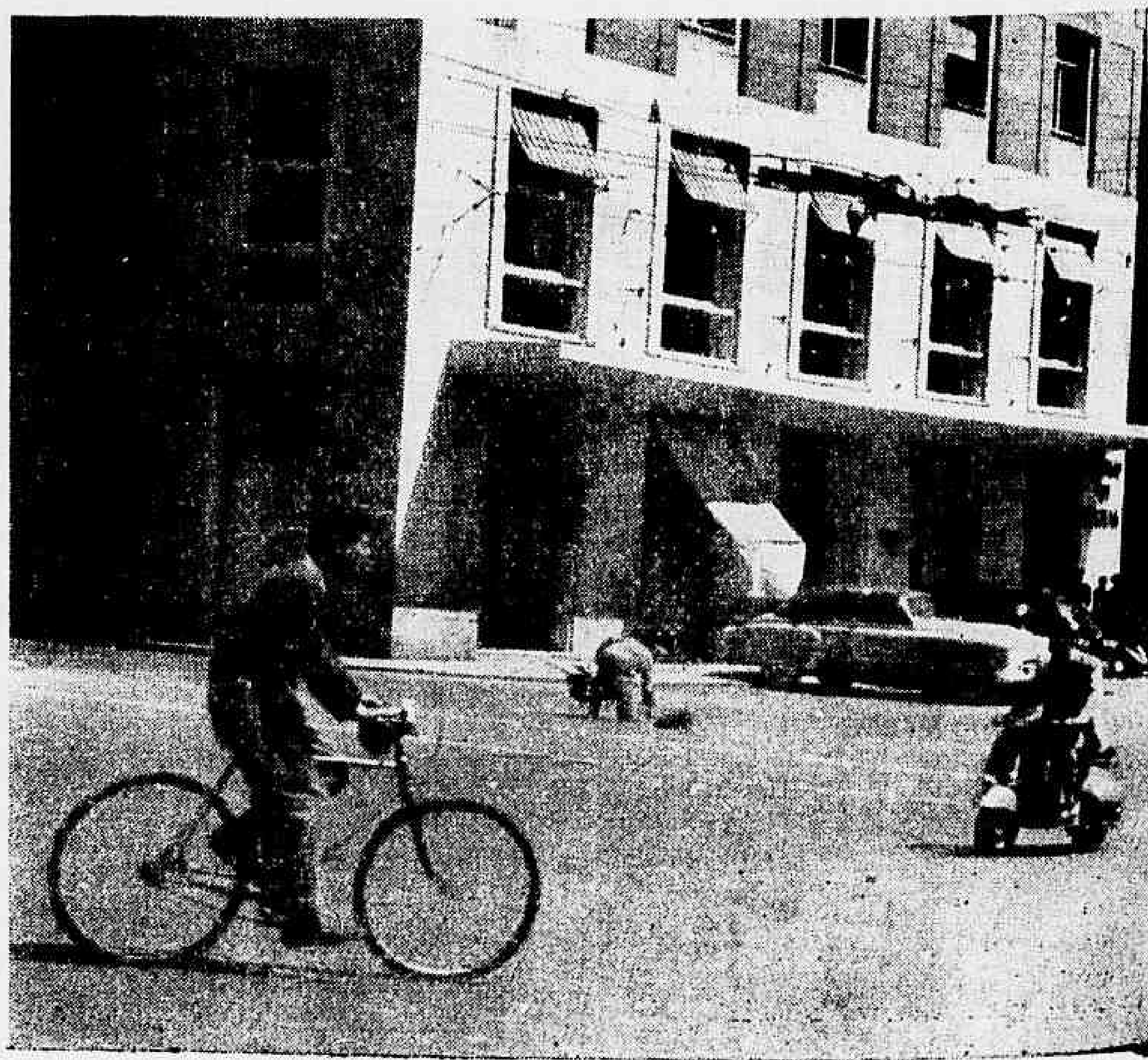
(Apontamentos de um Peregrino)

CADA cidade tem sua fisionomia própria — já foi dito pelo Conselheiro Acácio. Se êle não disse pensou. Mas pensou com exatidão, porque é assim mesmo, e a fisionomia da capital italiana nestes meses de Ano Santo é a da mais trepidante agitação.

Em Roma o problema do tráfego mostra-se ao menos aparentemente, resolvido. Não há filas para bondes, ônibus ou qualquer outra espécie de transporte, embora a população esteja acrescida extraordinàriamente até dezembro, quando o Ano Santo será encerrado. Dizem-nos que essa população é atualmente de milhão e meio, podendo agravar-se de mais quinhentas mil almas,

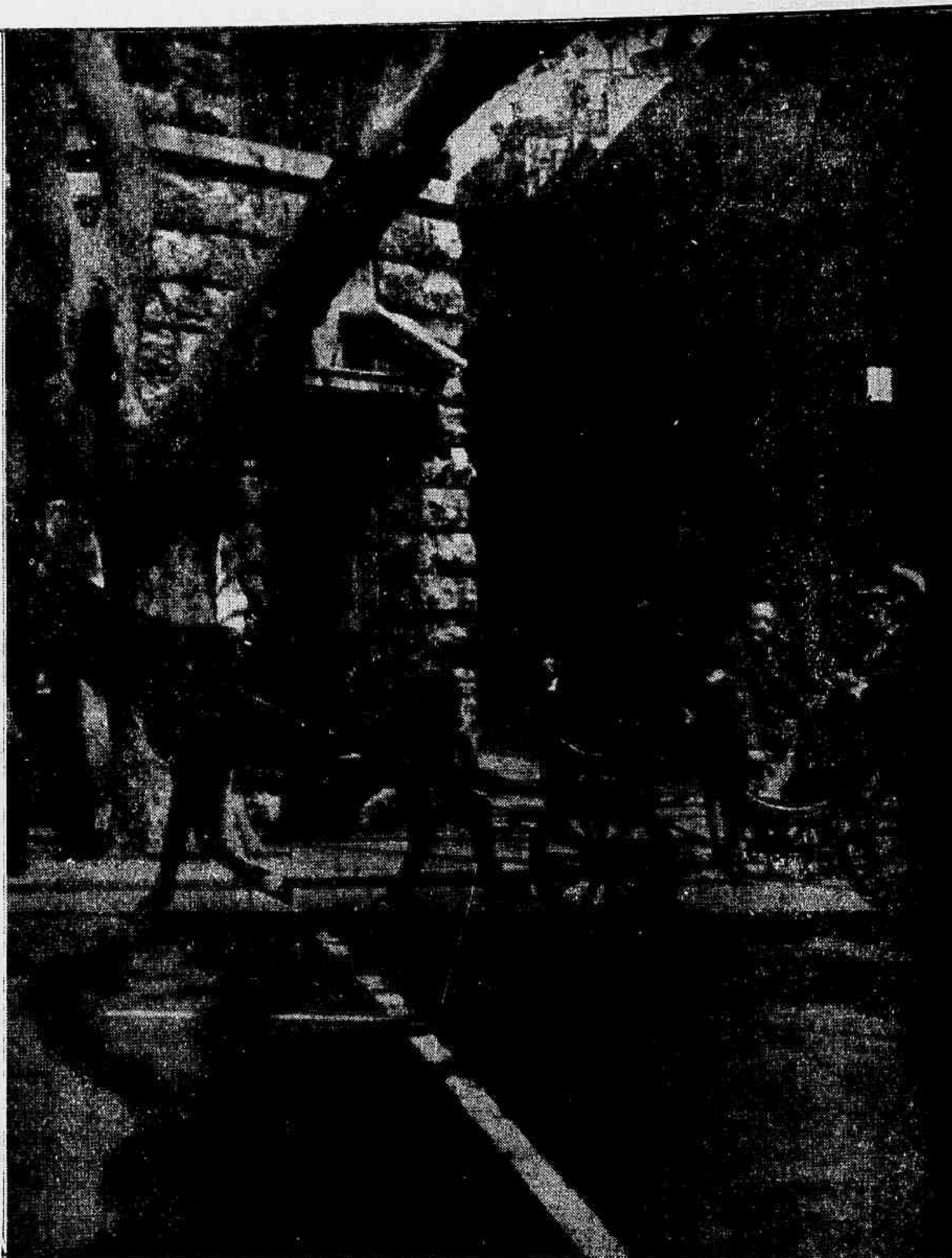


AS «VESPAS», fabricadas em Turim, são abastecidas com economia nos postos de gasolina.



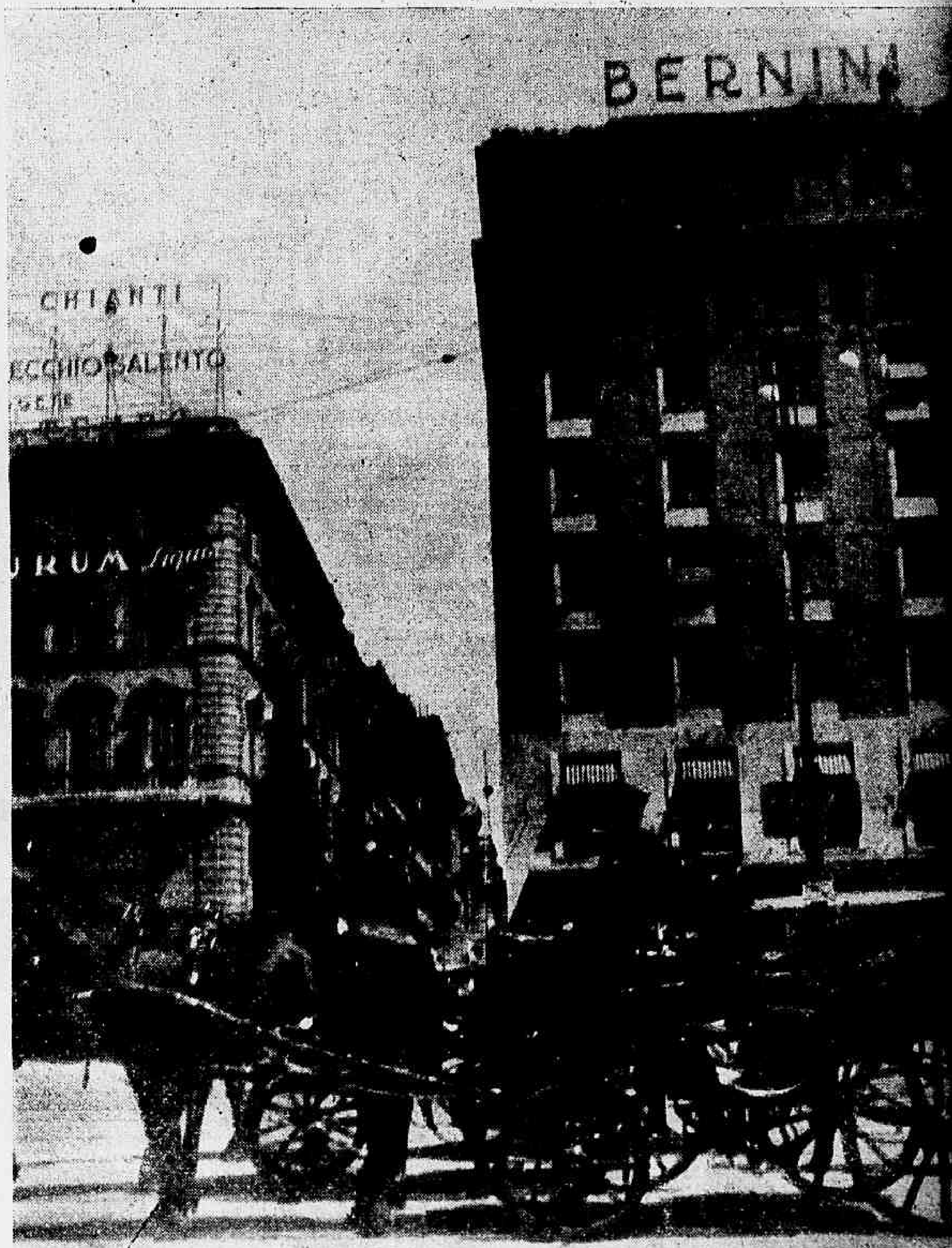
E PASSAM, velozmente, desafiando e suplantando a rapidez das bicicletas comuns

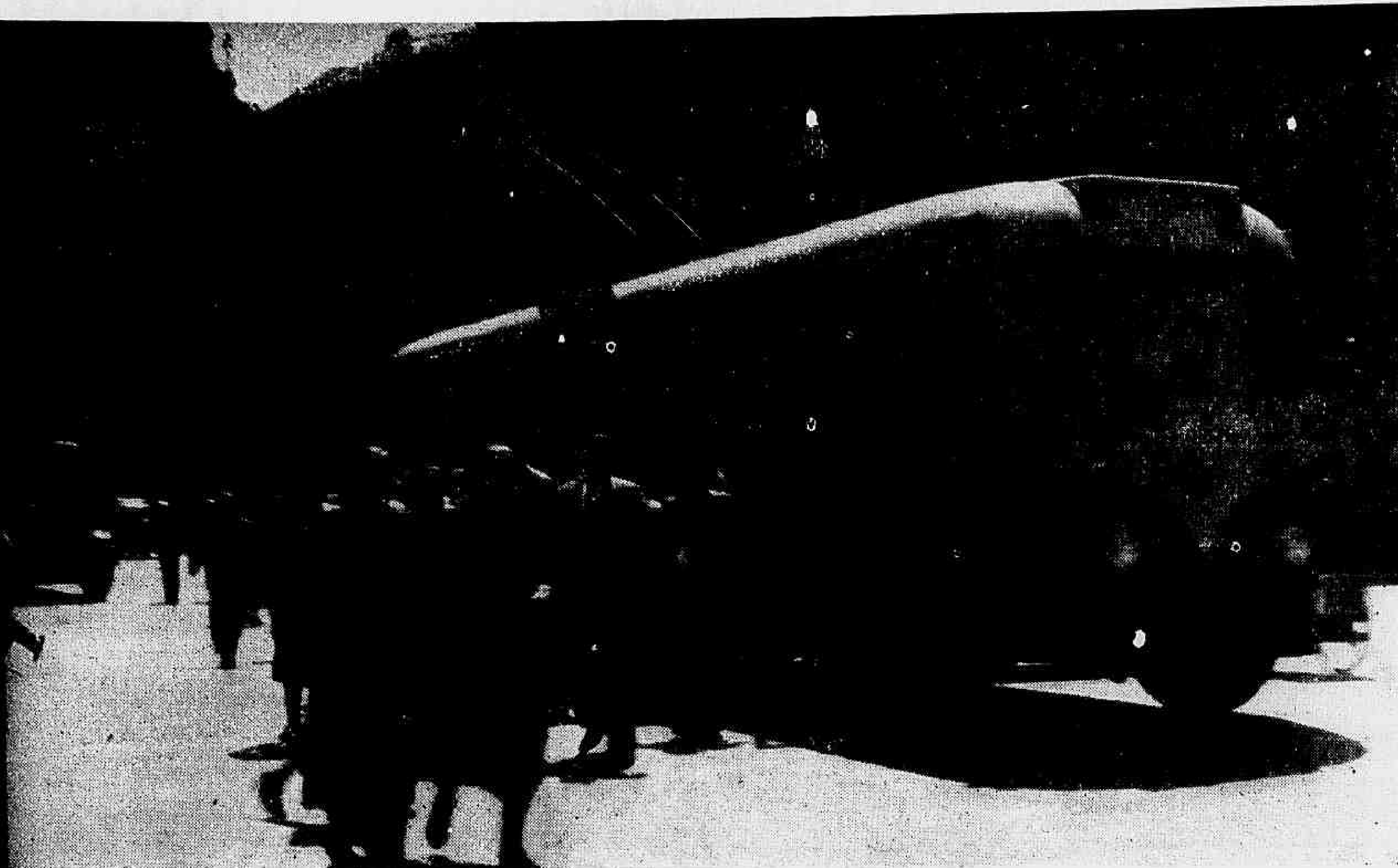




QUATRO flagrantes de todo dia em Roma: o inspetor de veículos que prescinde dos sinais luminosos para orientar o tráfego das ruas; a família de turistas que faz o seu primeiro giro pelas ruas da Cidade Eterna; outro ponto de estacionamento de veículos de transporte pessoal, e as tradicionais «carrozzas», muito da preferência dos visitantes e peregrinos







OS AUTO-BUS elétricos, sem trilhos, que estão aparecendo aqui, em São Paulo, muito usados na Itália. Os cocheiros das velhas «carrozzas», quase sempre sem freguesia, e os pedestres atravessando a Praça Barberini, pelas faixas... ao contrário de certos lugares...





com o flutuante de peregrinos. Centenas de milhares de pessoas, procedentes do interior dos países vizinhos e das outras partes do mundo, abarrotam os hotéis, as pensões, as casas de habitação coletiva, onde quer que se possa hospedar alguém, quando não dormem na sede de instituições religiosas. E mesmo assim Roma não está superlotada, por dois motivos: porque se trata de uma cidade ampla, espaçosa, bem arejada, podendo comportar sem aglomerações perturbadoras êsse acréscimo, e porque os sistemas de transporte facilitam a locomoção do povo.

Os bondes elétricos, por exemplo, desaparecem dos olhos do recém-vindo, e quem não fizer uma excursão pelos arredores da cidade poderá crer que êles não existem em Roma. Existem, sim, apenas não chegam ao perímetro central, ficando pela periferia, onde não ocasionam entupimento de tráfego.

No centro, o serviço é feito por confortáveis ônibus elétricos, sem trilhos, acionados pelos cabos que recebem energia das redes de fios dispostos no espaço, à maneira do sistema adotado pelos bondes elétricos em tôda parte. Mas prescindindo dos trilhos, podem êsses ônibus — «auto-bus», aqui chamados — desviar-se, no percurso, de qualquer obstáculo que surge à frente. E quando um dêsses veículos sofre qualquer «pane», é retirado do meio da rua sem ocasionar o menor atraso.

O serviço de taxis e automóveis de aluguel não apresenta variante do que se encontra em qualquer outra grande capital européia. As tarifas são relativamente baixas e os motoristas educados. Mas com o bom serviço de ônibus elétricos, por preços em conta, é reduzido o número daqueles que procuram um taxi, fazendo-o apenas quando necessário aproveitar os minutos.

Não há tráfego subterrâneo, e o «metro» ainda não foi exigido pelos motivos acima expostos. Os turistas, os que dispõem de tempo e querem conhecer Roma tranqüilamente, dão preferência aos veículos de tração animal. São famosas as «carrozzas» das praças e avenidas romanas, de aspecto valetudinário, é verdade, mas no fim de contas pitorescas, com o velho cocheiro de roupa surrada e barba crescida, a dormitar na boléia, aquecendo-se ao sol, esperando sem nenhuma pressa que surja um freguês. E quando êle aparece, o preço da excursão vai sempre de mil liras para cima. No fim de contas, mil liras vem a dar pouco mais de cinquenta cruzeiros. Por quatro ou cinco mil liras, o forasteiro irá percorrer as ruínas do Fôro Romano, estendendo-se o passeio até à Via Appia, com o estacionamento de uma hora, folgada, junto às catacumbas de São Calixto e São Sebastião. De qualquer modo terá feito a economia de um guia — mais três ou quatro mil liras de quebra — porque todo o cocheiro romano conhece na palma da mão a história daquelas velharias e se prontifica a fornecer os dados com todos os pormenores do estilo.

Mas as «carrozzas» não constituem o meio de transporte preferido dos romanos, deixando-as para os visitantes da sua lendária cidade. Típicas e de extraordinária procura são as «vespas», miniatura de motocicletas, fabricadas no país, onde os homens de trabalho montam pela manhã, com destino à oficina e ao escritório, deslizando com incrível velocidade, pelas ruas centrais, numa demonstração maravilhosa de equilibrismo. Algumas vêzes as «vespas» — título bem apropriado para êsse tipo de transporte, parecem querer soltar os pneumáticos do asfalto e voar, tal a velocidade que seus motoristas lhe imprimem. E não raro, a família inteira — marido, mulher e filho — conseguem milagrosamente abolerar-se em uma dessas engraçadas carangueijolas, com a qual se vencem as distâncias e se gasta quase nada de gasolina. Diga-se ainda que a bicicleta comum, sem motor, obrigando o ciclista a um pedalar constante, é o transporte mais pobre. Grande parte da população tem sua bicicleta sempre à mão, e tantas são as que se vêem em Roma, que freqüentemente, à entrada de escritórios comerciais e edifícios de apartamentos, se encontra um cartaz com êstes dizeres: «E' proibido entrar com a bicicleta».

— Mas será possível que alguém entre em casa com a bicicleta debaixo do braço? — indagamos.

— Como não? Até porque as bicicletas, notadamente as «vespas» são absolutamente portáteis e pesam relativamente pouco!

(Cont. na pg. 47)

TUDO ISTO ACONTECEU...

MA' ESTREIA NO JORNALISMO



NOS começos de março de 1947 sobreveio seríssima crise entre o govêrno russo e o da Grécia, em virtude de uma reportagem publicada no jornal "Macedônia" assinada pelo seu redator-tradutor, o soldado Constantinides. A publicação era uma estreia no campo da reportagem pelo rapaz, cujo ideal era o de tornar-se um jornalista de sensação. Ao invés de limitar-se às suas traduções, êle começou a arquitetar coisas mirabolantes... Escolheu então um motivo de arromba. Uma entrevista com o chefe dos soviets, Stalin, e publicaria em seu periódico, provocando sensação. Seu nome ficaria famoso e seu jornal um dos mais célebres da Europa. E assim fêz. Nas colunas do "Macedônia" o jovem Constantinides estampou uma reportagem extraordinàriamente sensacional. Para mais prova de que estava dizendo a verdade, declarou êle que as palavras do chefe do Kremlin tinham sido obtidas através de uma agência norte-americana de notícias. Vinte e quatro horas depois de a entrevista sair a público, as chancelarias dos dois países se agitaram e é chamado, com urgência, a Moscou o embaixador russo, almirante Rodionof, seguindo-se a rutura das relações entre os dois países. Constantinides foi detido para explicar aquela encrenca tôda, a qual poderia degenerar até numa guerra, tal o alvorôço que havia pelo mundo... Agora se chegou à conclusão de tudo. O estreante no jornalismo de sensação confessou que tudo aquilo era mesmo potoca sua, e que assim agira pelo prazer de publicar em seu jornal um "furo" sensacional. E foi condenado à morte. Em lugar de furar, saiu furado!

SALVO DA FORCA



O jovem Robert E. Bednasek é um rapaz feio, de cabelo permanentemente arrepiado. Usa óculos e não tem elegância. Aluno da Universidade de Iowa, era, porém muito estimado por todos os seus colegas, que o admiravam pela assiduidade ao estudo e maneiras corteses de tratar com todos. Tal era o jeitão de Bednasek que atraiu as simpatias de uma colega, Miss Margaret Jackson, moça mais nova do que êle uns três anos e riquíssima, filha de milionários. Como era natural, os pais da jovem não viam com bons olhos êsse namôro; mas, como tais coisas muitas vêzes não passam dos tempos acadêmicos, esperavam que ela se esquecesse dêsse romance suburbano logo que voltasse, graduada, ao convívio social da alta roda. Bednasek morava num dos aposentos da própria universidade e, certa noite, ainda cedo, foi ela fazer-lhe uma visita, da qual não saiu mais com vida. Miss Jackson morrera estrangulada pelo rapaz distinto, feio e de cabelos desalinhados. Não houvera testemunhas. Prêso, acaba de ser submetido a julgamento. O promotor público pediu para êle a pena capital, isto é, morte pela fôrca, pois no Estado em que se deu o crime não se usa a cadeira elétrica. O advogado do réu esclareceu tudo: Bednasek praticava constantemente, com sua namorada, o jiu-jitsu. Quando ela o foi visitar, ambos passaram a realizar treinos e, num dêsses momentos, a jovem se sentiu mal, vindo a falecer. Mas o promotor sustentava que êle a matou porque ela não queria mais o seu amor. Recorreu-se então ao "sôro da verdade" e Robert manteve tudo o que dissera. E foi absolvido!

A VITORIA DE BRANDENBURGO

HÁ na capital da Alemanha um monumento que sempre constituiu motivo de orgulho para os berlinenses e admiração para os turistas: a Porta de Brandenburgo. Trata-se de uma espécie de Arco de Triunfo, com suas doze colunas gregas sustentando ao centro a monumental alegoria da Vitória, arte e poesia juntas em homenagem à Pátria de Goethe.

Quatro cavalos conduzindo o carro da Vitória, tudo em linhas esculturais impecáveis, despertando admiração geral. A Alemanha, apesar de suas tradições de nação guerreira, por influência da Prússia, é também um país de Arte e Letras, de Filosofia e Música, de Poesia e Coreografia. A Porta de Brandenburgo é um dos mais belos exemplos de Arte alegórica, de inspiração para o mais puro Ideal. De quem é essa estátua famosa? Segundo dizem os bem informados, a estátua da Vitória foi esculpida nos fins do século XVIII, aí por volta de 1794, obra de Johann Gottfried Schadow, um artista que aliava ao talento realizador, o mais equilibrado patriotismo. Mas, por estranho que pareça, o grupo alegórico de Schadow nunca estêve em permanente tranquilidade. Muita gente vivia com uma sêde louca no mesmo. Aquela alegoria em tamanho natural, sôbre a Porta de Brandenburgo, era ambicionada por muita gente, por generais, por diplomatas, por colecionadores... Quando Napoleão ficou vitorioso em 1807, não teve dúvidas e se apoderou da famosa estátua, e os franceses só devolveram a alegoria sete anos depois. Napoleão, fascinado pela magnitude da Vitória de Brandenburgo, mandou retirá-la de seu pedestal e ficou com ela. Sòmente em 1815, foi devolvida e voltou à Porta de Brandenburgo. Mas, inexplicàvelmente, mais uma vez sumiram com ela...

APRENDER A VIVER

JÁ faz alguns dias que os jornais do Rio publicaram uma notícia digna de atenção, mas que passou despercebida como fato sem maior importância. Em Pittsburgh, Estados Unidos, um grupo de meninos, cansando-se da brincadeira a que se havia entregado durante muitos minutos, resolveu subir na cêrca de arame de uma sub-estação da Companhia Duquesne Light. Henry Leonhiser, o mais traquinas de todos trepou a um[illegible]tura

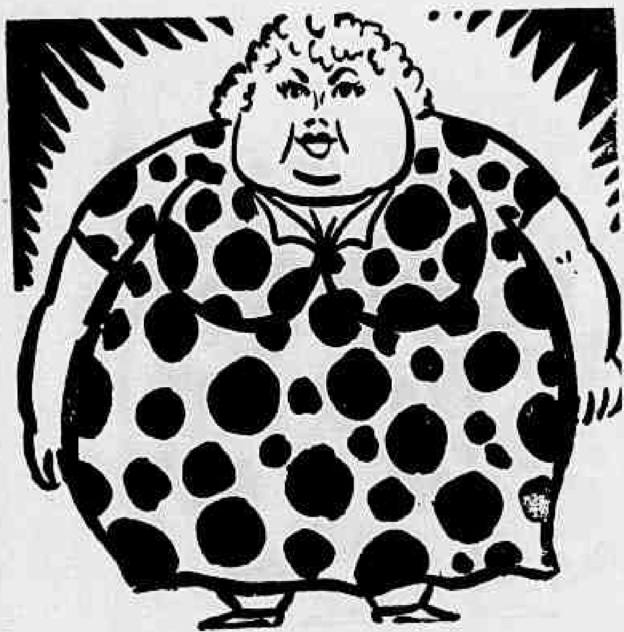


de aço. Escorregando, bateu num cabo condutor de corrente de onze mil volts, tendo sido atirado ao chão em meio a um turbilhão de faíscas.

O seu companheiro, Jimmy Conners, de treze anos de idade, não se perturbou com o acidente e, tomando a cabeça do amiguinho, pôs-se a soprar junto à bôca da vítima, esforçando-se por transmitir ar aos seus pulmões inativos com o choque. Com espanto dos demais meninos, essa providência de Jimmy deu resultado, e dentro de meia hora estava Henry fora de perigo. Conduziram-no em seguida ao hospital mais próximo onde foi internado, mas já sem inspirar cuidados. Agora, leitor, estas considerações: por que não adotarmos em tôdas as escolas do Brasil, sejam públicas ou particulares, ensinamentos práticos e eficientes como êsse que o pequenino Jimmy aplicou com tanta precisão em seu coleguinha Henry, salvando-lhe a vida? Em lugar de enchermos a cabeça das crianças com tanta matéria inútil, das quais só escapam de zeros porque recorrem à salvadora cola, deviamos ensinar coisas úteis. Não basta o curso das letras. Ensinemos às crianças os meios de viver e de salvar outras vidas.



LUZ DEL FUEGO? NÃO! — Qualquer semelhança é mera coincidência porque se trata de coisa diferente. Em Paris, o casal Vaissière resolveu exibir em público sua filhinha de seis anos, de nome Eve, na companhia de uma serpente que mede a "insignificância" de três metros de comprimento. Mas os protestos surgiram, veio a proibição judicial e os Vaissière tiveram de interromper a exibição que lhes vinha dando excelente remuneração material. Interromperam mas não desistiram, agitando a questão com fins de propaganda maior e para efetuarem o pagamento mensal de trinta e oito mil francos, pelo aluguel de quatro metros quadrados de terreno ocupados pela barraca do bizarro espetáculo parisiense, ocupados em pleno boulevard de Rochechouart. Afirmam os pais da criança, baseados em declarações de médicos especializados, que a serpente é de todo inofensiva; mas até as últimas notícias a proibição vinha sendo mantida pelas autoridades da capital francesa. E o caso dava assunto sensacionalista aos jornais



MADAME BANHA

O nome da cidade de Ravenna, na Itália, acaba de estar em foco e citada na imprensa do mundo inteiro. Ravenna é uma das mais pitorescas e históricas cidades daquele país. Foi, durante certo tempo, a capital do Império do Ocidente, sob o mando de Honorius. Em seus muros se encontra grande número de monumentos da mais bela arquitetura bizantina, todos êles de muita importância para os estudiosos das artes antigas e do arrôjo dos construtores daqueles recuados tempos. Floresceu ali, através da influência oriental, uma escola de arquitetura a que deram o nome de Bizantina. Ravenna é um tesouro para os italianos e um encanto para os turistas e estudiosos de nossa civilização.

Nos fastos guerreiros, além de muitos episódios dignos da admiração dos contemporâneos, regista-se a vitória das armas francesas sôbre as tropas hispano-papais, quando morreu no campo de batalha o famoso Gaston de Foix. Mas, voltando ao começo dêste tópico: qual o motivo por que Ravenna estêve assim na berlinda, aparecendo na imprensa de todo o mundo? Teriam descoberto ali alguma relíquia? As famosas igrejas e templos dos tempos de Papin, o Breve, teriam vindo abaixo ou teriam encontrado nalgum dêsses edifícios vetustos vestígios da existência do dilúvio universal tão procurados nos cimos das montanhas que formam o Ararat? Nada disso. Ravenna ficou em cartaz durante muitos dias e surgiu nos jornais de todo o mundo por causa de um telegrama da A.F.P., que nos dizia ter morrido ali, a 10 de maio, "mademoiselle Yvonne". Essa "mademoiselle" se chamava, exatamente, Agnes Tosin. Bem, mas que tem isso? Que tem isso? E' que essa jovem pesava "apenas" 292 quilos. Era a mais gorda mulher do mundo!

LEITE COM BARRO

NÃO há dois elementos que se combinem tão bem, do que leite e água. Azeite e vinagre não se misturam; aguardente e água, dão mistura degenerada.. Mas, leite e água, como se ajustam direitinho! É assim pensando que os nossos comerciantes de leite, os cafés e pensões, fazem o milagre de transformar água em leite. Um litro de leite suporta, sem nenhum distúrbio, dois de água. Fazem as contas e conseguem êste outro milagre de soma, para a subtração da economia popular: um litro de leite é adquirido na fonte de produção por 75 centavos: adicionando-se dois de água, elemento obtido de graça, têm já três litros de leite, que, vendidos a Cr$ 3,00, dão o total de Cr$ 9,00. Ora, como o litro inicial só custou 75 centavos, resulta daí o lucro líquido de Cr$ 8,25! Isso, tomando-se por base a unidade; mas, como êsses comerciantes de leite compram milhares de litros, multiplicando-se o leite puro com o refôrço d'água, teremos lucros tentadores...

Foi fazendo tais cálculos que o leiteiro José Viana Oliveira, de Fortaleza, Ceará, resolveu enriquecer depressa. Nada mais fácil: comprar leite e deitar-lhe mais água aí pelos caminhos. E assim fêz o pacato leiteiro. Mas, por azar dêle, justamente naquela semana se procedia, na capital do Ceará, a intensa campanha contra os fraudadores do leite. José Viana contava entre os seus clientes, com o presidente da Comissão Central de Preços, inimigo dos falsificadores... Ao ir êste tomar o seu leitinho com gerimum, notou que o leite estava azul de mais. Prenderam o Zé Viana e examinaram o leite. Água em excesso! E com barro! Que falta de experiência a dêsse jovem! No Rio o processo é muito mais aperfeiçoado: a água já vem leitosa.



OS SELOS DO ANO SANTO — Aqui está reproduzida a coleção de selos comemorativos das festividades que ora se realizam em Roma, e cuja circulação vem sendo feita, em larga escala, na capital da Itália, para o resto do mundo. Certo, os filatelistas brasileiros já estão conhecedores dessa emissão e muitos deles terão conseguido uma dessas coleções, por intermédio de peregrinos amigos ou mesmo diretamente. Nos primeiros meses do ano, vinha sendo obrigatória a inclusão de uma dessas estampas no porte da correspondência de Roma, porém essa ordem perdeu muito do seu rigor ùltimamente. Há selos desde uma a trinta liras, em cujas efígies se reproduzem pormenores das grandes festividades, imagens sacras e os contornos do Vaticano. Quem vai a Roma poderá adquirir coleções completas nos estabelecimentos em que são vendidos os «souvenirs» da Cidade Eterna e nos Correios.



EXCELENTE NEGÓCIO

DIVULGARAM os jornais desta capital, há poucos dias, que a encantadora princesa Fátima, irmã do xá do Irã, fôra privada de tôdas as suas prerrogativas reais, inclusive a perda do título de princesa, pelo fato de haver-se casado com um jovem norte-americano em cujas veias não há o menor vestígio de "sangue azul". A punição das Casas Reais aos membros que incorrem em casamentos chamados "morganáticos" é terrível. Isso tanto no Irã como na Inglaterra ou Suécia. Entre as Coroas só se admite casamento com gente que descenda de coroados. Nada de coroa de lata, e sim de ouro legítimo.

Mas a princesinha delicada e encantadora não se incomodou. Não fazia questão de títulos de nobreza e outras prerrogativas. Só desejava era o coração de Hillyer, o simpático jovem da América do Norte. Mas a família real do Irã passou a sofrer sentimentalmente com essa "loucura" da menina e lhe fêz uma proposta conciliatória: se ela obtivesse do rapaz a promessa de que também se casaria com Fátima segundo o rito muçulmano, a Casa Real do Irã restabeleceria tôdas as prerrogativas à princesinha rebelde e tudo ficaria em paz. Imediatamente a noiva comunicou ao noivo a proposta do Oriente misterioso e ficou esperando a resposta do apaixonado. Ora, Vincent Hillyer não estava bem a par dêsse negócio de casamento pelas leis do Islã; mas, como também não fizera votos de caráter religioso e a êle só ela interessasse, não teve dúvidas e lhe respondeu a sorrir:

O.K., darling!

Com essa expressão afetuosa estava salva a felicidade de ambos e as glórias do Islã. O norte-americano abraçou o rito muçulmano, mas... pensando exclusivamente nos abraços de sua encantadora princesinha.



O CASAMENTO DE "HAMLET"

FOI a notícia de sensação nos meios teatrais da semana última, repercutindo ainda junto à grande legião de fãs do jovem e consagrado intérprete de Shakespeare: Dia 29 de maio, às 11 horas da manhã, na sede do Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo, onde vem trabalhando, consorciaram-se Sérgio Cardoso e a srta. Nydia Licia, ela também atriz, elemento da mesma companhia. O enlace foi o epílogo de um singelo romance surgido desde quando, meses atrás, aquêle ator aceitou o contrato que lhe ofereceu, por quatro anos, a direção do Teatro Brasileiro de Comédia, e ali conheceu a srta. Nydia Licia. Havia quem não contasse com o casamento para tão breve, mas assim o determinaram os noivos. E o ato solene teve lugar sem demora, aproveitando-se uma segunda-feira, dia de repouso obrigatório. Na mesma tarde seguiam os noivos em viagem de núpcias para a vizinha cidade de Santos — uma viagem de núpcias muito rápida, porque a obrigação de ambos impunha-lhes o regresso imediato, na tarde seguinte, para novos espetáculos e ensaios. Aqui está o primeiro flagrante de Sérgio e Nydia, após o matrimônio. Com êle vieram também as saudações do festejado artista e sua espôsa, para o público do Rio e a promessa de nos visitarem na primeira oportunidade. Muitas fervorosas admiradoras de Sérgio Cardoso mostraram-se surpresas com o inesperado da notícia: «Tão moço!» Mas Sérgio está feliz: E afirma ter encontrado, na companheira, o tipo ideal de mulher. Nem outra coisa poderia afirmar, claro...

SURPRESAS NO PRETORIO

DIANTE de nossos juizes de casamento se dão fatos dignos de um livro de crônicas. Uns causam indignação, enquanto outros, provocam gargalhadas. Vamos citar alguns episódios: certa tarde compareceram diante do magistrado, lá no pretório da rua D. Manuel, dois noivos trajando macacão como se estivessem em pleno trabalho em fábricas. O juiz os advertiu de que não podiam casar com aquêle indumento. Houve quem procurasse explicar, mas a determinação do juiz prevaleceu. De outra vez, o noivo usava camisa esporte, amarela, sem gravata, como se fôsse a um passeio de praia ou Quinta da Boa Vista. O juiz não quis casá-lo e teve um convidado que emprestar-lhe o paletó e uma gravata... vendo a cerimônia de longe.

Agora êste episódio hilariante. Estando a chamada de uns noivos bastante demorada, resolveram êles sair para um café ali por perto em companhia de convidados e parentes. Como estivesse fazendo muito calor, começaram a abrir cerveja, vinhos, parati e outros agrados em festejo antecipado à cerimônia nupcial. Quando se aproximava a hora da chamada para o solenssimo «sim», os noivos estavam absolutamente inconscientes. Levados para o Pretório, não suportaram a carraspana e ferraram no sono num dos sofás do salão de honra... Mas há ainda outro caso. Um cidadão português, sentado com a noiva diante dos padrinho e do juiz, ao ser-lhe perguntado se queria desposar a jovem, respondeu categóricamente: Não! Houve surpresa geral e o rapaz explicou: «Não quero mais porque o Vasco perdeu a invencibilidade ontem!» Agora êste último: um cidadão da alta roda, representante do Brasil no exterior, que ia casar às 10 horas só o pôde fazer às 18, a fim de poder curar a ressaca...



NESTE Brasil, como sucede em todos os países do mundo quando está fervendo a panela das sucessões político-administrativas, há também suas crises e inimizades elevadas ao mais alto grau.

Como sabemos desde que não foi mais possível manter em coordenação os dois maiores partidos políticos nacionais, a UDN e o PSD, os respectivos adeptos e filiados foram tratar de organizar-se independentemente para as lutas nas urnas. Diante disso, muitos ódios vieram novamente à tona.

Segundo relata quase que diàriamente a imprensa, em vários Estados do Brasil se

ODIO POLITICO

têm verificado conflitos entre as facções em lide para a supremacia política nacional.

O último caso sério surgido entre pessedistas e udenistas foi aquêle ocorrido na Câmara Municipal de Salvador, capital da Bahia.

Na tarde de sexta-feira 25 de maio, quando se achava o recinto da Câmara Municipal da capital baiana completamente lotado, manifestou-se séria desinteligência entre dois vereadores, um da UDN e o outro do PSD.

Um dos oradores, o pessedista Arnaldo Silveira, tratando na sessão sôbre o estado do esporte na Bahia, declarou alto e bom som que o seu colega Genebaldo Figueiredo, da UDN, era "o coveiro do esporte baiano".

Trocaram palavras pesadas e se atracaram, trocando socos. O pessedista foi então alvejado a tiros de revólver por Genebaldo, mas as balas não o atingiram e se enterraram na parede. O agressor foi prêso e Arnaldo ovacionado pelo povo. Como vemos, a luta não foi pròpriamente política e sim **esportiva**...



CRENDICES

ESTA aconteceu em Mayenne, na França, o que mostra que a credulidade humana está em todos os países do mundo, mesmo em se tratando de uma nação como a francesa.

Uma senhora, espôsa de um camponês, dentre alguma coisa que possuia, se contava uma vaca. Boa leiteira, essa vaquinha começou a emagrecer. Sua dona se afligiu, pois estava vendo a hora que o animal morria. A pobre mulher se lembrou então de consultar algumas pessoas da localidade acêrca do que deveria fazer com a vaca. Sucedeu, porém, que estavam em visita a Mayenne, uns cidadãos bem parecidos, inspirando-lhe confiança.

A camponesa consultou-os e ouviu dêles o seguinte conselho: "Só há um meio de evitar que a vaca morra de magreza e volte imediatamente a engordar. A senhora monte no animal e dê dez voltas em tôrno do celeiro. Mas deve montar inteiramente despida".

Era uma nova edição do sacrifício de Lady Godiva; mas, infelizmente, em lugar de montar num cavalo branco e belo, a nova Godiva ia mesmo numa vaca magra...

A mulher cumpriu a receita. Sua vaquinha bem merecia êsse sacrifício. Mas nada de engordar. O animal continuou a emagrecer cada vez mais. Então voltou ela a aconselhar-se com os seus médicos veterinários de orelhada e superstição. Ouviram as queixas da camponesa e mudaram a dosagem: teria ela que sentar-se numa chapa quente, se quisesse ver sua vaca engordar.

E a mulher, que é dona de uma credulidade incrível, assim fêz; mas, como é fácil de imaginar-se, a chapa lhe queimou as carnes e ela teve que chamar um médico que, sabendo do que estava ocorrendo, comunicou o caso à polícia. Os malandros desapareceram, a camponesa ficou sèriamente queimada e a vaca continuou o seu regime de emagrecimento bovino...

Olé! Touradas em Madrid!

MUITO se tem discutido os prós e os contras da realização — ou não realização — de corridas de touros, novamente, no Rio, por ocasião dos próximos encontros futebolísticos da Copa do Mundo. E dizemos — novamente — porque, em tempos idos, já os cariocas assistiram a essa modalidade desportiva.. Mais tarde surgiu a proibição na capital da República, e ainda por alguns anos houve touradas em Niterói. Depois, nem lá. E agora, ao serem redigidas estas linhas, não é possível afirmar se teremos a ressurreição, no Brasil, dêsses espetáculos, porque o caso anda em discussão no Parlamento. Entretanto, já no próximo número a REVISTA DA SEMANA poderá oferecer aos seus leitores uma completa reportagem fotográfica e descritiva sôbre as verdadeiras, as sangrentas, as tradicionais corridas de touros em Madrid. Tão populares que num carnaval antigo deram inspiração a uma famosa marchinha ainda hoje evocada com freqüência. Nosso companheiro Celestino Silveira incumbiu-se dessa reportagem, quando de passagem pela Espanha, ao regressar das comemorações do Ano Santo, em Roma — e vai ser essa uma das curiosas atrações do nosso próximo número.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Ritmos Gitanos no Rio (Albino Canalini) 4/7
Já se faz teatro sério no Brasil (Armando Pacheco) 10/12
Padroeiros populares do Brasil (Barnabé de Campos) 20/21
A Natureza também ... (Moacir de Lacerda) 22/23
Romaria a Fátima (Celestino Silveira) 24/34
Assim se passeia em ... (João Alvarenga) 52/54

CURIOSIDADES

Exilado porque muito amou 16/17
Butterfly 1950 (Alexandre Leventis) 50/51

LITERATURA

A Desconhecida do Sena (Edmundo Lys) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 14/15
Mas será possível? (Lívio Brasil) 18
A peixada em Mangaratiba (Antonio Bulhões) 35

HUMORISMO

Bom humor 13
Ainda não há televisão (Theo) 19
Criatura de Deus (Nicodemus) 36

FEMININAS

De Hollywood 37
Blusas modernas 38
Duas peças originais 39
Betty Grable apresenta 40
Modelos de Claudette Colbert 41
Week-end na Cozinha 42/43

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista - Personagem da Semana 8
Puxe pelo cérebro — Palavras Cruzadas 9
A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 44
Música (Roberto Lyra F°) 46
Tudo isto aconteceu 55/57

FOLHETIM

Romance na Chuva 49

FOTOS

Arnaldo Vieira
R. Rêgo
Celestino Silveira
Avulsas

BONECOS

Rafael

ILUSTRAÇÕES

Jeronimo Ribeiro

★

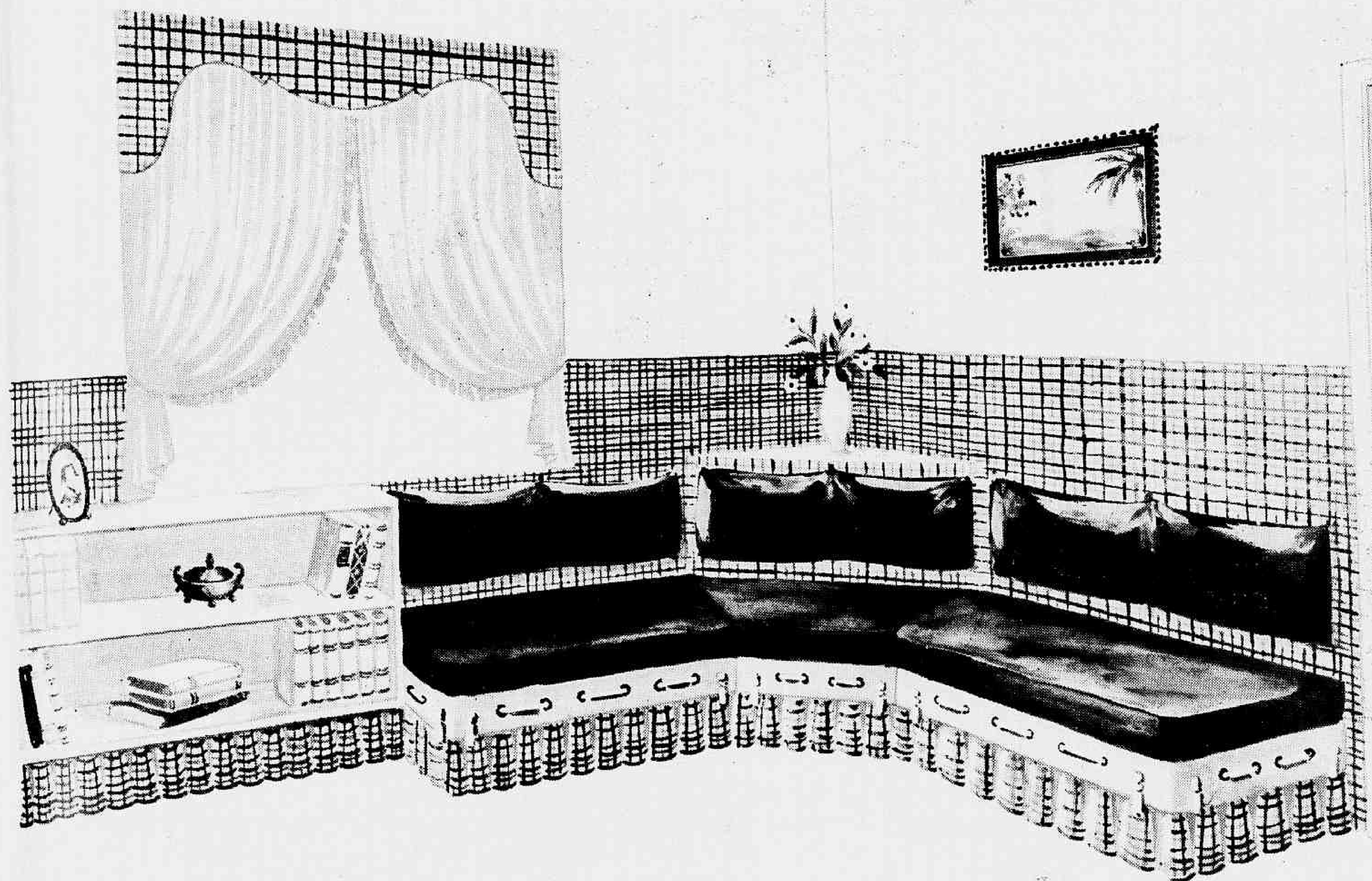
NA CAPA

N. S. de Fátima

Puxe pelo cérebro

(Respostas ao Teste da pág. 7)

1 — Epitácio Pessoa
2 — Jean Nicot
3 — Eusébio de Queiroz (1850)
4 — Da Bahia (1699)
5 — Grande poetisa e ... (do Rio Grande do Norte)
6 — Ana Néri (por seu ... na guerra do Paraguai)
7 — No segundo domingo de maio de cada ano
8 — 1932 (Decreto 21 ... de 5 de maio de 1932)
9 — 26-9-1889 (No Teatro Lírico)
10 — Em menos de um ... (1891)
11 — Depois de ter assistido à ópera «O Guarani»
12 — Ray Milland (No filme «Farrapo Humano»)
13 — Incendiou os seus navios
14 — Iangtsé
15 — O cônego Januário da Cunha Barbosa
16 — Nenhum
17 — Joan Crawford («Alma em Suplício»)
18 — Três (1871-72, 1876-77, 1887-1888)
19 — A baleia
20 — Saturno.



MOVEIS DECORAÇÕES

orçamentos e sugestões executados por técnicos-decoradores

Especialidade em
GRUPOS ESTOFADOS
prontos para entrega imediata



TAPETES E PASSADEIRAS de todo o mundo, fabricados especialmente para



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A Sociedade Hípica Brasileira, no Rio de Janeiro, é o ponto de reunião predileto dos amantes da equitação

aí se encontram os cigarros Hollywood



Antes e depois da competição... cabe um Hollywood, o cigarro elegante por excelência. Hollywood torna ainda mais aprazíveis as horas de lazer. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados fizeram de Hollywood o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood!

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

SS.031